



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

**Proposta de Requalificação Urbanística  
do Planalto do Ingote (Coimbra)**

Ana Cláudia Rodrigues Nascimento

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Lúcia Virtudes

Co-orientador: Prof. Doutora Irene Mendoza Garcia

**Covilhã, Outubro de 2018**



## Agradecimentos

Expresso aqui o meu agradecimento a todos aqueles, que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos a realizar mais uma etapa. Desta forma, deixo apenas algumas palavras, com um profundo sentimento de agradecimento.

Á minha orientadora Prof. Dra. Ana Lúcia Virtudes, pela sua orientação, apoio, disponibilidade, compressão e dedicação que mostrou ao longo deste processo, bem como todos os ensinamentos transmitidos e palavras de incentivo que, contribuíram bastante tanto a nível decisivo neste trabalho como também a nível de aprendizagem pessoal.

Á minha co-orientadora Prof. Doutora Irene Mendoza Garcia, pela disponibilidade com que sempre me recebeu, mas também pela dedicação apoio e entusiasmo que sempre mostrou durante todo este processo, bem como os ensinamentos e palavras de apoio em instantes essenciais.

Aos meus pais por todo o esforço, apoio e dedicação fizeram para proporcionar a conclusão desta grande etapa no percurso académico.

Ao meu namorado António Fonseca por ter caminhado ao meu lado ao longo deste processo, apoio, paciência e incentivo que me deu ao logo destes últimos meses de forma a atingir os meus objetivos. Também quero agradecer por toda a metodologia e ensinamentos partilhados.

Ás minhas melhores amigas Bruna, Diana e Betty, pelo apoio e amizade inabalável e por estarem presentes em todos os momentos da minha vida.

Ao meu amigo Daniel Santos, por ter caminhado comigo nesta longa jornada e por todos os ensinamentos, apoio, horas de dedicação e pelas conversas, um especial obrigado pela ajuda longo deste trabalho.

Por fim, o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação.



## Resumo

A problemática dos bairros sociais é uma temática alvo de diversas investigações e estudos quer no âmbito projetual da arquitetura quer no domínio da escala urbanística. São diversos os exemplos de teses ou dissertações centradas nesta temática. Contudo, muito há ainda para aprofundar pois cada caso é um exemplo não desprovido de interesse científico. Ora o planalto do Ingote na cidade de Coimbra, constituído por três bairros sociais que marcaram épocas distintas, inseridos na política de habitação em Portugal, é disso um exemplo.

O Bairro do Ingote de 1975, o Bairro António Sérgio da década de 1980 e o Bairro da Rosa da década de 1990 são associados a uma periferia problemática, com problemas de cariz social, económico e urbanístico, que merecem uma ação de requalificação urbana que os devolva à cidade.

Neste contexto, sendo os bairros entidades sociais complexas, nas últimas décadas o rápido crescimento urbano tem vindo a contribuir para a mudança da identidade espacial, deixando espaço para novas interrogações sobre o conceito de bairro e o seu papel na cidade. Ora, a presente dissertação tem como o objetivo geral, a análise territorial e a conceção de estratégias urbanas para a requalificação e reintegração do Planalto do Ingote na cidade de Coimbra. A sua localização geográfica na periferia da cidade, torna-o alvo de alguma exclusão social e urbana. Neste sentido é essencial compreender que o desenho urbano poderá desempenhar um papel importante para um desenvolvimento de estratégias de integração deste bairro na malha urbana.

Como principal conclusão a proposta de intervenção urbanística manterá o número aproximado de fogos preexistentes e intervirá ao nível dos espaços públicos criando zonas de lazer, espaços verdes e equipamentos de utilização coletiva como o Quartel dos Bombeiros. Este edifício será um elemento chave na identidade do local e de modo a promover a segurança dos seus habitantes. Espera-se que tais medidas possam vir a contribuir para que os moradores do Ingote sintam orgulho no seu bairro atraindo visitantes.

## Palavras-Chave:

Bairros sociais; Requalificação urbanística; Planalto do Ingote; Coimbra;



## Abstract

The problematic of the social neighborhoods is a thematic subject of several investigations and studies both in the projectual scope of the architecture and in the domain of the urban scale. There are several examples of theses or dissertations centered on this theme. However, there is much to deepen as each case is an example not devoid of scientific interest. The Ingote plateau in the city of Coimbra, made up of three social districts that marked different periods, inserted in the housing policy in Portugal, is an example of this.

The neighborhood Ingote in 1975, the António Sérgio neighborhood of the 1980s and the Bairro da Rosa in the 1990s are associated with a problematic periphery, with social, economic and urban problems, which deserve a return to the city.

In this context, neighborhoods are complex social entities, in the last decades rapid urban growth has contributed to the change of spatial identity, leaving room for new questions about the concept of neighborhood and its role in the city. This dissertation has as its general objective the territorial analysis and the design of urban strategies for the requalification and reintegration of the Ingote Plateau in the city of Coimbra. Its geographical location on the outskirts of the city makes it the target of some social and urban exclusion. In this sense, it is essential to understand that urban design may play an important role in developing strategies for integrating this neighborhood into the urban mesh.

As a main conclusion the proposal of urban intervention will maintain the approximate number of preexisting fires and will intervene at the level of public spaces creating laser zones, green spaces and equipment of collective use as the Barracks of Firemen. This building will be a key element in the identity of the place and in order to promote the safety of its inhabitants. It is hoped that such measures could help Ingote residents feel proud of their neighborhood by attracting visitors.

## Keywords:

Social neighborhoods; Urban requalification; Planalto do Ingote; Coimbra;



*“Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir.”*

(Távora, 1982, p.31)

# Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	vii
Índice	x
Lista de Figuras	xiv/xvi
Lista de Tabelas	xviii
Lista de acrónimos	xix
<b>CAPÍTULO 1. Introdução</b>	<b>1</b>
1.1 Justificação da proposta	1
1.2 Objetivos	3
1.3 Metodologia	4
1.4 Estrutura	5
<b><u>PARTE I-Enquadramento teórico: Bairros periféricos</u></b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 2. As Cidades e o crescimento das Periferias</b>	<b>9</b>
2.1 Seculo XIX	9
2.2 Seculo XX	15
<b>CAPÍTULO 3. Bairros sociais: requalificações marcantes</b>	<b>19</b>
3.1 Bairro de la mina, Barcelona	19
3.2 Requalificação do Bairro Rainha D. Leonor, Porto	21
3.3 Requalificação do bairro de Contumil, Porto	22

<b>CAPÍTULO 4. Bairros periféricos na cidade de Coimbra</b>	<b>25</b>
4.1 Definições de bairro	25
4.2 Políticas de habitação social em Portugal	27
4.3 Os bairros sociais na malha urbana de Coimbra de meados do século XX	32
4.4 A influência do desenho urbano na problemática dos bairros	38
<b><u>PARTE II-Caso de estudo: Planalto do Ingote-Coimbra</u></b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO 5. Análise crítica e morfológica</b>	<b>43</b>
5.1 Localização	43
5.2 Origem do bairro	45
5.3 Análise morfológica	48
<b>CAPÍTULO 6. Proposta de Requalificação Urbanística</b>	<b>59</b>
6.1 Referências e influências	59
6.2 Descrição geral da solução de desenho urbano	65
6.3 Descrição particular	70
6 .3.1 Sector I habitação	70
6.3.2 Sector II – Parque e equipamento	74
6.3.3 Sector III- equipamento	76
6.4 Síntese de alguns aspetos construtivos	77
<b>CAPÍTULO 7. Conclusão</b>	<b>81</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>83</b>

<b>Anexos</b>	89
Anexos I- Caracterização dos edifícios existentes a demolir	91
Anexos II- Desenhos da proposta	100
Anexos III- Documentação	153



## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Formação do Ring de Viena, cidade fortificada seculo XVI e XVII	10
<b>Figura 2.</b> Centro de Viena, segunda metade do seculo XIX	10
<b>Figura 3.</b> Crescent and circus Londres – Inglaterra	11
<b>Figura 4.</b> Cidade Linear Sória e Mata	13
<b>Figura 5.</b> Cidade Jardim de Ebenezer Howard	14
<b>Figura 6.</b> Cidade Industrial, Tony Garnier	15
<b>Figura 7.</b> Fotografia aérea da localização do Bairro de La Mina em Barcelona	19
<b>Figura 8.</b> Planta e Foto Aérea do Bairro de La Mina, Barcelona	20
<b>Figura 9.</b> Localização do Bairro D. Leonor no Porto	21
<b>Figura 10.</b> Bairro Rainha D. Leonor, Porto.	21
<b>Figura 11.</b> Proposta para o novo Bairro D. Leonor	22
<b>Figura 12.</b> Localização do Bairro Contumil, Porto	22
<b>Figura 13.</b> Bairro Contumil, Porto	23
<b>Figura 14.</b> Desenhos sobre a formação de bairros	26
<b>Figura 15.</b> Desenhos sobre a formação de bairros	27
<b>Figura 16.</b> Desenhos sobre a formação de bairros	27
<b>Figura 17.</b> Colóquio sobre Política de Habitação, Diário de Lisboa, 1969	29
<b>Figura 18.</b> Colóquio sobre Política da Habitação. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, 1969	30
<b>Figura 19.</b> Cidade de Coimbra	32
<b>Figura 20.</b> Evolução da cidade de Coimbra	33
<b>Figura 21.</b> Esquema da cidade de Coimbra	35
<b>Figura 22.</b> Mapa da cidade de Coimbra, classificação das áreas seguras e inseguras	39
<b>Figura 23.</b> Localização do distrito de coimbra, mapa de Portugal	43
<b>Figura 24.</b> Mapa do distrito de Coimbra	44
<b>Figura 25.</b> Mapa do concelho de Coimbra em relação com o caso e estudo	44
<b>Figura 26.</b> Foto aérea do Planalto do Ingote	45
<b>Figura 27.</b> Organização do tecido urbano do Planalto do Ingote 1/5000	49
<b>Figura 28.</b> Bairro do Ingote	51
<b>Figura 29.</b> Bairro do Ingote	51
<b>Figura 30.</b> Bairro António Sérgio	52

<b>Figura 31.</b> Bairro da Rosa	53
<b>Figura 32.</b> Bairro da Rosa	53
<b>Figura 33.</b> Bairro da Rosa	54
<b>Figura 34.</b> Bairro da Rosa	54
<b>Figura 35.</b> Análise parcelar fundaria do Planalto	56
<b>Figura 36.</b> Estudo da funcionalidade dos equipamentos	57
<b>Figura 37.</b> Habitação Social, Bolzano Itália	60
<b>Figura 38.</b> Habitação Social, Bolzano Itália	60
<b>Figura 39.</b> Edifício Miradouro em Sanchinarro, Madrid	61
<b>Figura 40.</b> Edifício Miradouro em Sanchinarro, Madrid	61
<b>Figura 41.</b> Edifício Celsoisa em Sanchinarro, Madrid	62
<b>Figura 42.</b> Edifício Celsoisa em Sanchinarro, Madrid	62
<b>Figura 43.</b> 245 Habitações Sociais, Provenir, Sevilha.	63
<b>Figura 44.</b> Edifício Vanke, China	63
<b>Figura 45.</b> Madrid Rio, Madrid	64
<b>Figura 46.</b> Nashville Park, Tennessee, EUA	64
<b>Figura 47.</b> Planta do existente do Planalto do Ingote	66
<b>Figura 48.</b> Estratégia em maquete da proposta	68
<b>Figura 49.</b> Planta geral da proposta	69
<b>Figura 50.</b> Maquete virtual da proposta	69
<b>Figura 51.</b> Planta Sector I	70
<b>Figura 52.</b> Esquema de tipologias dos edifícios 1 e 2(áreas uteis em m2)	71
<b>Figura 53-</b> Esquema das zonas de comércio e serviços edifícios 1 e 2	71
<b>Figura 54.</b> Render sector I, edifício 1 e 2	72
<b>Figura 55.</b> Esquema de tipologias do edifício 3 (áreas uteis em m2)	73
<b>Figura 56.</b> Esquema das zonas de comércio e serviços do edifício 3	73
<b>Figura 57.</b> Render Sector I, edifício 3	74
<b>Figura 58.</b> Planta do Sector II	75
<b>Figura 59.</b> Render sector II, vista parque	76
<b>Figura 60.</b> Planta do sector III, Quartel de Bombeiros	76
<b>Figura 61.</b> Render sector III, vista para o Quartel de Bombeiros	77

<b>Figura 62.</b> Bloco de pavimento	78
<b>Figura 63.</b> Lajetas de betão	78
<b>Figura 64.</b> Pavimento em neoasfalto	78
<b>Figura 65.</b> Papeleiras	79
<b>Figura 66.</b> Bebedouro	79
<b>Figura 67.</b> Balizadores	79
<b>Figura 68.</b> Banco de jardim	79
<b>Figura 69.</b> Equipamento desportivo, barras de flexão	80
<b>Figura 70.</b> Equipamento desportivo, barras paralelas	80
<b>Figura 71.</b> Equipamento desportivo, pontos de equilíbrio	80
<b>Figura 72.</b> Máquina desportiva exterior, cintura	80
<b>Figura 73.</b> Máquina desportiva exterior, patins	80
<b>Figura 74.</b> Máquina desportiva exterior, pónei	80



## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Tabela 1- Sectores	67
<b>Tabela 2.</b> Quadro de áreas correspondentes aos edifícios 1 e 2	72
<b>Tabela 3.</b> Quadro de áreas correspondente ao edifício 3	73
<b>Tabela 4.</b> Quadro de áreas do sector II	75
<b>Tabela 5.</b> Quadro de áreas do sector III	77



## Lista de Acrónimos

<b>LENEC</b> - Laboratório Nacional de Engenharia	29
<b>AMBI</b> - Associação de moradores do Bairro do Ingote	55
<b>FOLHA 1(...)</b> - Lista de Pelas desenhadas	65





# CAPÍTULO 1. Introdução

## 1.1 Justificação para a proposta

Nesta dissertação pretende-se abordar de forma sintetizada a problemática do crescimento das periferias na cidade, e por consequência o aparecimento da habitação social. Segundo Patrícia Coelho<sup>1</sup>, o crescimento desordenado e excessivo nas cidades modernas provocou, na segunda metade do século XX, uma grave crise habitacional. Refere autora <sup>2</sup> que, o desequilíbrio da expansão urbana, demonstrou a incapacidade do poder público e da estrutura da cidade em responder e revolucionar os problemas da habitação emergente. Postos estes acontecimentos, o ano de 1960 pode ser considerado marcante em Portugal dando-se o primeiro Colóquio de Arquitetura, tendo como objetivo debater e consciencializar a população para o direito à habitação.

A rigidez da arquitetura tradicional, vinculada por modelos de habitar limitados a blocos residenciais não respondia às necessidades levantadas pela grave problemática habitacional, tornando-se necessário pensar numa forma de arquitetura, que incluísse as necessidades da sociedade da época.<sup>3</sup> Buscava-se de uma construção quantitativa que expandisse a cidade de forma ordenada, surgindo a tipologia de habitação evolutiva, uma estratégia que não só assegurava a evolução do tecido residencial segundo um sistema de organização ordenado pelo arquiteto, mas também permitia a evolução qualitativa da habitação.<sup>4</sup>

A arquitetura à escala urbana, enquanto desenho da cidade, depara-se com uma série de interrogações, acerca das alternativas surgidas após a segunda guerra, que perduram até aos nossos dias.<sup>5</sup> estas problemáticas arrastam ainda hoje as sequelas da rutura criada entre o urbanismo moderno em relação à cidade tradicional e a dificuldade que os arquitetos modernos tiveram em definir formas urbanas adequadas à sociedade que pretendiam requalificar.<sup>6</sup> Refira-se a propósito que a arquitetura *“introduz no planeamento e no urbanismo um objetivo fundamental: a construção da FORMA DO ESPAÇO HUMANIZADO”* <sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> Coelho, Patrícia Silva (2016) O TEMPO DE HABITAR Três experiências evolutivas. FCTUC, Coimbra. P.1

<sup>2</sup> Idem; P.1

<sup>3</sup> Idem; P.1

<sup>4</sup> Idem; P.1

<sup>5</sup> Lamas, José M. Ressano Garcia. (2017) Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. P. 24

<sup>6</sup> Idem; P.24

<sup>7</sup> Idem; P.26

Ora, o despertar para a importância de planear a habitação e as respetivas transformações urbanas no tempo e no espaço, levou a reconhecer que as carências da vida social não se resumiam à função de habitar nem à habitação, mas sim a um conjunto de equipamentos coletivos, capazes de dinamizassem a vida em comunidade, demonstrando a importância de desenhar um tecido urbano com espaços de carácter privado, complementados com a habitação, em e com espaços de carácter público de formar a criar uma estrutura capaz de oferecer urbanidade. Posto isto a habitação evolutiva deixou de ser pensada individualmente, passando a fazer parte de um processo de urbanização evolutiva que englobava a evolução territorial em simultâneo. José Lamas<sup>8</sup> defende que *“O desenho urbano não deve ser o desenho dos edifícios ou factos construídos, mas o (...) da «estrutura», o (...) daquilo que une e relaciona os diferentes elementos morfológicos ou as diferentes partes da cidade.”*

Ana Pião<sup>9</sup> aborda, a falta de interligação na cidade, aliada no seu crescimento que fragmenta o tecido urbano, desvinculando as relações sociais, culturais, económicas e até territoriais. Sendo assim, a qualidade dos territórios urbanos poder-se-á classificar pela aglomeração de pessoas, serviços e infraestruturas, tendo como oposto os vazios urbanos, que são zonas maioritariamente degradadas e que muitas vezes levam a criação de guetos.

No caso de Coimbra, Santos<sup>10</sup> fala que o crescimento da periferia urbana em Coimbra assumiu nas três últimas décadas uma notória incidência sobre a extensão rural envolvente, conferindo-lhe novas configurações pela dispersão das áreas construídas. A semelhança a ocupação edificada do território tornou-se progressivamente mais fragmentada e diluída na direção dos núcleos periurbanos, proferindo uma expansão da cidade robustecida pela centralidade da zona histórica. Também esta cidade é composta por bairros, que com o tempo foram formando as periferias, tais como o Bairro Camarário do Ingote, de cariz social, cuja a origem á década de 1975 Localiza-se no cimo de uma das colinas que caracterizam a na periferia da cidade. Á semelhança de outros bairros sociais, caracteriza-se por uma serie de problemas quer de ordem socioeconómica, arquitetónica e espacial. É composto maioritariamente por famílias carecidas, habitações degradadas e total ausência de espaços coletivos, nomeadamente

---

<sup>8</sup> Lamas, José, 2017. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. Página 125

<sup>9</sup> Pião, Ana I.R. (2015) Coimbra, cidade de bairros. Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote FCTUC, Coimbra. Páginas 39,41

<sup>10</sup> Santos, José L. F. (2008) Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra. ISCTE, Lisboa. Prologo, Página 1.

## 1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho consiste, no estudo dos bairros sociais e das suas problemáticas. Centra-se no estudo de caso do Planalto do Ingote em Coimbra de modo a apresentar uma solução através do desenho urbano de forma a requalificar uma das zonas mais problemáticas da cidade.

Para tal é necessário efetuar as seguintes análises:

1. Abordar o crescimento das periferias nas relacionando com a cidade de Coimbra atualmente;
2. Analisar bairros sociais que tenham sofrido as ações de requalificação e relacionar com estudo de caso;
3. Analisar os conceitos de bairro e bairro social e as tipologias habitacionais que lhe estão associados;
4. Analisar o enquadramento urbano e morfológico do Planalto do Ingote;
5. Com base na análise elaborada anteriormente, propor uma solução de desenho urbano que se organize em três sectores; o primeiro refere-se à requalificação do Bairro da Rosa e dos espaços verdes através da habitação, serviços e comércio de forma a dinamizar este local com a cidade; o segundo à requalificação e criação de uma parque verde de apoio ao bairro e a cidade com suportes de equipamentos desportivos, um centro de cívico, e hortas sociais; e no terceiro sector um edifício público, para o corpo de bombeiros, sendo este um equipamento emblemático espera-se que a sua presença contribua para reforçar a continuidade do bairro com a restante malha urbana.

O desenvolvimento da proposta advém pelo interesse do estudo globalizado sobre bairros sociais e os fatores que frequentemente a sua exclusão social, nomeadamente a sua localização geográfica desfavorável nas periferias. Espera-se que esta solução possa vir a contribuir como exemplo da criação de uma centralidade no Planalto do Ingote.

## 1.3 Metodologia

A metodologia adotada consistiu nas seguintes etapas:

**1. Desenvolvimento do corpo teórico da dissertação: Origem das periferias e aparecimento dos bairros sociais.**

a) Análise, compilação e tratamento de informação, com base pesquisa bibliográfica composta por compilações diversas, tais como dissertações, e teses académicas, livros e revistas científicas e projetos arquitetónicas;

b) Elaboração de uma contextualização teórica/temática, através da análise e comparação de conceitos relativos ao tema em análise;

c) Análise comparativa de requalificações marcantes de bairros sociais de forma a enriquecer a componente de estudo e a aprendizagem desta dissertação, servindo de inspiração para o Planalto do Ingote

**2. Caracterização da área de estudo: Planalto do Ingote**

a) Recolha de informação in situ: caracterização da

b) Observação direta e participativa no local a intervir;

c) Levantamento fotográfico

d) Levantamento de elementos cartográficos e topográficos do local a intervir;

e) diagnóstico dos problemas e potencialidades

**3. Desenvolvimento do corpo prático da dissertação: Proposta de desenho urbano para o Ingote.**

a) Desenvolvimento da proposta de requalificação urbanística

b) Elaboração de maquetes de estudo e desenvolvimento do respetivo conceito

## **1.4 Estrutura**

A presente dissertação encontra-se organizada em duas partes, uma primeira de cariz teórico, PARTE I-bairros periféricos (Cap. 2,3, e 4) Começa por analisar as cidades o crescimento das periferias (Cap. 2.), prossegue pela análise de requalificações marcantes de bairros sociais (Cap.3) tendo como exemplos as cidades de Barcelona e do Porto, e termina com uma abordagem dos bairros periféricos da cidade do Coimbra.

A parte prática PARTE II- estudo de caso: Planalto do Ingote, é onde se enquadra e apresenta o projeto (Cap. 5 e 6), sendo que tem início com o enquadramento urbano, análise crítica e morfológica(Cap.5) ou seja uma caracterização exaustiva da área de estudo e termina com a solução de desenho urbano.



## **PARTE I**

### **Enquadramento teórico: Bairros periféricos**



## CAPÍTULO 2. As Cidades e o crescimento nas periferias

Este capítulo tem como intenção abordar a temática da cidade moderna do séc. XIX, e as modificações mais importantes que ocorreram na sua estrutura, como sejam o aparecimento de novas tipologias habitacionais e a reestruturação da cidade de forma a adaptar-se às modificações que ocorreram induzidas pela Revolução industrial. Neste contexto, procurou-se acompanhar todo o processo de crescimento das periferias no séc. XX até a atualidade, comparando com a cidade do caso de estudo.

### 2.1 Seculo XIX

No seculo XIX, a cidade moderna ficou marcada por uma série de acontecimentos aos quais no âmbito Revolução industrial.

Tratou-se de um período de *“Modificações sociais importantes determinam profundas transformações nas cidades e a sua adaptação a necessidades de infraestruturas, equipamentos, habitação, e novas exigências espaciais (...). Todavia (...) o desenho urbano vai continuar as regras tradicionais de composição do espaço e de relacionamento das suas partes, ou «elementos morfológicos». A rua, a praça, a avenida, as relações entre edifício fachada – espaço urbano, a utilização de quadriculas e traçados, etc. A rutura morfológica que se processa (...) é de dimensão, escala e forma geral (...) a cidade deixa de ser uma entidade física delimitada para alastrar pelo território, dando início ao aparecimento de ocupações dispersas e á indefinição dos perímetros urbanos. É esta a primeira grande rutura produzida pela cidade moderna. Em contrapartida, no (...) serão produzidas as complexas estruturas e morfologias urbanas que marcam o apogeu da cidade tradicional e tardo-barroca.”*<sup>11</sup>

Neste contexto, tratar-se de uma época marcada por vários acontecimentos, com origem em Inglaterra, expandindo-se rapidamente para a Europa Ocidental e Estados Unidos. Para além de ter um grande impacto nos sectores agrícolas e económicos ouve influencias na modificação da morfologia urbana, com o aparecimento de novas tipologias urbanas nas periferias, onde-se localizavam as grandes indústrias.

---

<sup>11</sup> Lamas, José, 2017. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. P.203

Segundo José Lamas<sup>12</sup> a cidade moderna, torna-se assim um aperfeiçoamento da cidade burguesa, continuando a utilizar o mesmo sistema de traçado, quadriculas, quarteirões, ruas, avenidas e praças, mas enriquecida através das inovações espaciais como por exemplo os jardins, parques alamedas, passeios públicos, avenidas e *Boulevards*, tornando a estrutura urbana mais complexa. Também a introdução de equipamentos e serviços gerou a renovação e a reestruturação de áreas degradadas da, sendo essas usadas para gares de caminhos-de-ferro, hospitais, escolas, grandes armazéns comerciais e locais de diversão e lazer. Segundo o autor<sup>13</sup>, em paralelo com o fenómeno da industrialização, o aparecimento de novas armas e novas estratégias militares definiram a partir desta altura a organização e a ocupação do território, tornado as muralhas que até essa data eram usadas como defesa da cidade, num elemento morfológico pouco útil. Serão mais tarde demolidas derivado ao grande consumo de solo por parte da industrialização e ao aumento da população, criando-se nessa área desocupada anéis viários envolventes, intitulados como *Boulevards* que substituíam a teriam a função de proteção continuando a delimitar um espaço. Tal facto pode observar-se na figura 1 que representa a Cidade de Viena de Áustria com a muralha medieval, contendo o núcleo urbano principal.

Na segunda imagem, observa-se a cidade já sem muralha, contudo a sua marca ficou registada na morfologia urbana construída posteriormente. Com a construção destes grandes anéis viários, a cidade expande-se e fragmenta-se do território envolvente, e a periferia cresce como uma cintura habitacional industrial.



Figura 1- Formação do Ring de Viena, cidade fortificada século XVI e XVII



Figura 2- Centro de Viena, segunda metade do século XIX

<sup>12</sup> Idem, P.P 203, 204

<sup>13</sup> Idem, P.P 204,206

Em Inglaterra as primeiras intervenções são relativas nos subúrbios remontam a época Jorge II, nos arredores da cidade de Londres. Projetaram-se habitações de qualidade inseridas no meio de jardins ou parques, indo ao encontro da ideologia da conciliação entre a cidade e o campo, caracterizadas pela baixa densidade utilizando tipologias de *crescent and circus*, que se abrem a grandes espaços verdes, como se pode visualizar na figura 3. <sup>14</sup>

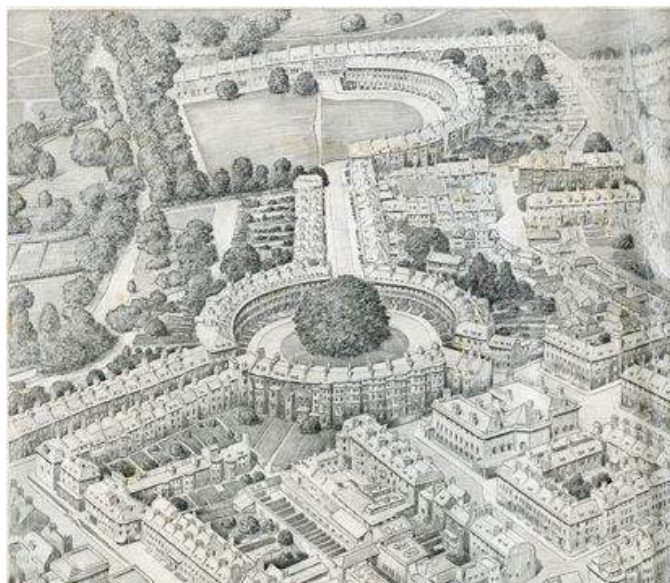


Figura 3 -Crescent and circus Londres – Inglaterra

A presença das massas operárias face a escassez, na generalidade das cidades europeias oitocentistas, despertou a atenção a temática habitacional que ocupou grande destaque nos debates da época. O êxodo rural e o crescimento populacional na cidade influenciado pelas oportunidades de emprego, despertaram a necessidade de construir novos bairros, assim O edifício de habitação consagrado num o modelo de espaço monofuncional monótono e agregado a unidades idênticas supostamente baseadas no pressuposto ideológico na igualde.<sup>15</sup>

Para Ana Virtudes com a oferta de transportes e a disponibilidade de espaços vão permitir a localização de construções habitacionais de baixa densidade na periferia da cidade. Os novos meios de transporte vão permitir a ligação de centros urbanos e locais de emprego a periferia, sendo o solo mais barato e permitindo ao subúrbio uma concentração urbana.

<sup>14</sup> Lamas, José,2017. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian Página 206

<sup>15</sup> Virtudes, Ana Lúcia,2017. Urbanística. Moderna em Portugal (1834-1948) Santarém, Um caso exemplar. Nota de rodapé edições. Página 153.

Para Lamas<sup>16</sup>, na cidade industrial, o desequilíbrio entre a procura e a oferta de alojamento, fez com que as construtoras sobrepusessem o interesse económico ao desenho urbano, começando a construir edifícios habitacionais incompatíveis com a cidade no seu todo. São construídas inúmeras quadriculas de loteamentos sem qualquer preocupação urbanística ou estética. As *bye Laws*, de origem inglesa são caracterizadas pelo seu tecido habitacional monótono de extensas ruas, sem qualquer estética. Os interiores dos quarteirões são densificados, aparecendo as «ilhas» tão características da cidade do Porto, como aproveitamento do solo, para construção de casas operárias mais desfavorecidas. A cidade desenvolve-se então por extensão de loteamento e não pela organização e coerência do desenho urbano. São estas urbanizações de cariz social e a situação e carente situação sanitária que motivaram o pensamento urbanista e higienista que se afirmaram posteriormente Segundo o autor<sup>17</sup>, os problemas que surgiram na cidade industrial e burguesa, suscitaram preocupações de cariz social pondo em hipótese criação de uma nova comunidade por reformas socioeconómicas. Numa primeira etapa teorizada, depois levada à prática, com um conjunto de experimentações de habitação coletiva, os falanstérios, os familistérios e outras utopias sociais, que propuseram a transformação da cidade utilizando estas tipologias com diferentes distribuições arquitetónicas e territoriais, face as condições sociais operárias. De acordo com a mesma fonte <sup>18</sup>, para uma nova estrutura social, devem surgir respostas inovadoras, passando por uma solução de uma nova organização social e territorial. Robert Owen e Charles Fourier propuseram respetivamente o falanstério e o familistério como soluções, passando pela construção de edifícios que esquematicamente se aproximassem ao grande Palácio de Versalhes em França. Com todas estas repercussões na segunda metade do século XIX, vão aparecer várias propostas de organização urbana, à alternativas a cidade burguesa e industrial, utilizando como grande potencializador o desenvolvimento tecnológico da época, tendo como exemplos a cidade linear de Sória e Mata que articula o caminho de ferro com o desenvolvimento urbano como se pode observar na figura 4.

---

<sup>16</sup> Lamas, José, 2017. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian P.208

<sup>17</sup> Idem, P.210

<sup>18</sup> Idem.

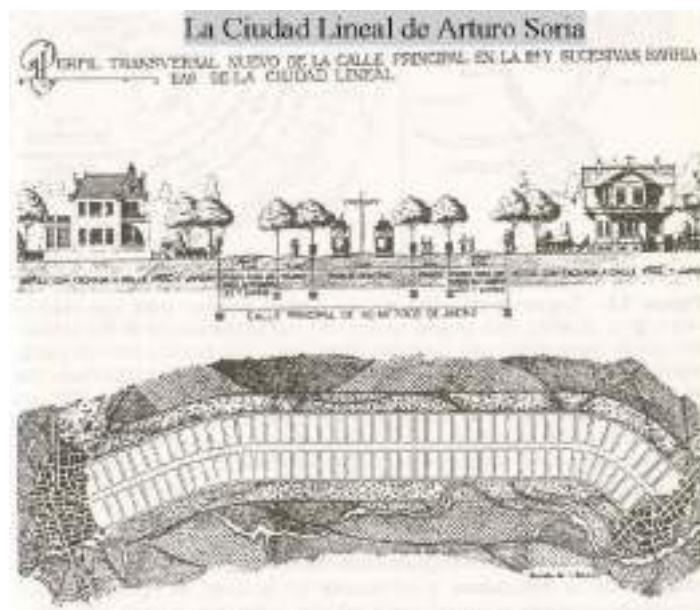


Figura 4- Cidade Linear, Sória e Mata

Este modelo teve grande influência em propostas análogas de Le Corbusier, ou dos construtivistas soviéticos.

As propostas de Eugéne Henard têm como princípio a adaptação da cidade face aos novos meios de transportes e às novas infraestruturas. No seu conjunto, a experimentação urbanística da segunda metade representa as transformações sociais, económicas e demográficas da revolução industrial.<sup>19</sup> Assim a arquitetura poder ser considerada um “o estudo de um modelo novo de cidade, distinto da tradicional, e começa quando os «artistas» e os «técnicos» chamados de colaborar na gestão da cidade pós liberais são capazes de propor um novo método de trabalho livre das anteriores divisões institucionais (...)”<sup>20</sup>.

Tendo em conta que a revolução industrial, havia já introduzido as primeiras grandes modificações estruturais nas cidades, o período moderno irá produzir uma rutura radical na estrutura, na forma, na organização e na distribuição da urbanística da cidade. A formulação da cidade moderna, como outras transformações importantes que ao longo da história não ocorreram de forma regular, tendo passado por vários processos experimentais com origem em vários lugares.

Em Inglaterra, segundo Rubin<sup>21</sup>, entre modelos e teorias, surgem dois modelos de Cidade que vão ter bastante destaque, a Cidade Jardim de Ebenezer Howard como se pode

<sup>19</sup> Lamas, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. P.212

<sup>20</sup> Benévolo, Leonardo, 2005. História da Cidade. Editora: Perspetiva. P. 615

<sup>21</sup> Rubin, G.R. (2013) Geografia Ensino & Pesquisa, P.60

observar na figura 5 e a Cidade Industrial de Tony Garnier como se pode observar na figura 6. O conceito de Cidade Jardim surgiu com o objetivo de solucionar os problemas de insalubridade e pobreza de Londres, criando um novo modelo de cidade, que se relacionassem com o campo e que fossem composta por habitações unifamiliares, amplas com jardim organizadas em grandes terrenos arborizados, de baixa densidade.

De acordo com José Lamas<sup>22</sup> a cidade industrial foi uma referência para os que visionaram a rutura e a cidade tradicional, advogando a sua evolução e adaptação. Contudo a sua obra indicava quer a continuidade quer a inovação.

Por último refira-se que neste capítulo não se pretendeu uma análise exaustiva da evolução e transformações urbanísticas nas periferias até aos dias e hoje, mas sim fazer uma breve análise de alguns aspetos que caracterizaram a sua origem no século XIX inícios do século XX.

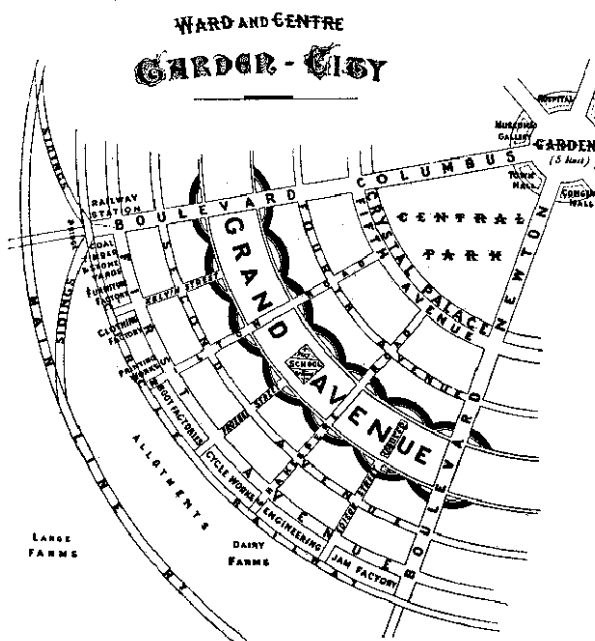


Figura 5 - Cidade Jardim de Ebenezer Howard

<sup>22</sup> Lamas, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. P.268,270

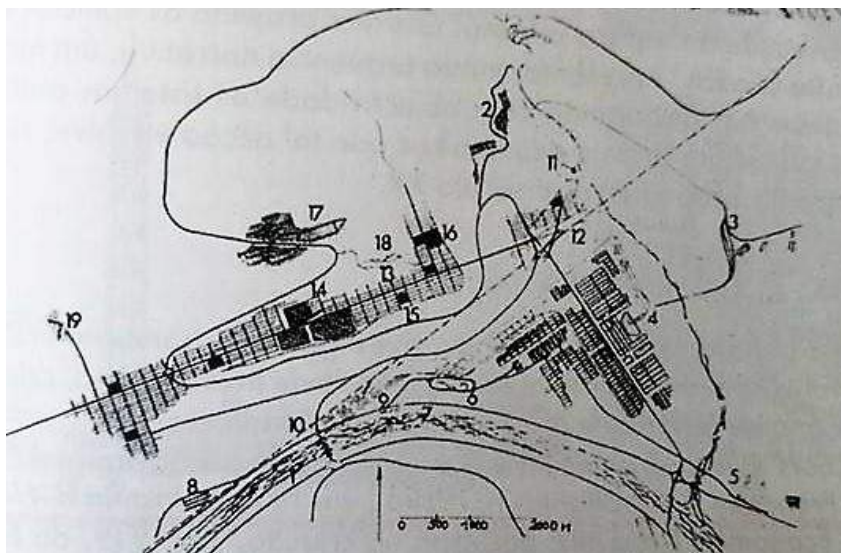


Figura 6- Cidade Industrial, Tony Garnier

## 2.2 Seculo XX

No dealbar do seculo XX continuaram profundas transformações nas periferias urbanas. Segundo José Lamas<sup>23</sup> após a segunda guerra mundial, e até setenta houve um profundo processo de construção e reconstrução das cidades destruídas, inspiradas nos modelos no ponto anterior. A burocracia conformista mais preocupada com os resultados quantitativos do que os qualitativos, tornou o planeamento mais operacional, ressaltando os aspetos mais negativos da arquitetura da cidade moderna. Formulam-se <sup>24</sup>, todas as experiências de destruição e abandono do quarteirão, da rua e da praça, sendo propostas tipologias em torre, banda, e bloco organizando a cidade numa de mistura funcional que se dividia em zonas rígidas, quebrada em termos de continuidade urbana. Numa segunda etapa a reconstrução das cidades e as necessidades habitacionais, levam à construção de novos bairros, novas cidades e a reconstrução dos centros urbanos, a um ritmo nunca antes visto, levando os políticos à procura de uma resposta rápida face à e eficaz face a problemática da habitação Segundo Ana Pião<sup>25</sup>,a arquitetura e o urbanismo moderno, pretenderam também romper com as formas tradicionais de construção, que não eram apenas caracterizados por estabelecer diferenças de materialidades ou estilos, mas sim de construir uma arquitetura funcional liberta oposta de qualquer continuidade histórica.

<sup>23</sup> Idem, 206

<sup>24</sup> Idem, P.206

<sup>25</sup> Pião, Ana I.R. (2015) Coimbra, cidade de bairros. Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote FCTUC, Coimbra. P.P 39,40

Sendo assim, poder-se-á concluir que as periferias urbanas foram marcadas por vários momentos tendo como ponto fulcral a Revolução Industrial. Todo este processo foi demorado, tendo grande impacto não só económico, mas também social, mudando a estrutura da malha urbana, o que obrigando a sociedade adaptar-se a uma nova realidade, face às necessidades e carências que ocorreram na altura. Todos estes fatores foram importantes para uma nova definição de território enquanto cidade. Para a autora<sup>26</sup>, atualmente, o aumento do tráfego aliado à fraca mobilidade e à pouca acessibilidade nas cidades são fatores que podem levar a casos extremos de marginalização, significando que a desarticulação urbana é consequência do processo de globalização, traduzindo-se num rápido crescimento económico. A falta de articulações e de dinâmicas de crescimento tem provocado a fragmentação das cidades em si mesmas e com o território que as rodeia. Veja-se a atual dependência do veículo automóvel no meio urbano, contudo, o vínculo entre a mobilidade e os espaços da cidade, que resulta num pluralismo urbano de cooperação e inter-relação de serviços e usos.

As cidades atuais são compostas por dinâmicas complexas, ritmos, movimentos regulares de entradas e saídas de pessoas bem e serviços, e de sequências e vivências. Tal significa que estão expostas a constantes mutações internas e externas. É derivado a estes fatores que frequentemente a periferia para além de ser uma condição urbana desarticulada do núcleo citadino, é também é onde se concentra grande parte dos assentamentos humanos. Consequentemente tem vindo a suscitar novos modos de teorizar e também uma nova forma de teorizar novas formas sociais.<sup>27</sup> Para Pião<sup>28</sup>, quando o fluxo entre o centro da cidade e a periferia não funciona, aparecem os guetos ou áreas suburbanas trata-se espaços exteriores que resultam não só dos vazios urbanos e da fragmentação urbanos, mas também da distribuição de serviços e funcionalidades anteriormente inseridos no núcleo central da cidade.

Hoje em dia as cidades, veem o seu ritmo oscilar entre aceleração ou abrandamento, associados, respetivamente, a um enorme crescimento ou a um total abandono. Para a autora<sup>29</sup> a globalização acarreta em si o processo de ocupação urbana, mas também, em simultâneo, o abandono. Assim sendo, a periferia das cidades deixa de ser meramente residencial, para começar a ser o local de eleição para a fixação de um determinado tipo de mercados e serviços, como comerciais industriais. **Em síntese** o subúrbio começou a aparecer assim como um território de oscilações entre, infra- estruturas comerciais e industriais e as habitações. A população começou a preencher a malha urbana da periferia derivado à sobrelotação nos centros

---

<sup>26</sup> Idem, P.P 40,41

<sup>27</sup> Idem, P.41

<sup>28</sup> Idem, P. 43

<sup>29</sup> Idem.

da cidade, sendo esses bastantes mais caros. Atualmente é bastante solicitada não só pelo preço mais baixo das habitações face a economia, mas também porque existe uma procura pela qualidade de vida.<sup>30</sup>

Por último refira-se que neste capítulo não se pretendeu uma análise exaustiva da evolução e transformações urbanísticas nas periferias ate aso dias e hoje, mas sim fazer uma breve analise de alguns aspe-tos que caracterizaram a sua origem no século XIX inícios do seculo XX.

---

<sup>30</sup> Idem, P.43



## CAPÍTULO 3. Bairros sociais: Requalificações marcantes

O capítulo presente, tem como intuito o estudo de diferentes bairros sociais. Escolheram -se o Bairro de la mina que se localiza em Barcelona, o Bairro de D. Leonor no Porto e o Bairro de Contumil, que também se localiza na cidade Porto, por se considerarem exemplos significativos de habitação coletiva de cariz social. Espera-se que estas soluções possam a vir a informar a proposta de requalificação urbana a desenvolver na parte II desta dissertação sintetizando e comparando as características que tem em comum entre eles. Refira -se a todos os objetivos de ações de requalificação urbana.

### 3.1 Bairro de la mina, Barcelona

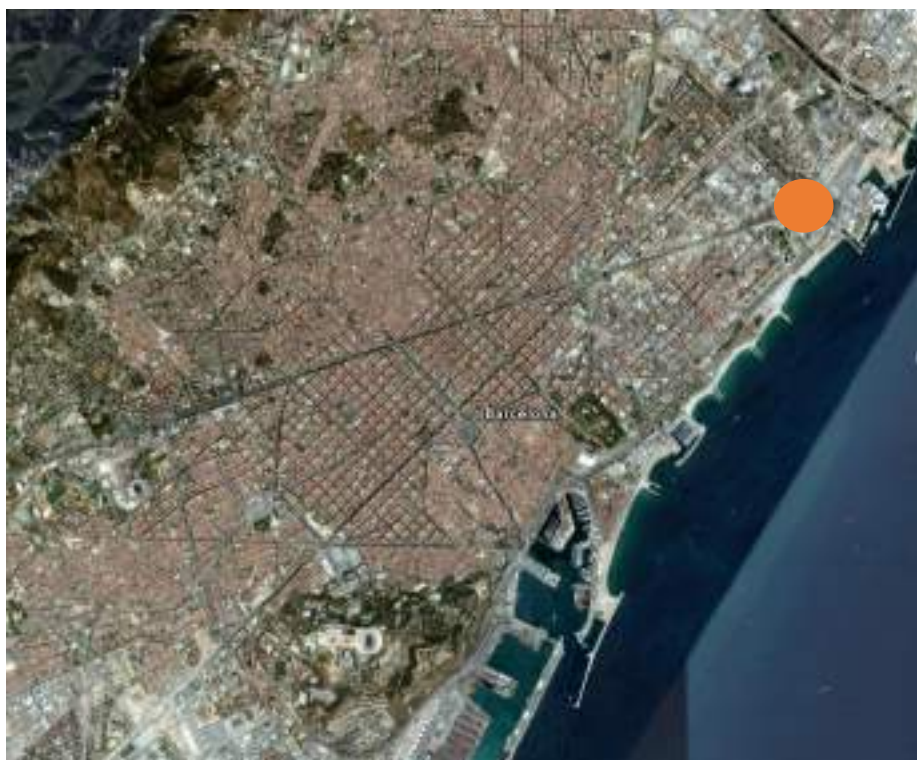


Figura 7 – Localização do Bairro de La Mina em Barcelona



*Figura 8 – Planta e Foto Aérea do Bairro de La Mina, Barcelona*

O Bairro da Mina com origem no ano de 1969, está localizado no extremo sudoeste do município de Sant Adrià, uma região de Barcelona, Espanha. Este município é separado do centro da cidade pelo rio Besòs ocupando uma área superficial de 727.497 m<sup>2</sup>, como se pode observar na figura 8.

Tratava-se de um bairro que se autodesenvolveu com a fixação de pessoas normalmente com problemas socioeconómicos naquela área. Fisicamente o bairro localizava-se isolado, através de áreas de uso industrial, ou áreas sem uso que rapidamente se tornavam aterros sanitários, dificultando a conexão com o bairro. O bairro de La mina albergava por volta dos 15.000 habitantes. Em 2001 data-se o plano de requalificação deste bairro um projeto que está para além de uma reabilitação urbana, projetada pela equipa Jornellppastor arquitetos.

É um projeto com uma preceptiva mais ampliada do que a inicial meramente baseada na construção de edifício de habitação coletiva, que engloba aspetos económicos culturais e urbanístico, tendo como o objetivo de acabar com a problemática da falta de continuidade urbana dos vários núcleos bairristas que existam na área. Esta reabilitação abriu uma avenida central que implicou a demolição de alguns núcleos edificados preexistentes. Este elemento morfológico veio unificar a malha urbana preexistente requalificando a zona. Criou-se assim uma nova centralidade numa estratégia de transformação que gerando novos espaços novos equipamentos e novos espaços habitacionais esses construídos para promover a diversidade.

### 3.2 Requalificação do Bairro Rainha D. Leonor, Porto.



*Figura 9- Localização do Bairro D. Leonor no Porto*

O bairro Rainha D. Leonor foi construído na década de 1950, edificado na época como solução provisória para servir durante 15 anos. Só que a década e meia perpetuou-se por mais de 60 anos em condições muito precárias, num complexo urbanístico dividido em três blocos atualmente bastante degradados. Depois do projeto de requalificação deste conjunto de habitação municipal, datado de 2005 realizado pela arquiteta Inês Lobo consistiu na requalificação e transformação das atuais 150 habitações, mantendo-se, no entanto, as tipologias existentes, T1, T2 e T3.



*Figura 10- Bairro Rainha D. Leonor, Porto.*



*Figura 11- Proposta para o novo Bairro D. Leonor*

Atualmente há um outro projeto de requalificação que Câmara do Porto apresenta o para um novo conjunto de habitação que irá colmatar as carências residenciais e dar melhor qualidade de vida aos habitantes deste bairro. Este “novo” D. Leonor será composto por 72 fogos, 20 dos quais para novas famílias e os restantes para o realojamento de moradores do bairro. Este bairro será o primeiro bairro social de classe energética A+ em Portugal. Entre outros aspetos destaca-se neste projeto o facto de contemplar lavandarias de apoio aos moradores.

### 3.3 Requalificação do Bairro Contumil, Porto.



*Figura 12- Localização do Bairro Contumil, Porto*



*Figura 13 - Bairro Countumil, Porto*

O Bairro de Contumil datado em 1966 no âmbito de melhoramentos da cidade do Porto, foi alvo de um projeto de requalificação elaborado pelo Arquiteto Nuno Abrantes. Este projeto está dividido em três processos, a reabilitação das fachadas, a reabilitação das coberturas e a requalificação das caixas de escadas.

No que diz respeito a requalificação do desempenho térmico da fachada, foi necessário colocar isolamento térmico nas paredes, efetuado pelo exterior do edifício sendo revestido por reboco delgado. Desta forma a intervenção no interior das habitações resume-se apenas à zona dos vãos das janelas onde, pela necessidade de substituir caixilharias, estores, soleiras e peitoris, será necessário aceder ao interior dos edifícios.

Quanto a reabilitação das coberturas é necessária substituir as chapas de fibrocimento na totalidade devido à sua degradação ao longo do tempo.

Por últimos apresenta uma sugestão para encerramento da caixa de escadas sem impedir a necessária ventilação destes espaços.



## CAPÍTULO 4. Bairros periféricos na cidade de Coimbra

Este capítulo tem como objetivo analisar vários conceitos de bairro associados à definição de Bairro. Pretende apresentar uma revisão da literatura sobre este assunto interpretado por autores como Kevin Lynch e Aldo Rossi. Analisa também o conceito de bairro social, tendo como seguimento o aparecimento de uma política de habitação em Portugal, que ocorreu com o primeiro colóquio de arquitetura em fevereiro de 1967, organizado pelo sindicato nacional de arquitetos. Por último aborda os bairros de carácter social construídos na periferia da cidade de Coimbra, na qual se insere o Planalto do Ingote.

### 4.1 Definições de Bairro

O conceito de bairro tem vindo a ser interpretado por vários autores que estudam a historiada cidade como um elemento morfológico fundamental das urbes.

Segundo Sandra Leão<sup>31</sup>, do ponto de vista morfológico-dimensional, o bairro revela, antes de tudo, uma forma física, um pedaço urbano que cresce segundo os eixos ou direções, com um determinado tamanho, onde traçado segue uma lógica espaço-social.

Para Lynch <sup>32</sup> os bairros são áreas citadinas relativamente grandes em que o observador pode penetrar mentalmente e que têm alguns aspetos comuns. Podem estar organizados de ponto de vista interno quando alguém passa por eles ou os atravessa. Assim as características espaciais do bairro *“são continuidades temáticas, que podem consistir em variantes de componentes inumeráveis: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, utilizações atividades, habitantes, estado de conservação, topografia (...)”*<sup>33</sup> entre outros aspetos. Refere o autor que os bairros se estruturam entre si mesmos, criando sub-bairros *“sub-bairros diferentes no seu interior, mas adaptando-se ao todo; cruzamentos que irradiam uma estrutura por meio de desníveis ou barreiras; modelos de ruas dentro do bairro. (...) Quando um bairro se encontra bem diferenciado nas suas diversas partes, pode revelar ligações com outras características urbanas.*

---

<sup>31</sup> Barros, Sandra Augusta Leão (2004) A escala bairro e o conceito de lugar urbano: O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. Pós-Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo fauusp. Nº 15. Página 59 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/issue/view/357>

<sup>32</sup> Lynch, Kevin Andrew. A IMAGEM DA CIDADE. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011. P. 70

<sup>33</sup> Idem.

*Neste caso, o limite deve ser penetrável: uma «costura», não uma barreira. Tais ligações realçam os aspetos de cada bairro e coligam grandes áreas urbanas.”<sup>34</sup>*

Também Aldo Rossi,<sup>35</sup> na sua obra destaca o papel dos bairros na definição da forma da cidade. Para ele o bairro está *“intimamente ligado á sua natureza, constituído por partes e á sua imagem. (...) Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função. (...)*

Ou seja, cada bairro tem uma entidade própria que lhe é conferida pela o conteúdo social pela poluição que nele reside pelas funções e atividades que nele se localizam, e pela forma dos elementos morfológicos que os constituem. Consequentemente poderem associar determinadas características da comunidade tais como religião a etnia, estrato económico á entidade do bairro.

A visão que estes dois autores defendem sobre o conceito de bairro continua atual, e a descrever exatamente o que se entende por bairro.

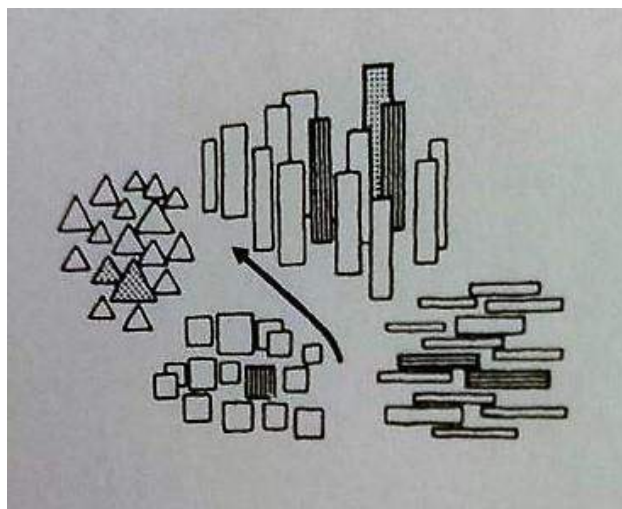


Figura 14- Esquemas sobre a formação de bairros

---

<sup>34</sup> Idem, P108

<sup>35</sup> Rossi, Aldo. A ARQUITETURA DA CIDADE. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes edições Lda. 2008.P.70

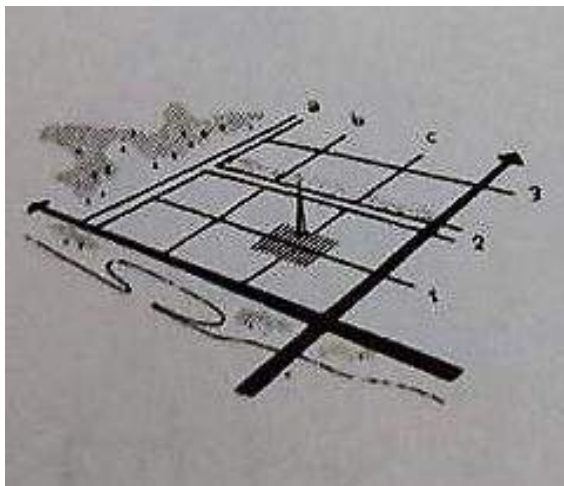


Figura 15-Esquemas sobre a formação de bairros

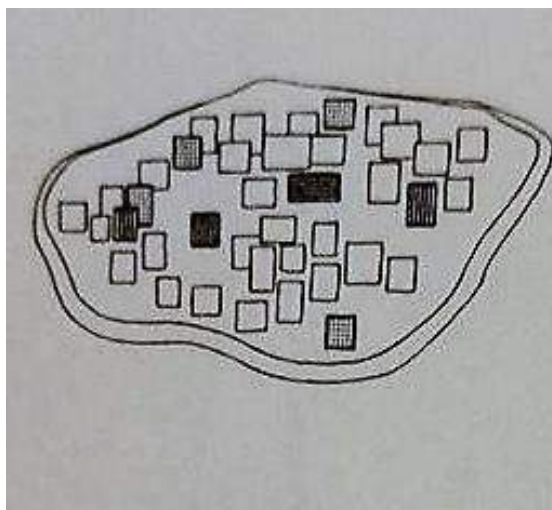


Figura 16- Esquemas sobre a formação de bairros

#### 4.2 Políticas de habitação social em Portugal definição de Bairro Social

Por bairro social entende-se o conjunto de edifícios e respetivos fogos de habitação social, localizados em situação de vizinhança, cuja construção foi programada conjuntamente, podendo ter sido desenvolvida ou não por fases. Trata-se de iniciativas geralmente de entidades publicas, governamentais nacionais ou municipais, destinados a uma faixa mais insolvente da população que de outra maneira dificilmente teria acesso a habitação condigna.

Para Patrícia Coelho<sup>36</sup>, a problemática habitacional que se fez sentir em Portugal a partir de meados do século XX, emergiu como consequência de uma estrutura urbana que não estava preparada para resolver os fluxos demográficos em direção à cidade. Este fenómeno foi já descrito no ponto 2.2.1 desta dissertação tendo ocorrido de um modo geral por toda a Europa ainda que numa fase mais precoce do que em Portugal.

A densidade populacional cresceu de forma rápida nas grandes cidades e a habitação começou a fixar-se em territórios extramuros, onde se construíram abrigos sem condições de habitabilidade e salubridade, ora tudo isto aconteceu em linha com os outros países.

No caso português o primeiro Colóquio de Arquitetura que se realizou em fevereiro de 1960 assinala o momento de viragem das políticas de habitação social, despertando para a necessidade de discutir a criação de uma política de habitação. Consequentemente levou o Sindicato Nacional dos Arquitetos a organizar este evento de forma a debater aspetos sociais da conceção arquitetónica de habitação, em fevereiro de 1960. A importância da temática revelou uma forte adesão por parte dos participantes e contou com a presença de arquitetos como Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, tendo também como convidados especiais Paul Henry Chombart de Lauwe e Robert Auzelle. Durante o debate Nuno Teotónio Pereira salientou o trabalho apresentado por Paul Henry Chombart de Lauwe, no qual o sociólogo falou da importância de definir as necessidades das populações a que os arquitetos, engenheiros e urbanistas tinham de corresponder, pois o desenho de uma habitação tem impacto na evolução familiar. Sendo assim, segundo a mesma autora<sup>37</sup>, foram debatidos durante três dias os principais problemas da habitação e a sua integração na malha urbana, definindo-se uma estratégia de resolução. Surge neste debate o conceito de habitação evolutiva já mencionada no ponto 1.1 desta dissertação, assim como uma nova forma de repensar o ato de habitar e o modo como este se vai alterando com o tempo. Por outro lado, a habitação deixou de ser uma questão meramente particular, passando a pertencer ao domínio do plano urbanístico da existente, para que a evolução não partisse apenas de um fogo, mas sim de um conjunto. A criação de uma relação entre cidade e habitação passou a funcionar com um princípio base para resolver as necessidades populacionais.

---

<sup>36</sup> Coelho, Patrícia Silva (2016) O TEMPO DE HABITAR. Três experiências evolutivas. FCTUC, Coimbra. P. 7

<sup>37</sup> Idem, P.9

Na viragem da década de 1960, o Laboratório Nacional de Engenharia-LNEC enquanto centro de investigação, foi a entidade responsável por procurar estratégias de intervenção na problemática da habitação social, sendo criada uma divisão intitulada como – Divisão de Construção e Habitação, da qual Nuno Portas foi o coordenador responsável realizando parecerias com vários outros arquitetos.<sup>38</sup>



Figura 17- Colóquio sobre Política de Habitação, Diário de Lisboa, 1969

Com base no trabalho a autora Patrícia Coelho<sup>39</sup>, em julho de 1967, iniciou-se a discussão sobre os resultados do colóquio sobre a Política de habitação (ver figura 15), que tinha como objetivo solucionar a carência de habitações. O debate foi dividido em três momentos, o *Texto de Base*, *Intervenções dos Participantes nos Grupos de Discussão* e *Relato Final*. O momento do *Texto base*<sup>40</sup>, iniciou o debate e apresentou estratégias que abordaram o tema estratificação da população nacional, dividida em três diferentes níveis, n de acordo rendimento familiar: em primeiro lugar estavam os indivíduos com possibilidades para arrendar ou construir um alojamento; em segundo a população que necessitava de ajuda direta do estado para proceder

<sup>38</sup> Idem, P.9

<sup>39</sup> Idem, P.11

<sup>40</sup> Idem.

ao arrendamento de uma habitação; e por último, o estrato composto por aqueles que não dispunham de capacidade financeira mínima para arrendar uma habitação. A questão centrou-se, inevitavelmente no terceiro estrato populacional e na forma como se podia solucionar o problema gerado pelas famílias que chegavam a cidade vindas do sector primário e que habitavam em barracas, bairros informais, casas em zonas degradadas e partes de casa em condições de insalubridade.

O momento intervenção dos participantes no grupo de discussão, visava identificar e sistematizar um conjunto de fundamentos que iriam servir de base as intervenções futuras no sector da habitação, assim defiram-se três eixos (ver figura 15) a ter em consideração na construção de bairros sociais. Para além da construção da habitação era necessário ter em consideração os locais de trabalho da população do bairro dotando-o de equipamentos.

O momento do *Relato final*,<sup>41</sup> foi falado por Nuno Portas e contou com cinco diferentes estratégias que definidas como prioritárias; o Enquadramento da habitação no desenvolvimento económico e social; integração da habitação no planeamento urbanístico; políticas dos solos; financiamentos à construção da habitação; e uma estrutura orgânica do sector publico no domínio da habitação.

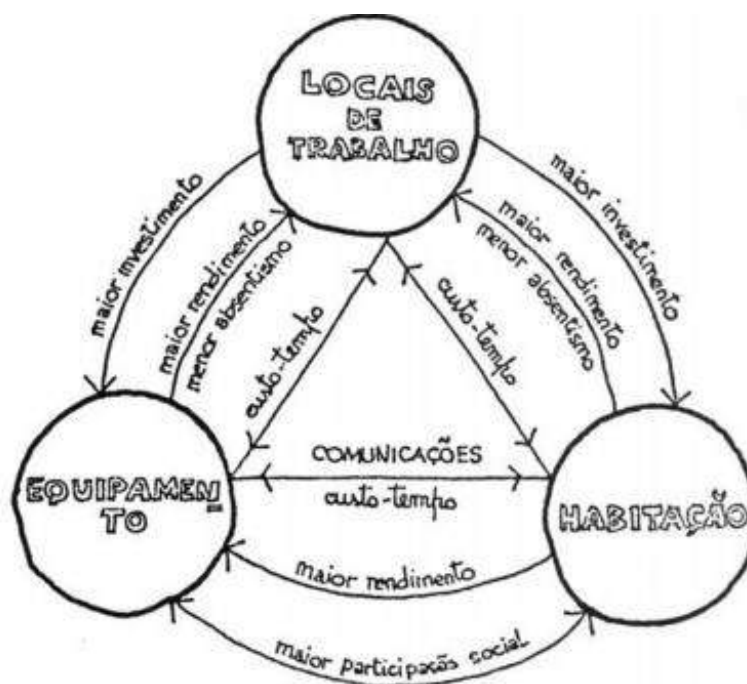


Figura 18 - Polos de desenvolvimento territorial, Colóquio sobre Política de Habitação, 1969

<sup>41</sup> Idem, P.11

Segundo a autora “definiu-se que quando a capacidade de adquirir um alojamento estava ausente por parte da família, o direito á habitação tinha de “ser assegurado a todos pela coletividade, sob a responsabilidade do Estado”<sup>42</sup>.

Na procura de uma estratégia social de criação de uma Política de Habitação, foi reconhecida a necessidade de criar tipologias arquitetónicas que correspondessem em quantidade, qualidade e temporalidade à população emergente.

Com base neste ideal, recorreu-se a fórmulas de habitação do tipo evolutivo, por serem um sistema de construção simples, que permitia que a habitação fosse *“ampliada e melhorada conforme as possibilidades e a evolução das famílias (...) realizada em conjuntos socialmente assistidos para uso das populações com maior carência económica”*.<sup>43</sup> Por último refira-se que o arquiteto Nuno Teotónio Pereira deixou esclarecido a necessidade de resolver o problema percentagem elevada da população portuguesa que vivia em condições degradantes e sem o mínimo de habitabilidade, onde o acesso a água canalizada, rede elétrica ou esgotos era inexistente. O problema passou a estar definitivamente incluído no topo da agenda e na preocupação dos arquitetos que não mais deixaram de pensar em soluções de integrar estas populações na cidade e providencia-las com transportes públicos e outros tipos equipamentos básicos.

---

<sup>42</sup> Idem, P.P 11,13

<sup>43</sup> Idem, P. 13

### 4.3 Os bairros sociais na malha urbana de Coimbra de meados do século XX



Figura 19 - Cidade de Coimbra

*“Uma cidade, uma terra, é o fruto de gerações que se sobrepuseram, deixando-lhe marcas sucessivas, como estratos arqueológicos; é a vivência dos homens e mulheres do [...] passado e do [...] presente. Os do futuro farão o que quiserem, mas farão certamente melhor se melhor conhecerem”.*<sup>44</sup>

Segundo Santos<sup>45</sup>, ao longo da segunda metade do século XX derivada a acelerada periurbanização que se trata da expansão urbana ,figura 20 para os subúrbios da cidade no pós-25 de Abril de 1974, ocorreu um crescimento da cidade periférica contribuindo para a rápida ocupação na periferia, e como resultado desse crescimento desenvolveram-se múltiplos núcleos e aglomerados residenciais, que contribuíram muito para uma expressão urbanística e arquitetónica desarticulada e fragmentada na envolvente da cidade.

Como se observar na figura, 20 o núcleo principal teve origem na margem esquerda do Mondego. Na idade média teria cerca de 26 hectares. Foi-se expandido e na década de 1940 ocupava já um território significativo da margem oposta.

---

<sup>44</sup> Nelson Correia Borges, cit. in Coimbra e Região - Novos Guias de Portugal. P.9

<sup>45</sup> Santos, José L. F. (2008) Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra. ISCTE, Lisboa. Prologo.P.217.

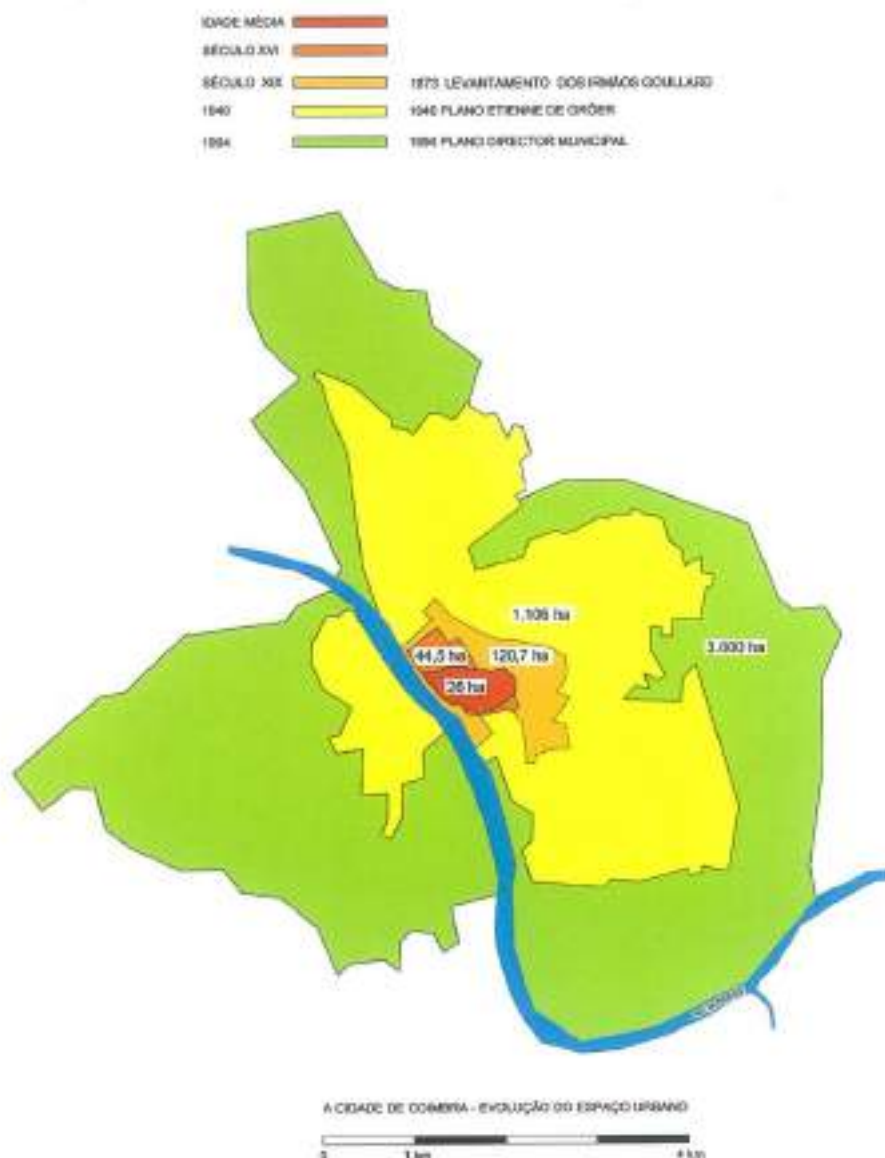


Figura 20- Evolução da cidade de Coimbra

Segundo Paula Santana<sup>46</sup>, as demolições na “Alta “da cidade e a necessidade de acabar com o bairro da lata da Conchada, figura 21 e o que restava de outras zonas degradadas, levaram à construção de bairros sociais. Na década de trinta surge a primeira iniciativa de habitação social em Coimbra com o contributo de Fernando Bissaia, o Bairro do Loreto, sendo o bairro económico mais o antigo de cidade de cariz económico. Foi especialmente ocupado por funcionários públicos de rendimento médio, mas que reuniam as condições necessárias ao concurso de atribuição das casas. A partir da década de quarenta. Como se pode observar, figura 21, foram construídos na margem esquerda do rio Mondego os bairros da Fonte do Castanheiro, de Celas da Conchada, de

<sup>46</sup> Paula Santana (1998) Cadernos de Geografia nº 17 Coimbra, FLUC. Página 197.

Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeo17](https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeo17)

Santa Clara e da Arregaça, destinados às famílias mais carenciadas. Na margem direita surgiu o bairro de Santa Clara. Os bairros Marechal Carmona ou Norton de Matos e da Cumeada também na margem esquerda tiveram como destinatários a classe média. Segundo a autora<sup>47</sup>, em 1941, a Câmara Municipal expropriou um terreno no Alto da Conchada, a Quinta da Conchada, propriedade da St<sup>a</sup> Casa da Misericórdia, para a construção de um bairro social destinado a albergar famílias carenciadas, provenientes das barracas da Conchada. Apenas em 1952 dá-se a conclusão das vinte casas previstas.

De acordo com a autora<sup>48</sup> os bairros sociais edificados em meados do século XX, quarenta e cinquenta correspondem essencialmente à necessidade de reinstalação da população desalojada, derivada das demolições que ocorreram na Alta de Coimbra. O ano de 1944 marca o início de um programa de construção de casas económicas sistemático.

Segundo o artigo<sup>49</sup>, o bairro das Sete Fontes em Celas é o primeiro a ser erigido tendo como proposta inicial, a construção de casas desmontáveis de carácter provisório. No entanto as casas são contruídas em blocos de cimento, cal e areia, sendo uma estrutura pouco resistente e de fraca qualidade, concluídas em 1947. Das cem casas previstas só foram construídas setenta. Em 1946 observa-se que o número de familiares desalojadas é muito superior às cem casas existentes. Posto isto a Câmara de Coimbra deliberou a expropriação de um outro terreno na Lomba da Arregaça para a edificação de um bairro de mais cem casas para as classes desfavorecidas. Em 1949 o bairro Marechal Carmona, atualmente conhecido por bairro Norton de Matos foi previsto inicialmente com 284 casas, passando a ser construídas 392, assumindo desde a sua origem uma posição de destaque pela qualidade da habitação.

Santos<sup>50</sup> também refere que o bairro social de S. Jerónimo situado na Cumeada (Olivas) e por isso conhecido por bairro da Cumeada aparece também nos anos quarenta semelhante ao bairro Marchal Carmona. Derivada a renda elevada, a habitação destinava-se a funcionários públicos do quadro médio alto do Estado, sendo a principal razão da sua construção a de “propaganda” do Estado Novo.

O bairro da Fonte do Castanheiro, nasce a partir da expropriação de um outro terreno em 1947, sendo entregues cinquenta das cem casas previstas um ano mais tarde.

---

<sup>47</sup> Idem, P.217

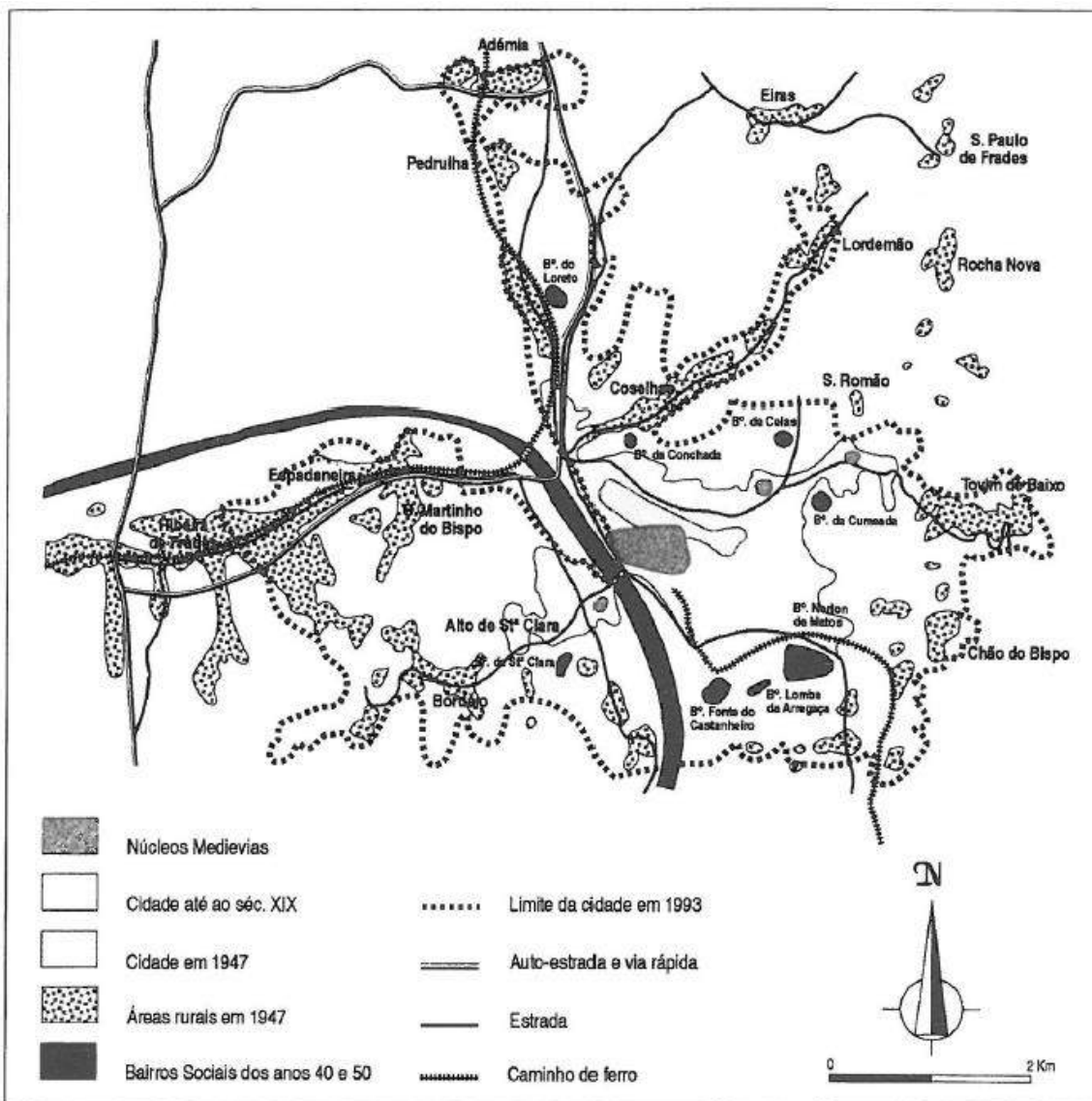
<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem, P.198

Por último o bairro de Santa Clara é iniciado em 1952 e as oitenta casas são atribuídas em 1953.

Pode assim concluir-se que a construção de habitação social em Coimbra em meados do século XX assentou em ações de expropriação da iniciativa municipal. Albergou dois tipos de comunidades, por um lado a população mais insolvente, foi o caso da maioria dos bairros e por outro lado pela classe média dos funcionários públicos do Estado (bairro Norton de Matos, e bairro São Jerónimo).



Elaborado a partir das cartas militares 1/25.000 n.ºs 230 e 241, 1947 e 1993

Figura 21- Esquema da cidade de Coimbra

No que diz respeito a sua distribuição geográfica pela malha urbana, os bairros sociais aquando da sua implantação, localizavam-se em locais distantes do centro da cidade e por isso afastados quer dos locais de trabalho quer do acesso a bens e serviços. As habitações sociais localizam-se perto de áreas rurais e como tal não possuem qualquer tipo de equipamentos de utilização coletiva (de cariz social, saúde ou ensino). Por este motivo foram posteriormente construídas escolas primárias nos bairros do Loreto, Celas, Norton de Matos e Conchada.<sup>51</sup> Segundo Paula Santana<sup>52</sup>, o pequeno comércio aparecia, por iniciativa da população local, embora sempre com pouca expressão e, por vezes até de curta duração. O bairro Norton de Matos tornou-se a exceção, onde progressivamente se foram instalando mercearias, talhos, cafés, restaurantes, lojas de pronto a vestir, ou farmácias, conferindo ao bairro uma vida própria e independência relativamente à cidade. Após várias décadas estas áreas acabam por se inserir na malha urbana, através da continuidade à área envolvente com o auxílio da abertura de novos espaços viários.

Poder-se-á referir que do conjunto de bairros sociais apresentados pela anteriormente analisados destacam-se, pela sua localização favorável o do Loreto e da Cumeada, derivado não só a boa exposição solar a sudeste, mas também pela sua posição na proximidade da estrada Nacional 1 e da estação do caminho de ferro de Coimbra B.

Segundo Santos<sup>53</sup>, a acelerada periurbanização e consequente expansão urbana, para os subúrbios da cidade no pós-25 de Abril de 1974, levou ao crescimento da cidade periférica contribuindo para a rápida ocupação na periferia. Em resultado desse crescimento desenvolveram-se múltiplos núcleos e aglomerados residenciais, que contribuíram muito para uma expressão urbanística e arquitetónica desarticulada e fragmentada na envolvente da cidade.

Assim com o crescimento e densificação da malha urbana, alguns destes bairros que inicialmente constituíam pequenos polos habitacionais isolados pelo seu afastamento à cidade sem equipamentos foram valorizados estando hoje completamente incluídos na malha urbana e ocupando sítios privilegiados na cidade.

---

<sup>51</sup> Idem, P.198

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Santos, José L. F. (2008) Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra. ISCTE, Lisboa. Prologo.P.217.

No que diz respeito as tipologias arquitetónicas das habitações sociais em Coimbra as casas económicas pretendem reproduzir as diversas funções da casa burguesa<sup>54</sup>, mas a escala uma diferente tendo como objetivo, assegurar o equilíbrio económico entre a entidade responsável pela sua construção e os poucos recursos dos moradores. Dado que esses espaços foram concebidos em função das possibilidades económicas dos seus futuros ocupantes com diferentes tipologias, os bairros sociais em Coimbra distinguem-se uns dos outros quer pela dimensão do fogo e qualidade dos materiais de construção, quer pela conceção urbanística. Assim poder-se-ão identificar três tipologias arquitetónicas:

**Tipologia 1** – moradias unifamiliares em banda de um piso, com uma notória simplicidade ainda que incluam um pequeno quintal, desenvolvem-se-me por vezes em patamares. A habitação é construída por uma sala, dois ou três quartos uma instalação sanitária e uma cozinha. Na generalidade estas são as características dos Bairros de Celas, da Conchada da Fonte do Castanheiro, de Santa Clara e ainda do Bairro do Loreto.<sup>55</sup>

**Tipologia 2** – Moradias geminadas ou em banda de planta retangular, divididas em dois pisos que se interligam por uma escada de madeira interior, evidenciando uma separação da zona íntima (os quartos) em relação ao resto da habitação. Existem três tipos de habitações com características diferentes de acordo com as respetivas classes, A para as famílias com menos possibilidades económicas, B e C, para os bairros Norton de Matos e o da Cumeada.<sup>56</sup>

**Tipologia 3** – edifícios de habitação coletiva em banda alinhados ou recuados face ao arruamento. O bairro da Arregaça é constituído por quatro blocos que contem 96 apartamentos em cada um deles. Cada edifício é composto por cave, rés-do-chão e mais três pisos- Cada bloco contem três entradas distribuindo-se em três sectores, sem quias quereres espaços verdes privados.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Idem, P.200

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem.

#### 4.5 A influência do desenho urbano na problemática dos bairros

Um dos aspectos mais determinantes de qualquer bairro, incluído de cariz social é a percepção que o seu habitante tem acerca das questões de segurança. Já na antiguidade esta questão se colocava com a *“colocação de barreiras físicas com o intuito de proteção e controlo da comunidade de ameaças maioritariamente exteriores, e interiores(...)estas barreiras de carácter militar ganharam relevância na própria forma das cidades, onde se destacam os portões, muralhas e paliçadas, ameias, pontes levadiças e torres de vigia.”*<sup>58</sup>

Jane Jacobs<sup>59</sup> no seu livro *Death and Life of Great American Cities*, aborda o desenvolvimento da habitação nos Estados Unidos, criticando os modelos urbanísticos criados no pós-guerra e apelando ao retorno do modelo de ruas tradicionais com diversidade funcional, e espaços ajardinados de modo a minorar índices de criminalidade. Refere a permanente presença de residentes e cidadãos em movimento, e o contacto social, fornecem uma vigilância natural do espaço constituindo os *eyes on the street*.

Freitas,<sup>60</sup> aborda a estratégia de defesa, seguida por Jacobs, para a divulgação da segurança na cidade destacado a estrutura urbana suportada por quarteirões de dimensão reduzida, na qual que deve integrar residentes de diferentes faixas etárias e estratos sociais, económicos e raciais, na demarcação clara entre espaços públicos e privados. A importância do contacto social é fundamental para uma permanência de atividades nas ruas.

Para Newman <sup>61</sup> a intensidade de um elevado número de pessoas num determinado espaço influencia a redução da criminalidade. Por outro lado, e o baixo fluxo de pessoas num determinado espaço pode criar pontos críticos na criminalidade.

Perante estas abordagens estratégicas, pode-se concluir que o desenho urbano pode influenciar em grande parte dos casos a segurança nos bairros, incluindo a de cariz social.

Abordada a criação dos bairros sociais existentes na periferia de Coimbra, pode concluir-se que a sua implantação ocorreu em descontinuidade com o contexto urbano longe dos postos de trabalho e dos serviços, e sem qualquer equipamento de utilização coletiva. Consequentemente tornaram-se mais propícios a despoletar de situações que os rotularam de

---

<sup>58</sup> Freitas, Luís Pedro (2011) Influência do desenho urbano na insegurança na Cidade. Proposta para o Bairro da Cova da Moura. Universidade Técnica de Lisboa.P.46

<sup>59</sup> Idem, P.48

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem, P.50

bairros problemáticos. Como foi referido por Jane Jacob, a permanente presença de residentes em movimento e o contacto social, contribuem para uma de vigilância natural do espaço. Para concluir refira-se o estudo estatístico elaborado 2011/2012 pelo um conjunto de autores<sup>62</sup> sobre a perceção da segurança na cidade de Coimbra. Este estudo revelou que o bairro do Ingote se encontra como um dos mais inseguros na cidade. Os locais onde ocorre um maior número de crimes, a Baixa da cidade, a Avenida Fernão Magalhães e o Bairro do Ingote, sendo as mesmas representadas na figura 22. Ora, é precisamente esta uma das preocupações a tender em consideração na proposta de requalificação urbanística a apresentar no capítulo 6.

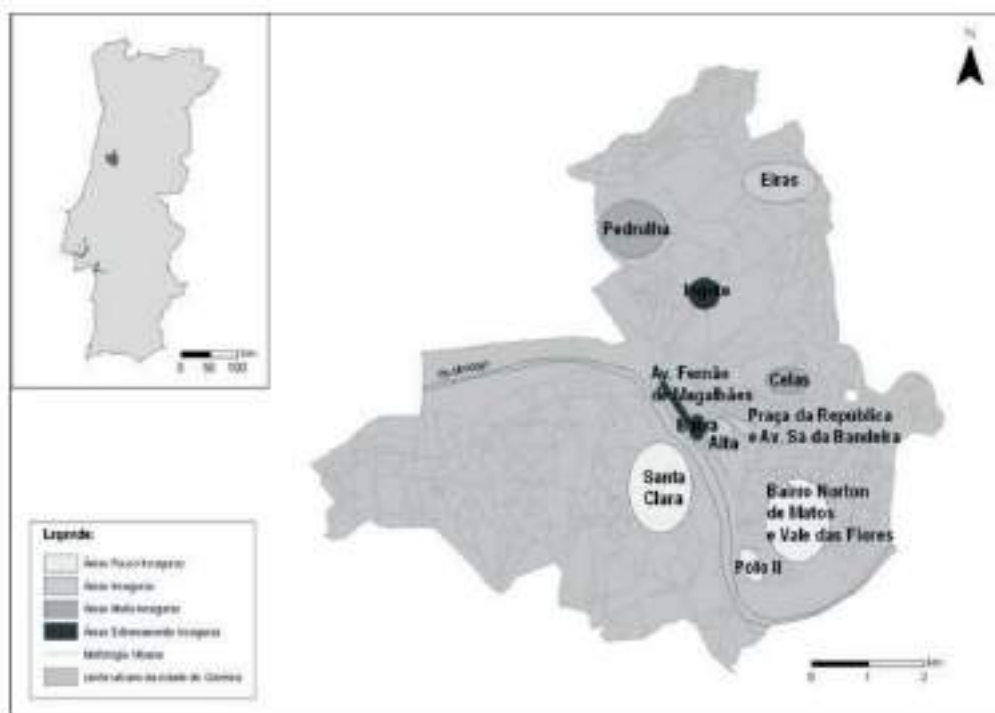


Figura 22- Mapa da cidade de Coimbra, classificação das áreas seguras e inseguras em Coimbra

<sup>62</sup> Ana Maria Cortez Vaz, Cristina Faria Barros e João Luís Jesus Fernandes (2011/12) Cadernos de Geografia n° 30/31 Coimbra, FLUC. P. P189,190  
Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeo30\\_31/Eixo2\\_3](http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeo30_31/Eixo2_3)



## **PARTE II**

### **Caso de estudo: Planalto do Ingote- Coimbra**



## CAPÍTULO 5. Análise crítica e Morfológica do Bairro do Ingote

Á semelhança do que se pode constar no estado de arte na análise de Kevin Lynch, no ponto 4.1, também o planalto do Ingote está estruturado dentro de si mesmo. Nele organizam-se os seguintes três sub bairros ou sectores com um total de 734 fogos: Bairro da Rosa; Bairro António Sérgio; Bairro do Ingote. Ora este capítulo pretende analisar o ponto de vista crítico e morfológico o Planalto do Ingote desde a sua origem as diversas problemáticas que apresentam atualmente

### 5.1 Localização

O bairro do Ingote pertence ao distrito, concelho e cidade de Coimbra, localizando-se a norte da malha urbana, figuras 23,24,25. O Planalto do Ingote, encontra-se localizado á cotas altimétricas 80 e 110m, sendo limitado a sudeste pelo Vale de Figueiras, a sudoeste pelo Monte Formoso e a Sul pelo Vale de Coselhas. Na figura 23, observa-se a relação entre o tecido edificado e a topografia do Ingote, demonstrando relevo ingreme.



*Figura 23- Localização do distrito de coimbra, mapa de Portugal*

“Erguendo-se dos vales, numa contração de cotas, o Ingote é uma elevação à escala das demais colinas urbanas da cidade. Fortes pendentes a sul, nascente e poente sustentam a plataforma que se prolonga em planalto no sentido norte.”<sup>63</sup>



Figura 24. Mapa do distrito de Coimbra



Figura 25- Mapa do concelho de Coimbra em relação com o caso e estudo

<sup>63</sup> SANTOS, R. (2006) O Planalto do Ingote. Prova Final- Darq/FCTUC. Coimbra: Universidade de Coimbra.P.246

## 5.2 Origem e consolidação do Planalto



*Figura 26 Foto aérea do Planalto do Ingote*

A origem do Planalto do Ingote na cidade de Coimbra remonta a década de 1940. Trata-se de um bairro que remonta a mesma época dos bairros no capítulo anterior e tal como a maioria deles localizados na margem esquerda do Mondego. Insere-se na tipologia mais económica também já referida anteriormente. A sua localização ainda que num ponto aparentemente privilegiado pois trata-se de um planalto, estava nas imediações de zonas

industriais (alimentares de bolachas, cervejas e cereais e rações) e da linha férrea. Ambos os aspetos associados a bairros periféricos de renda baixa.

Com as demolições no centro histórico para o estabelecimento da cidade universitária algumas das famílias aí residentes tiveram que procurar novos locais ocupando antigas quintas que foram sendo urbanizadas. Foi o caso da quinta da rosa e da quinta do Ingote.<sup>64</sup>

Com a densificação da Indústria foi crescendo a necessidade de alojar esses operários fabris. Na sequência da legislação de 1934 criando a figura do Plano Geral de Urbanização é pela mão de Étienne De Gröer que surge o “Anteprojecto de Urbanização, Embelezamento e Extensão da Cidade de Coimbra”, que pretendia a extensão da zona residencial e industrial a noroeste para o Monte Formoso e Ingote.

Segundo Pião<sup>65</sup>, a decada de 1960 é promovida a construção de um empreendimento habitacional privado ao longo da estrada que se direciona à quinta do Ingote, no Monte Formoso, pretendia-se o acesso ao centro da cidade que também se interligava com toda a zona industrial do Vale de Coselhas. Estas habitações estavam direcionadas para pessoas de estratos sociais mais elevados. Em 1964, a cargo do Arquitecto Vasco da Cunha, ficou o projeto da urbanização da colina do Ingote, enquanto ao Engenheiro Fernando Moutinho dos Santos ficou a responsabilidade pela execução e estudo do Antepiano de Urbanização deste bairro dois anos mais tarde.

Em 1975<sup>66</sup> é aprovado “Plano de Urbanização Parcial do Ingote” que consistia em construir um bairro de luxo, o que não veio a acontecer, pois, a Federação de Caixas de Previdência já havia mostrado interesse em construir infraestruturas de carácter social, e casas de renda económica. Criou-se assim um impasse entre a Câmara Municipal e o organismo social na venda e na definição dos loteamentos. Muitas foram as complexidades e problemas encontrados ao definir este plano estratégico. As decisões por parte de vários órgãos tornavam-se contraditórias face às poucas verbas disponíveis. A sua construção na colina do Ingote foi faseada, mas a configuração de um plano urbanístico para infraestruturas e equipamentos foi demorada e complexa, sofrendo alterações mesmo depois dos fogos construídos, vendidos ou arrendados. Contudo os três bairros de habitação social, o António Sérgio, o Bairro da Rosa e Ingote foram se consolidando em três fases.

A primeira fase corresponde ao bairro do Ingote e remonta a meados da década de 70 num total de 7 blocos com 56 fogos da iniciativa da Câmara Municipal. Nos anos 80 constroem-se mais 17 blocos perfazendo atualmente um total de 368 fogos. Segundo Ana Pião<sup>67</sup>, a

---

<sup>64</sup> Pião, Ana I.R. (2015) Coimbra, cidade de bairros. Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote FCTUC, Coimbra. P.97

<sup>65</sup> Pião, Ana I.R. (2015) Coimbra, cidade de bairros. Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote FCTUC, Coimbra. P.99

<sup>66</sup> Idem, P.99

<sup>67</sup> Idem, P.101

construção deste bairro contou com o apoio do Fundo de Fomento da Habitação, do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado e do Instituto Nacional da Habitação que promoveram o realojamento de famílias expropriadas devido à execução de obras municipais na cidade.

A segunda fase na sequência da revisão do “Plano Parcial de Urbanização do Ingote” de meados da década de 1980 pretende estabelecer uma densidade populacional mais elevada, próxima da do plano de De Gröer.<sup>68</sup> Desta forma, segundo Ana Pião<sup>69</sup> percebe-se a necessidade de criar mais habitações para uma população específica, desalojados abrangidos por programas de apoio económico e social e/ou que viviam em situações de extrema pobreza. Sendo assim, a criação do bairro António Sérgio, é o resultado de uma ação conjunta de um estudo do Plano de Pormenor do Ingote, para realojar famílias que viviam em situações precárias, tendo apoio da *Cooperativa de Habitação Económica dos Trabalhadores da Função Pública*. A sua implantação, contemplou inicialmente 96 fogos aos quais se juntaram posteriormente mais 48, num total de 144 habitações organizadas em seis blocos iguais, dispostos em três linhas de duas bandas.

Em 1992<sup>70</sup>, a Câmara Municipal de Coimbra, propõe ao arquiteto Raul Hestnes Ferreira a elaboração de uma proposta para o Plano de Pormenor para o Planalto do Ingote, visando a integração e requalificação social dessa zona. Paralelamente inicia-se a construção do Bairro da Rosa, situando-se a sul, que corresponde a terceira fase de consolidação do Planalto. Surgiu no contexto programático de realojamento e erradicação das barracas e da população que vivia em situações de pobreza extrema. É composto por cinco blocos, três deles com ligação direta à rua Cidade de Cambridge e os restantes mais recuados com diferenciação de cotas de 5 metros. Apesar das construções estarem concluídas, houve muitas condicionantes políticas e monetárias que não permitiram acabar as pavimentações exteriores, nem os equipamentos públicos que tinham sido pensados, tendo como resultado a sagração e marginalização crescente quer social quer urbana, principalmente no bairro da Rosa. O projeto concretizado pelo gabinete do arquiteto Hestnes Ferreira em 1997, para a renovação e requalificação do espaço público não foi levado a cabo, pois não ia ao encontro das metodologias previstas pelo plano de pormenor. O objetivo de renovar e requalificar o Planalto do Ingote não foi bem-sucedido. Em 2003 é aberto um concurso para a proposta de construção Centro Cívico que abrangesse vários equipamentos culturais e desportivos, serviços, e uma residência assistida para idosos, crianças e adultos em risco, tendo com data prevista de início de construção 2005 e inauguração em 2007, acabando também por não ser bem-sucedido.

---

<sup>68</sup> Idem, P.101

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

Pode-se concluir que o planalto do Ingote foi sujeito a várias propostas de intervenção urbana que poderiam ter melhorado em grande parte as suas características espaciais e consequentemente a qualidade de vida dos seus cidadãos. Contudo como se verificou nenhuma delas se concretizou o que acabou por fragilizar o bairro e agravar a sua, e desintegração no contexto da cidade. Não foi, portanto, a falta de projetos, de estratégias urbanas, nem de estudos consolidados em diferentes épocas que o bairro foi melhorado, mas sim pela ausência de iniciativas concretas. Atualmente, o planalto do Ingote com os seus 734 fogos organizados no Bairro da Rosa, Bairro António Sérgio e Bairro do Ingote (figura 31) continua a ser alvo de marginalização e estigma social. Osvaldo Grilo, atual o presidente da associação cigana de Coimbra participou num documentário Cinema de Bairro - "Coimbra é uma canção" - Bairro da Rosa, onde aborda a temática do realojamento com alguma indignação, *“ao princípio pensei que fosse um erro da Câmara Municipal (...)ou da Ação Social de Coimbra, porque misturaram todas as pessoas dos quatro cantos de Coimbra, veio para aqui de tudo, ciganos, prostitutas, toxicodépendente e em vez de separar as pessoas e tentarem reintegrá-las na sociedade, meteram tudo junto, o que gerou uma grande confusão.”*<sup>71</sup>,

### 5.3 Análise morfológica

A análise morfológica do bairro poderá ser organizada em três itens. O primeiro aborda a mobilidade e acessibilidade, a segunda organização do tecido urbano, e em terceiro a funcionalidade dos equipamentos.

No que diz respeito à mobilidade, pode-se observar na figura 28, que o planalto tem vários acessos, sendo eles feitos, pela Rua Cidade Yaroslav, que advém de uma das entradas principais da cidade de Coimbra, que se encontra localizada entre a estação ferroviária de Coimbra B e a Estação de camionagem, passando por Monte Formoso. O segundo acesso poderá ser feito pela Estrada Vale das Figueiras que advém da Circular externa de Coimbra, e o terceiro acesso poderá ser feito através da Rua da Liberdade que advém da zona industrial de eiras, com acesso direto ao IC2. Também pode-se verificar que a rede de transportes públicos que fornece o bairro é composta por três autocarros, o 27 que tem como circuito os Hospitais da Universidade de Coimbra, 28 Celas sentido Bairro do Ingote e o 35 também dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

---

<sup>71</sup> Cinema de Bairro - "Coimbra é uma canção" - Bairro da Rosa - Parte 1/2  
Disponível em: <https://www.telechargementmp3.online/video/Baxs94m-dlE/cinema-de-bairro-coimbra-e-uma-cancao-bairro-da-rosa-parte-1-2-hd.html>

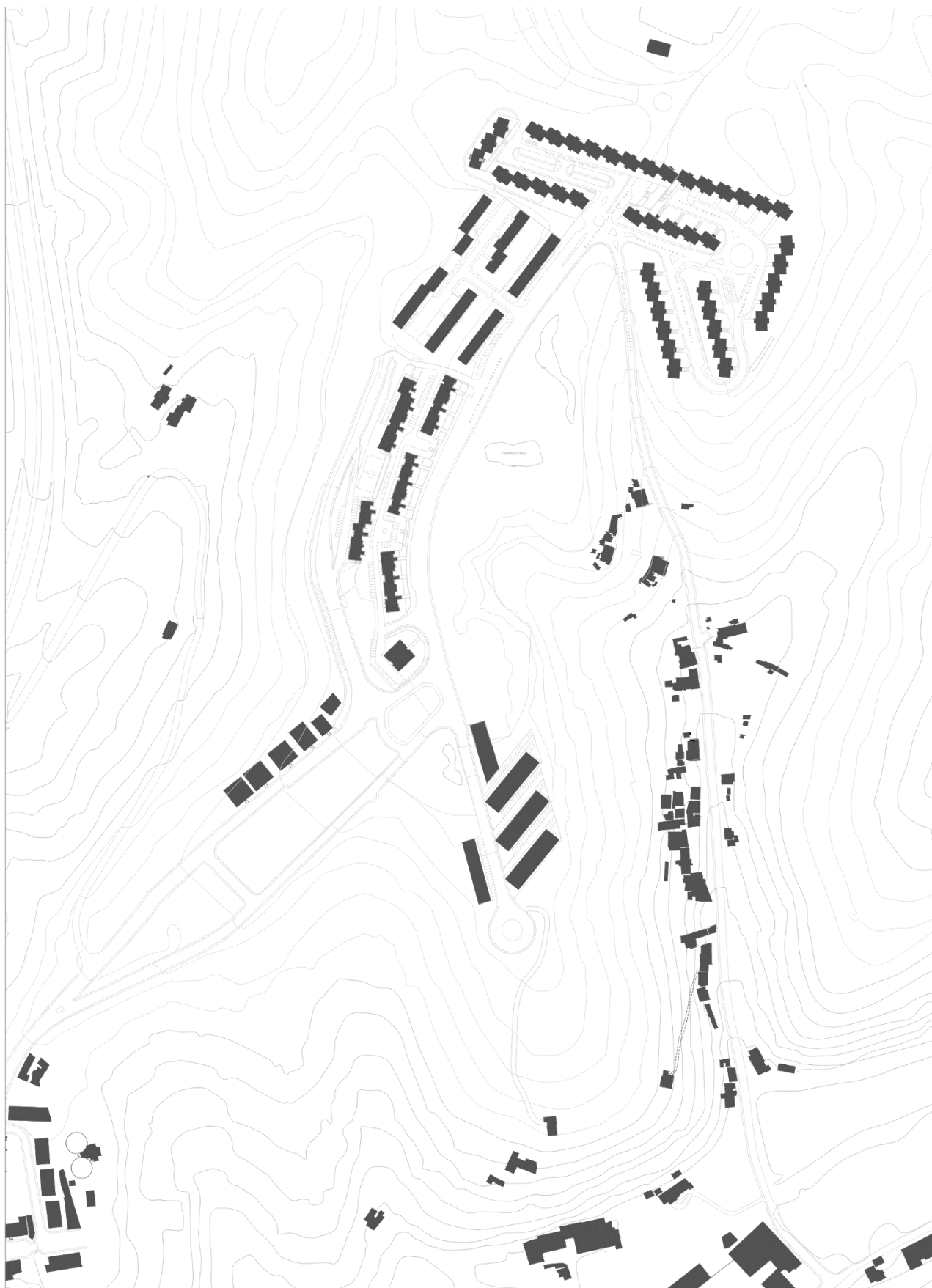


Figura 27- Organização do tecido urbano do Bairro do Ingote 1/5000

Posto isto, conclui-se que a articulação viária entre o bairro e a cidade se encontra bastante desenvolvida, com acessos rápidos ao quer centro da cidade, quer rápidos quer a outros locais.

No que diz respeito à organização do tecido urbano, pode-se observar com clareza na figura 27 a mistura de construções com escalas distintas, resultado não só da tipologia arquitetónica, mas também da época que foram construídas.

A sua estrutura espacial está dividida em três bairros, Ingote (figura 28,29) que se localiza junto ao acesso viário que advém de Eiras, sendo composto por 43 edifícios com um total de 368 fogos, divergindo entre os 4 e 5 pisos. O bairro António Sérgio (figura 30) localiza-se zona central do planalto, sendo composto por 5 edifícios de habitação em banda com um total de 144 fogos e com 4 pisos. Por último o bairro da Rosa (figura 31,32,33,34) que se localiza junto a Rua Cidade Yaroslav que advém de Monte Formoso e tem edifício entre os 5 e 6 pisos. Conclui-se que as várias habitações têm diferentes tipologias associadas ao facto do seu processo de construção ter sido irregular. Observa-se na figura 29 que a morfologia urbana do espaço edificado desmontar o isolamento do bairro do Ingote ao contexto urbano envolvente. Por outro lado, a generalidade dos edifícios está organizado em banda constituindo dois ou três alinhamentos no bairro da Rosa e António Sérgio respetivamente. No caso do bairro da Rosa, as duas bandas de edifício não tem as fachadas orientadas para a mesma rua, pois cada uma delas que são paralelas entre si orientam-se para o respetivamente para o arruamento a nascente. Portanto a banda mais poente tem as fachadas mais orientadas para o tardoz da banda mais a nascente. Este facto poderá constituir um fator de insegurança ao nível da fruição da rua pelos residentes já abordado por Jane Jacobs no capítulo 4, ponto 4.5.

Por outro lado, verifica-se que o tecido edificado é o mais degradado do planalto em pior estado de degradação com deficientes condições de habitualidade. Em muitos casos não há portas nem janelas, fachadas completamente deterioradas entre outros Isto porque se as duas bandas de edifícios estivessem orientadas uma para o outro continuariam parte da mesma rua, vigiando-se um ao outro. No caso do bairro António Sérgio a banda de edifícios mais a poente encontra-se orientada para a fachada da banda intermédia constituindo entre si uma rua. Por outro lado, as bandas intermédias com a banda a nascente orientam uma para outra o respetivo o tardoz. No caso do bairro do Ingote que é constituído por 7 bandas de edifícios. As duas bandas mais a sul estão orientadas entre si constituindo uma rua Cidade de Pádua As outras cinco bandas orientam-se numa forma retangular para a rua Cidade de Dili, constituindo uma praça onde se localiza o jardim e uma bolsa de estacionamento.



*Figura 28- Bairro do Ingote*



*Figura 29-Bairro do Ingote*



*Figura 30- Bairro António Sérgio*



*Figura 31- Bairro da Rosa*



*Figura 32- Bairro da Rosa*



*Figura 33- Bairro da Rosa*



*Figura 34- Bairro da Rosa*

No que diz respeito à análise parcelar da zona fundearia do Bairro averiguar-se que existem inúmeros os vazios urbanos, reforçando a ideia de que se encontra na periferia da cidade. Derivado ao estigma que atualmente existe sobre o bairro, pode-se ainda observar que o desenvolvimento da malha urbana envolvente estagnou, sendo ocupada maioritariamente pela vegetação. Podendo assim analisar-se através da figura 35

No que diz respeito à diversidade funcional observar-se na figura 36 também foram zonas comerciais, sendo essas uma mercearia uma pastelaria, e um churrascaria no bairro do Ingote com a sede de Associação moradores bairro do Ingote AMBI, e o Centro Comunitário de São Pedro pertencente á Cáritas Diocesana. No bairro da Rosa, verifica-se, igualmente, a presença de espaços destinados a instituições sociais como a Cáritas Diocesana com que integra um infantário, a sede da associação de moradores do Bairro da Rosa, o Centro Municipal de Ação Social e a Associação Trampolim, focada no acompanhamento dos mais jovens. No caso do bairro António Sérgio todos os edifícios são exclusivamente residenciais sem qualquer tipo de equipamentos.

Posto isto, conclui-se que o Planalto reúne alguns equipamentos e serviços de apoio á comunidade, que estão integrados nos próprios Bairros, tendo esses um papel fundamental para a consolidação e melhoria destes espaços.



Figura 35-. Análise parcelar fundearia do Bairro do Ingote

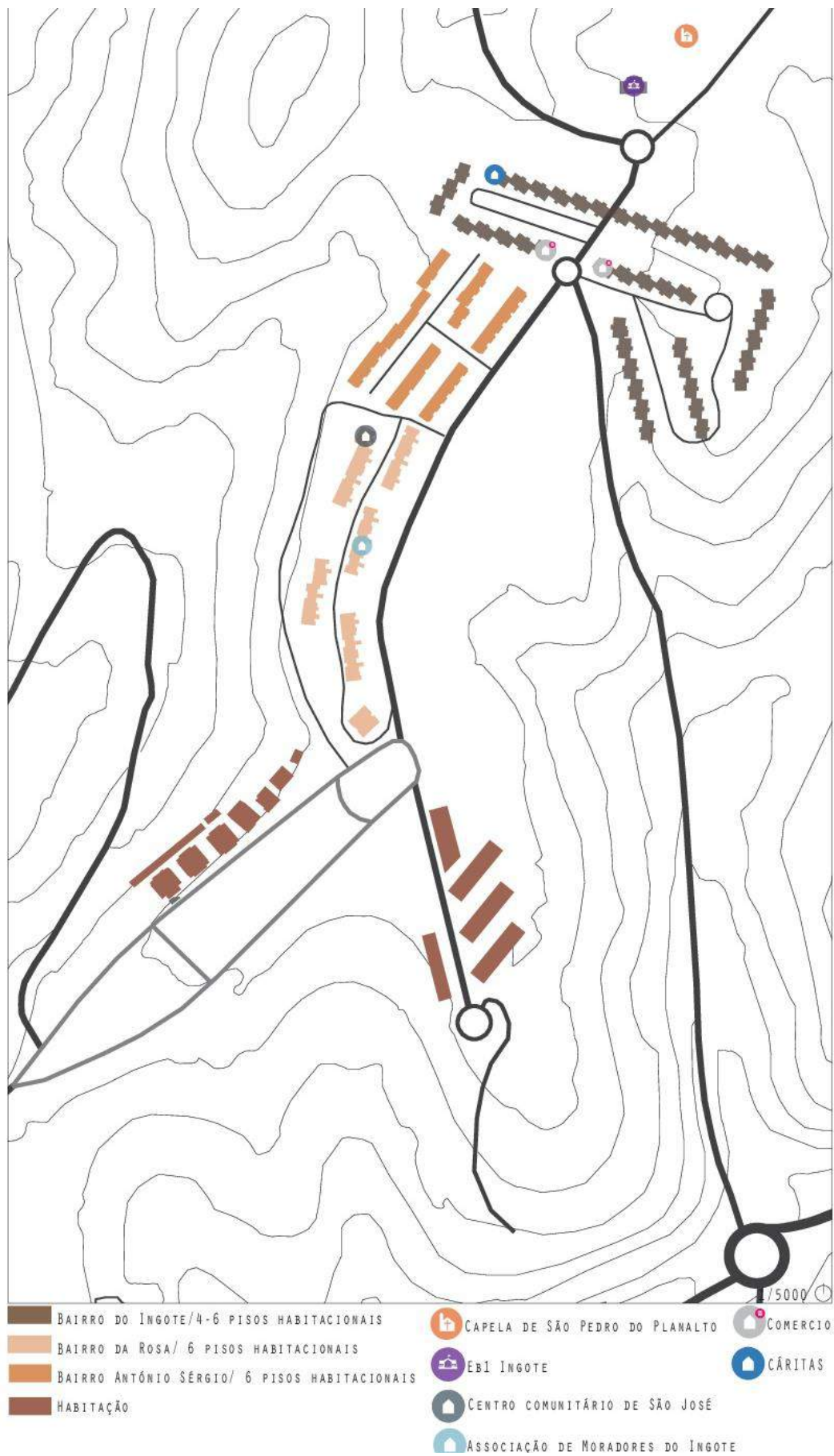


Figura 36- Estudo da funcionalidade dos equipamentos



## **CAPÍTULO 6. Proposta de Requalificação Urbanística do Planalto do Ingote (Coimbra)**

Neste capítulo, referente à proposta de requalificação do Bairro do Planalto do Ingote, pretende-se expor o estudo de vários edifícios e espaços verdes utilizados como referências e estratégias usadas para a concretização da proposta de modo a requalificar e integrar o bairro na cidade.

### **6.1 Referências e influências**

A proposta de requalificação urbanista do Planalto do Ingote em Coimbra inspira-se em 5 exemplos considerados marcantes no domínio da habitação coletiva. Escolheram-se os casos da Habitação Social em Bolzano em Itália, do Edifício Miradouro em Sanchinarro em Madrid, Edifício Celsoisa em Sanchinarro, também em Madrid, 245 habitações sociais em Provenir em Sevilha e o Edifício Vanke em Shenzhenna China. No domínio dos espaços verdes servem de exemplo o Madrid Rio, e um parque em Nashville nos EUA. Esta escolha deveu-se essencialmente as características das suas formas circulares

Nas figuras 37 e 38, está representado o edifício de Habitação Social em Bolzano, Itália. Foi pensado como uma solução padrão para a criação de habitação social. É dividido em vários blocos que abrem para um pátio central arborizado. Este espaço exterior coletivo permite aos habitantes vivências em comunidade para além do espaço das habitações reforçando a identidade do bairro- Trata-se de um local seguro, ao nível da sua fruição pelos residentes onde os espaços verdes conferem a sensação de contacto com a natureza. Este projeto foi concebido pelo gabinete cdm architetti associati.



*Figura 37- Habitação Social, Bolzano Itália*



*Figura 38- Habitação Social, Bolzano Itália*

Nas figuras 39 e 40 está representado o Edifício Miradouro em Sanchinarro, Madrid, é um bairro residencial que apresenta uma grande diversidade de tipologias habitacionais, bem como de espaços coletivos. Destes fazem parte um jardim comunitário e um espaço ao ar livre vertical a meia altura onde os habitantes podem desfrutar da vista sobre a serra de Guadarrama. Trata-se de um local apenas acessível aos residentes e, portanto, seguro, de tranquilidade e lazer onde os vizinhos se encontram. Esta obra contém 165 apartamentos e foi projetada pelo gabinete MVRDV.



*Figura 39- Edifício Miradouro em Sanchinarro, Madrid*



*Figura 40- Edifício Miradouro em Sanchinarro, Madrid*

Nas figuras 41 e 42 está representado o Edifício Celosia em Sanchinarro, Madrid. É uma unidade residencial que contém 146 apartamentos, tendo pátios privados e espaços comuns exteriores que proporcionam o encontro entre vizinhos contemplando a envolvente. Este projeto foi concebido pelos gabinetes MVRDV e Blanca Lleó Asociados,



*Figura 41- Edifício Celosia em Sanchinarro, Madrid*



*Figura 42- Edifício Celosia em Sanchinarro, Madrid*

Na figura 43, está representado o projeto 245 Habitações social constituído por 7 torres. Localiza-se e em Provenir, Sevilha. Neste bairro destacam-se as varandas que funcionam como miradouros comunitários bem como os campos de jogos arborizados de utilização coletiva no exterior.



*Figura 43- 245Habitações Sociais, Provenir, Sevilha.*

Por último na figura 46, está representado o edifício Vanke Center em Shenzhen, China, contem apartamentos, um hotel, um centro de conferências e um spa. Está suspenso sobre uma grande paisagem verde, tendo sido projetado pelo arquiteto americano Steven Holl. Tal como nos princípios na carta de Atenas inspirada pelo Le Corbusier, também estes edifícios são assentes em pilares, vazados para a utilização comum.



*Figura 44. Edifício Vanke, China*



Figura 45- Madrid Río, Madrid

No que diz respeito aos espaços verdes na figura 45, está representado o parque Madrid rio que se localiza na capital espanhola. O projeto teve como intuito criar áreas de lazer, zonas pedestres, ciclovias, zonas de desporto e uma praia artificial. Faz parte de um projeto mais amplo que é intitulado com Madrid calle 30, que tem como objetivo a revitalização dos espaços públicos na cidade. O parque é complementando por formas circulares ao longo de um percurso quer nos espalhos de agua quer nos espaços verdes, tornando-a assim dinâmico para caminhar ou outras aticidades de recreio e lazer. O Madrid Río foi projetado pela equipa West 8, Burgos & Garrido, Porrás La Casta, Rubio Alvarez Sala.

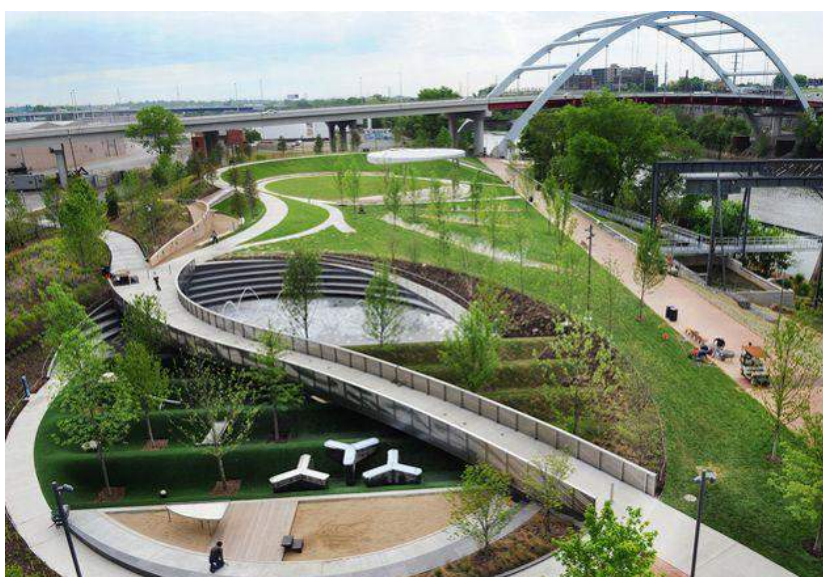


Figura 46- Nashville Park, Tennessee, EUA

Por último na figura 46, pode-se observar o Nashville Park, que se localiza em Tennessee, EUA. O projeto teve como intenção a requalificação de um espaço, que até então era um terreno abandonado junto ao rio. O parque contém espaços de lazer inspirados na natureza e um espaço de diversões. É considerado um parque sustentável, incluindo pelo uso de energia geotérmica, iluminação com eficiência energética, recolha de água da chuva e restauração de habitats de fauna e flora.

## 6.2 Descrição geral da Solução de desenho urbano

A proposta de requalificação urbanística (FOLHA1) localiza-se no Planalto do Ingote, na Freguesia de Eiras, Concelho de Coimbra. Como se demonstrou em capítulos anteriores o Planalto é constituído por três bairros de cariz social, o Bairro do Ingote que contém 368 fogos e foi construído em 2 fases tendo como início o ano de 1975, o Bairro António Sérgio que contém 144 fogos, também construído por 2 fases com início em 1987 e o Bairro da Rosa, que contém 222 fogos, começando a ser construído no ano de 1992. Tendo como totalidade 734 fogos (figura 49).

O planalto tem uma superfície aproximada de 21 hectares (213,592 m<sup>2</sup>). Ora área de intervenção corresponde a cerca de metade desta área, ou seja 9,6 hectares (96,655 m<sup>2</sup>), dos quais 14,524 m<sup>2</sup> correspondem ao bairro António Sérgio, 24,998 m<sup>2</sup> correspondem ao bairro da Rosa, e os restantes 49,568 m<sup>2</sup> serão uma área nova a intervir. Encontra-se num dos sítios privilegiados de Coimbra não só pela vista que tem sobre a cidade, mas também pelos acessos, como foi descrito no capítulo anterior. Com o objetivo de reintegrar o Planalto na cidade de Coimbra, reforçando a continuidade urbana do bairro à urbe elaborou-se uma estratégia, (figura 48) para a realização do projeto urbano que pretende propor medidas de intervenção e requalificações viárias, espaços públicos, jardins e equipamentos bem como a nível habitacional. Espera-se que tais propostas possam vir a contribuir para a valorização e melhoria das condições de habitabilidade do bairro. Em suma área de intervenção incide sobre o bairro da rosa, o bairro António Sérgio e um vazio urbano envolvente. O bairro do Ingote não ser alvo da intervenção urbana ainda que faça parte desta periferia da cidade, pois se encontra em boas condições do edificado quer ao nível dos espaços exteriores urbanos. Curiosamente este bairro foi o primeiro a ser construído como se viu no capítulo 5, em meados da década 1970

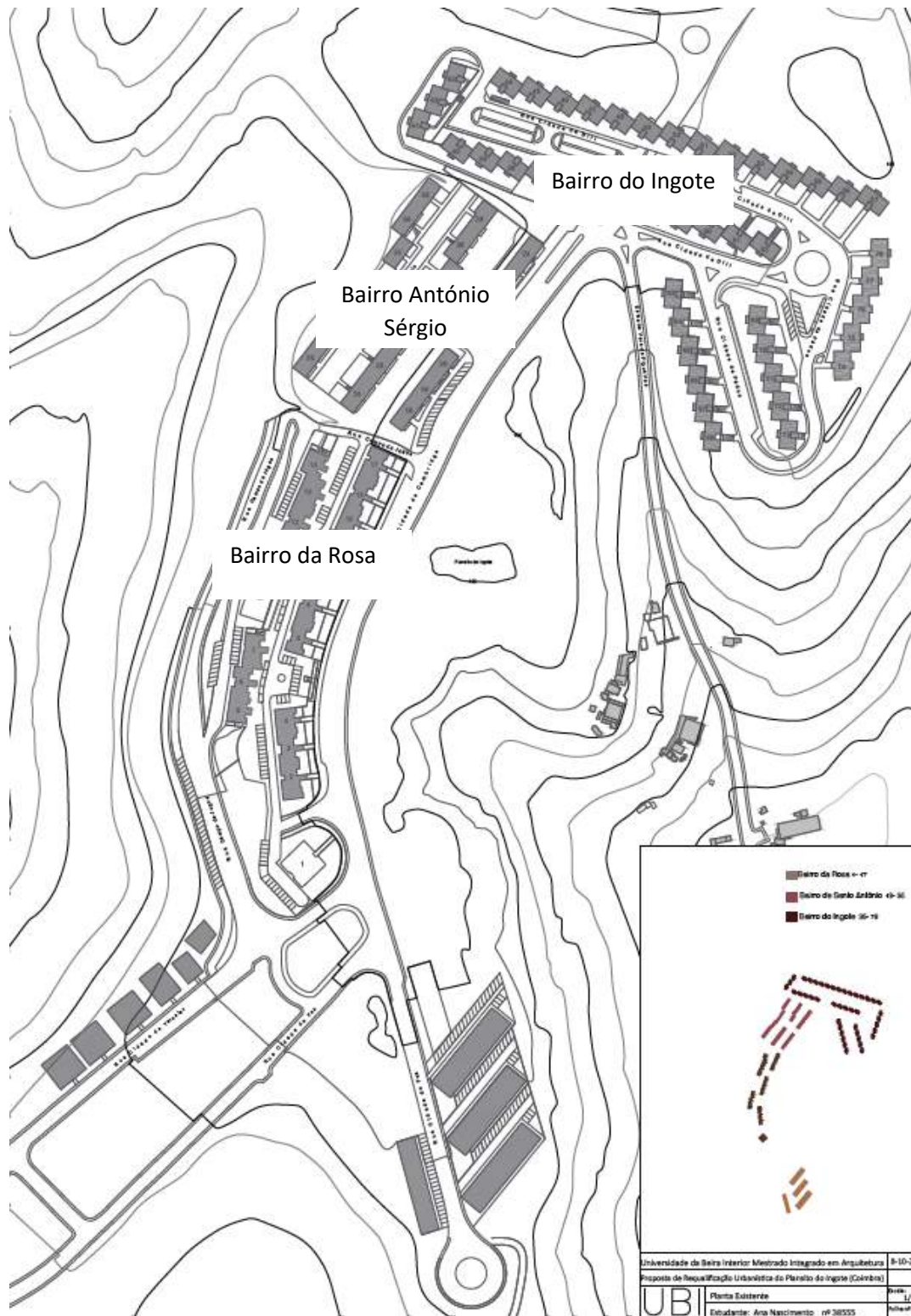


Figura 37- Planta do existente do Planalto do Ingote

Ainda que tenha sido o último núcleo habitacional desta zona periférica a ser edificado já na década de 90, o bairro da Rosa é como se viu no capítulo 5, o mais degradado. Consequentemente, a primeira medida, passa pela demolição de todo o edificado existente do Bairro da Rosa. Em sua substituição propõem-se que sejam construídos 3 edifícios habitacionais, dois deles implantados na zona antiga do edificado do bairro e o terceiro edifício num terreno adjacente, no acesso à Rua Cidade de São Paulo. Os edifícios 1 e 2(figura 51 e 52) terão 6 pisos habitacionais e o edifício 3, 4 pisos também para habitação. Todos eles terão dotados de garagens para estacionamento no piso -1. De modo a assegurar a diversidade funcional todos eles terão comércio e serviços no piso térreo.

A segunda medida passa pela revitalização do terreno de vulto que se encontra em frente ao bairro da Rosa e ao bairro António Sérgio e que é de momento um vazio urbano. para tal cria-se um parque verde com zonas de lazer, de desporto, circuitos desportivos, um parque infantil e um centro cívico (figura 51) Esta zona é designada por sector II e tem uma superfície total de 38.316m<sup>2</sup>. Será o novo parque urbano do planalto do Ingote que pretende atrair não só os residentes como visitantes provenientes de outras zonas da cidade.

A terceira medida passa pela criação de um quartel de bombeiros, (figura 49, tabela 1) localizando-o numa das entradas do planalto, também atualmente num vazio urbano. Será o principal equipamento de utilização coletiva também ao serviço da restante cidade. Tem ainda como objetivo melhor as condições de segurança no bairro e também integrá-lo na cidade, através do prestígio que conferirá ao local.

	Sector I	Sector II	Sector III
Habitação	●		
Comércio	●		
Serviços	●		
Parque Verde + centro cívico		●	
Quartel de bombeiros			●

Tabela 1- Sectores

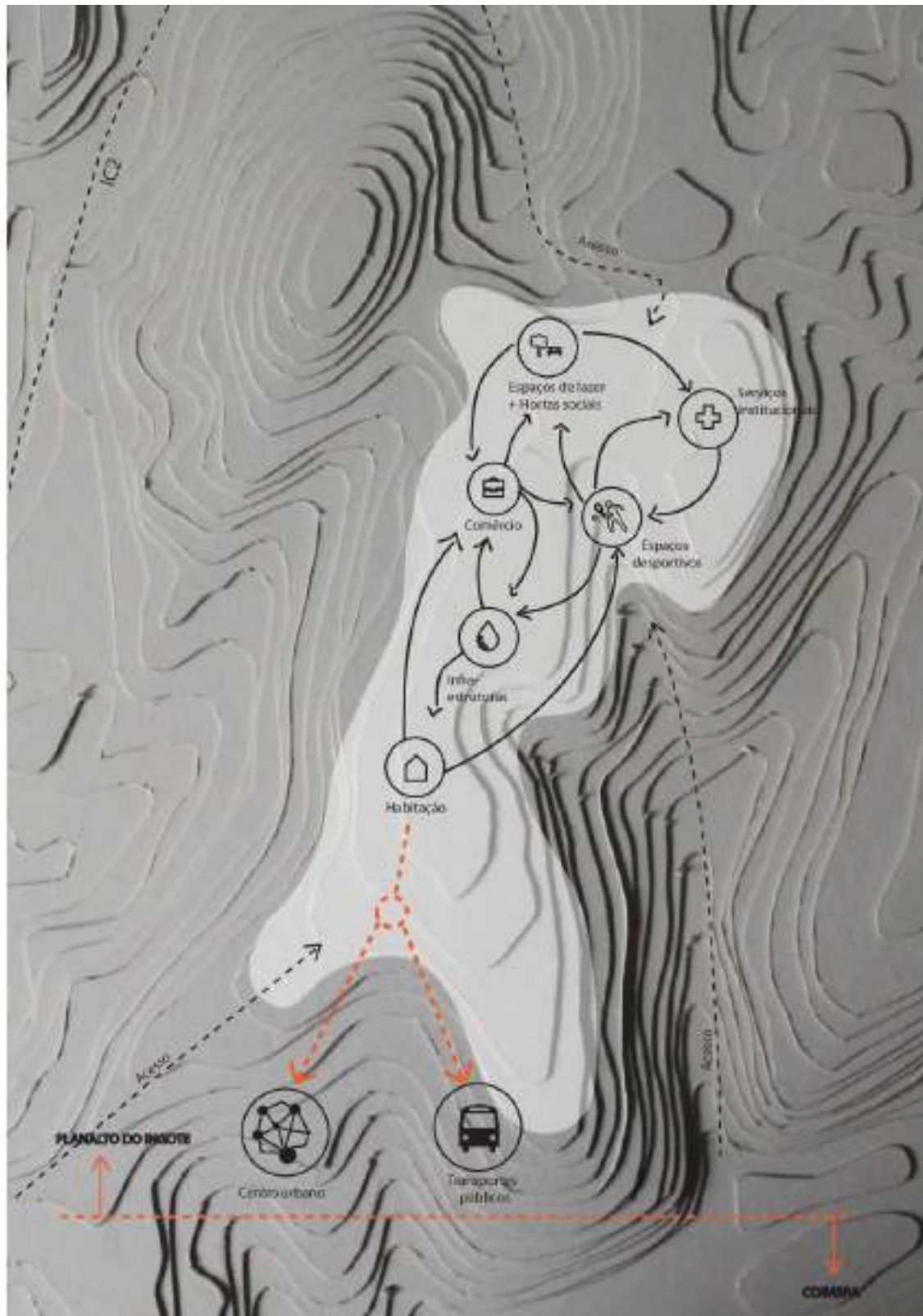


Figura 48- Estratégia em maquete da proposta



Figura 49- Planta geral da proposta



Figura 50 – Maquete virtual da proposta

### 6.3 Descrição particular

Neste ponto pretende-se descrever de forma mais pormenorizada algumas características da proposta de intervenção urbanística em cada um sector de intervenção. Assim o sector I, Habitação+ comércio+ serviços, o sector II, parque verde + equipamento e o sector III, equipamento. O planalto o ingote tem atualmente 734 fogos. Ora propõem-se a demolição de 222 fogos correspondente ao bairro da Rosa, que serão substituídos por novos edifícios num total de 226 fogos. Assim o planalto passara a ter 738 na sua totalidade. O equivalente a 1904 habitantes como população prevista (tendo em consideração o número médio de 2,58 pessoas por família em Portugal de acordo com os CENSOS 2011).

#### 6.3.1 Sector I: Habitação+ comércio+ serviços

No sector I, (figura 52) a proposta desenvolve-se centrada no âmbito habitacional, sendo projetados três edifícios residenciais que integram comércio e serviços novos como lavandarias de apoio aos moradores (inspiradas no exemplo do Bairro dona Leonor que se encontra descrito no ponto 3.2) e serviços. Destes fazem parte infantário das Cáritas Diocesanas e a associação de moradores do bairro da Rosa que terão novas sedes.



Figura 51- Planta sector I

Quer o edifício 1 quer o edifício 2 ambos com 96 fogos (figura 51), têm os já descritos 8 pisos, sete deles acima da cota de soleira, perfazendo cada um deles a uma área de Construção ( $\Sigma A_j$ ) de 8.940m<sup>2</sup> para a habitação, e 1490m<sup>2</sup> para comércio e serviços correspondente a sua área de implantação.

Quanto as tipologias habitacionais (figura 52) propõem-se três tipos de fogos, T1 com uma área útil de 36m<sup>2</sup> e uma área bruta de construção de 41 m<sup>2</sup>, T2 com duas versões, uma com 67.8m<sup>2</sup> e outra de 85 m<sup>2</sup> de áreas uteis, e com 74m<sup>2</sup> e 95 m<sup>2</sup> de área bruta de construção respetivamente e por fim o T3, com uma área útil de 85m<sup>2</sup>, e uma área bruta de construção de 103m<sup>2</sup>. São criados 68 lugares de estacionamento em cada um dos edifícios (tabela 2). Verifica-se que todas estas áreas cumprem o nº1 do artigo 67 do regulamente geral de edificações urbanas (REGEU) sobre os valores mínimos das áreas brutas dos fogos que são de 52 m<sup>2</sup> para o T1, 72m<sup>2</sup> para o T2, e 90m<sup>2</sup> para o T3.

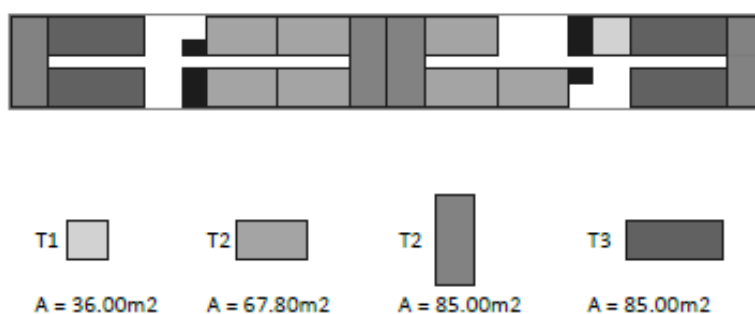


Figura 52- Esquema de tipologias dos edifícios 1 e 2(áreas uteis em m<sup>2</sup>)



Figura 53- Esquema das zonas de comércio e serviços dos edifícios 1 e 2

A figura 53, demonstra a funcionalidade do piso térreo, sendo numero 1 ocupado por comércio e o número 2 por serviços.

	T1	T2	T2	T3	1	2	3	Estacionamento	Acessos verticais	A0 Área de implantação m2
Piso -1								68		3387,15
R/c					1	2	1		2	2134,23
Piso1	2	4	6	4						1829,05
Piso 2	2	4	6	4						1829,05
Piso 3	1	4	7	4						1829,05
Piso 4	1	4	7	4						1829,05
Piso 5	2	3	6	4						1829,05
Piso 6	2	3	6	4						1829,05

Tabela 2- Quadro de áreas correspondentes aos edifícios 1 e 2

Como se pode observar na tabela1, os edifícios habitacionais contem o mesmo programa, mas a sua volumetria é destinta. O edificio 2 na sua implantação sofre uma rotação de 128 graus, criando assim fachadas dinâmicas como se pode ver na figura 56. Esta rotação deve-se a necessidade do alinhamento com os edifícios conftantes a sul na rua cidade de São Paulo e com o Bairro António Sérgio.



Figura 54- Render setor I

O edifício 3 com 32 fogos (figura 49), tem os já descritos 6 pisos, 5 deles acima da cota de soleira, perfazendo uma área de Construção ( $\Sigma A_j$ ) para a habitação de 4280 m<sup>2</sup>, e para comercio e serviços de 1070m<sup>2</sup> correspondente à sua área de implantação.

Quanto às tipologias habitacionais (figura 55) propõem-se as mesmas referidas anteriormente .

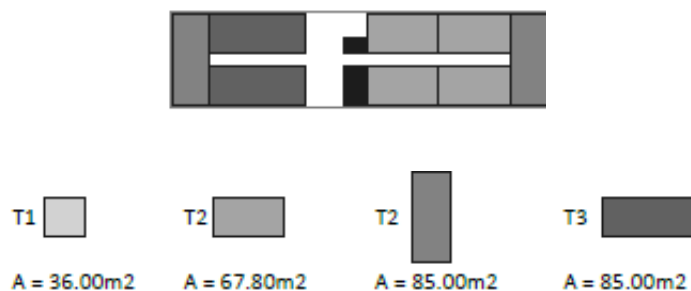


Figura 55- Esquema das tipologias do edifício 3 (áreas uteis em m2)



Figura 56- Esquema das zonas de comércio e serviços dos edifícios 3

A figura 56 demonstra a funcionalidade do piso térreo, sendo numero 1 ocupado por comercio e o número 2 por serviços.

	T1	T2	T2(h)	T3	1	2	Estacionamento	Acessos verticais	A0=
Piso -1							42		1.6990m <sup>2</sup>
R/c					1	2		1	1.07011m <sup>2</sup>
Piso1	2	2	2	2					920.00m <sup>2</sup>
Piso 2	2	2	2	2					920.00m <sup>2</sup>
Piso 3	---	4	2	2					920.00m <sup>2</sup>
Piso 4	---	4	2	2					920.00m <sup>2</sup>

Tabela 3- Tabela de áreas correspondente ao edifício 3

Como se pode observar na tabela 2, o programa do edifício 3 é distinto do edifício 1 e 2. O edifício 3, ao contrário dos edifícios anteriores não se insere no bairro da rosa. É implantado no início da Rua Cidade de São Paulo, criando uma continuidade entre o edificado da Rosa e o edificado existente a sul, como se pode observar na figura 57. Integra 42 lugares de estacionamento (tabela 3)

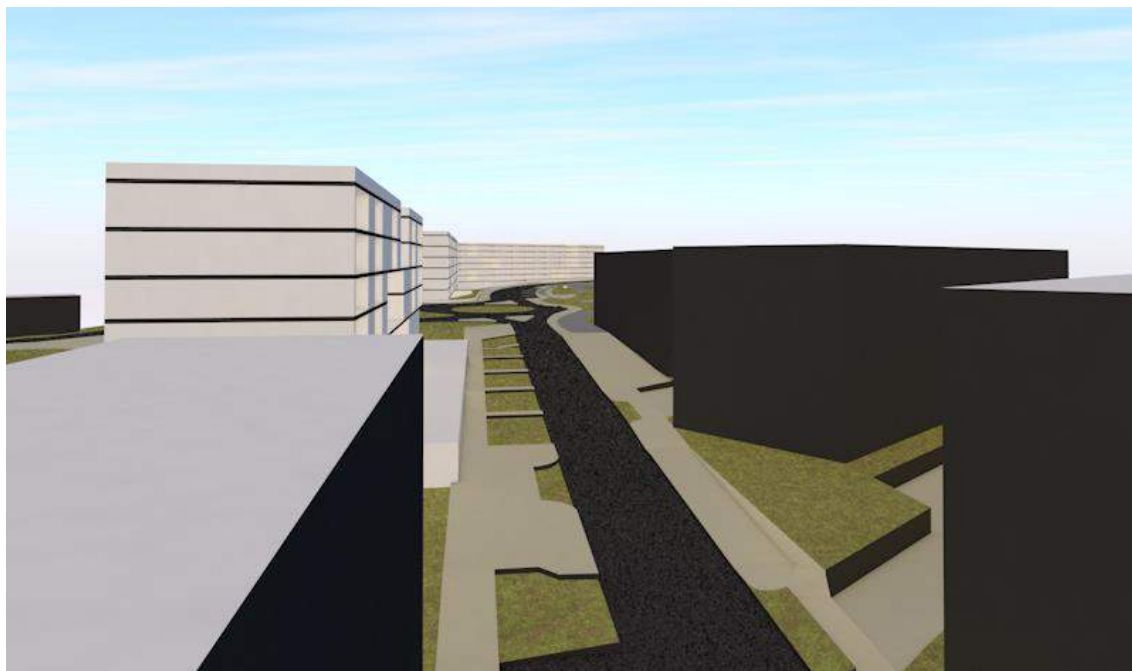


Figura 57- Render sector I, vista edifício 3

### 6.3.2 Sector II

No sector II, (figura 58e 59) desenvolve-se uma proposta para criação de um parque verde que integre zonas de lazer, circuitos desportivos, um quiosque, um centro cívico e uma zona de hortas sociais, existente. O edifício do centro cívico tem um piso e uma área Construção ( $\sum A_j$ ) = 3.368,99m<sup>2</sup>

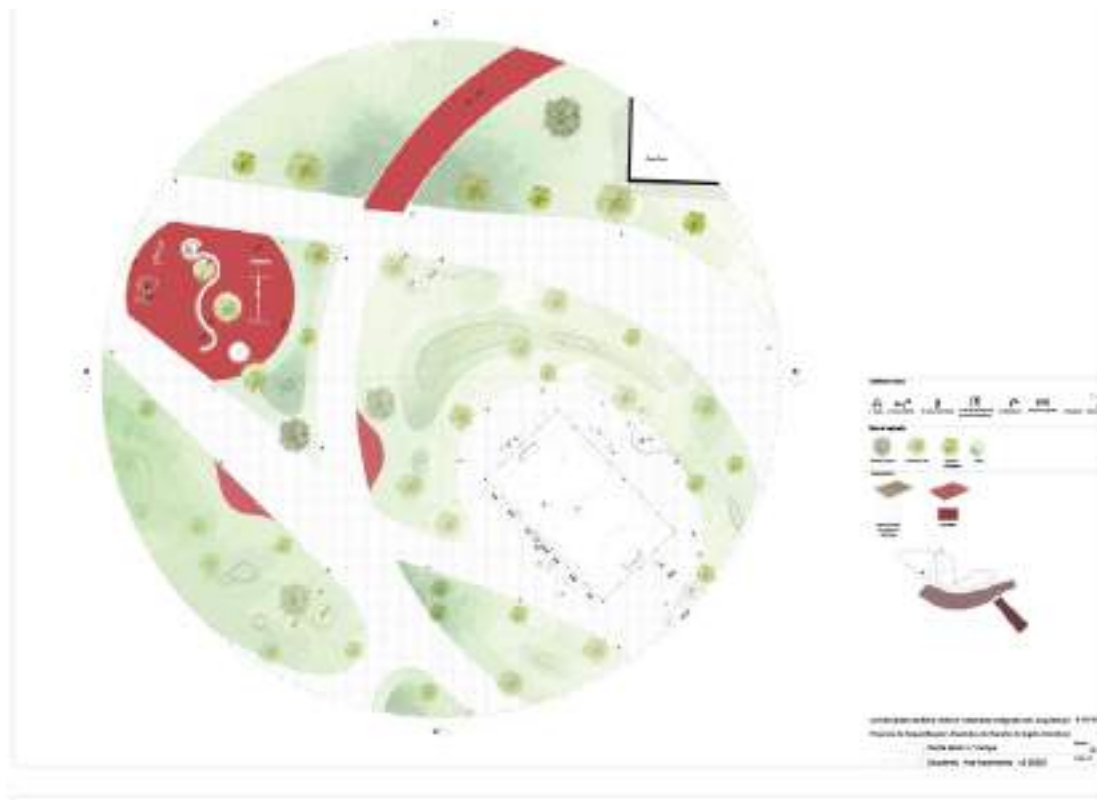


Figura 58- Planta do Sector II

Este parque tem como objetivo catalisar uma área residencial, de modo a criar um marco de referência para os seus moradores e para a cidade. O centro cívico caracteriza -se por ser um espaço multifuncional capaz de albergar diversos eventos de cariz cultural e educativo tais como seminários, conferências, exposições ou concertos. Na tabela 4, podem-se observar as áreas totais que formam o sector II.

Parque	
Centro Cívico	A0=3.368,99m2
Zonas de desporto	A0=1.287,57m2
Parque infantil	A0=435.026m2
Quiosque	A0=25,52m2
Hortas sociais	

Tabela 5. Quadro de áreas do sector II



Figura 59- Render sector II, vista parque.

### 6.3.2 Sector III

No sector III, (figura 60) desenvolve-se uma proposta para um Quartel de Bombeiros, com o intuito de promover a segurança entre os habitantes do Planalto. A sua implantação localiza-se numa das entradas do Ingote, sendo uma zona de fáceis acessos tanto ao bairro como à cidade. Tem uma área de implantação = 2300 m<sup>2</sup> e uma área de construção ( $\Sigma A_j$ ) = 11.500m<sup>2</sup>(figura 63e tabela 4).

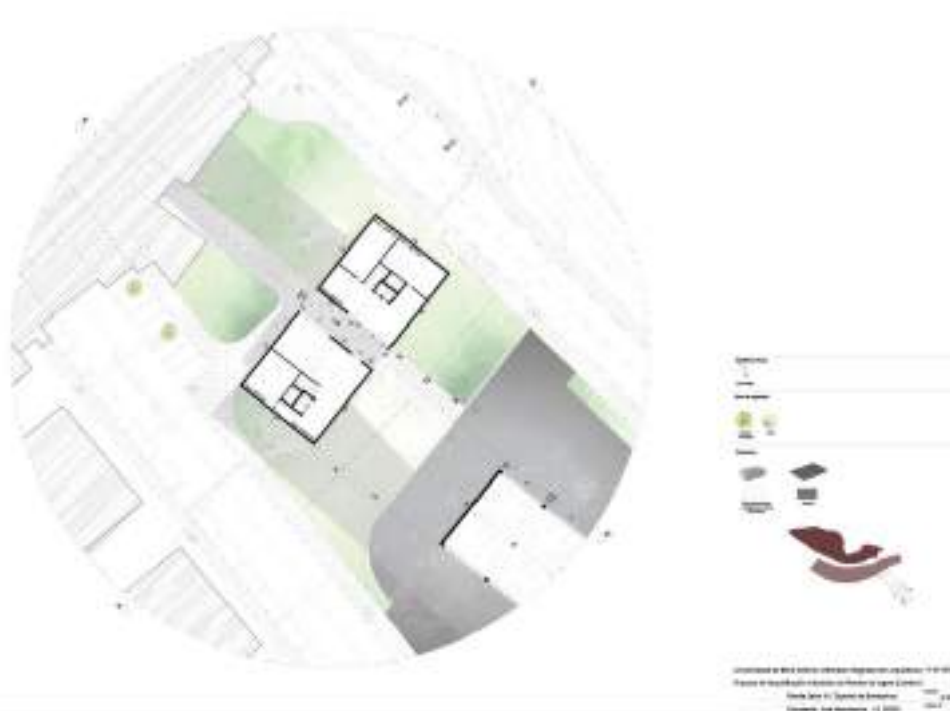


Figura 60- Planta do sector III, Quartel de Bombeiros

Quartel dos Bombeiros	A0=2300 m <sup>2</sup>
-----------------------	------------------------

Tabela 6- Quadro de áreas do sector III

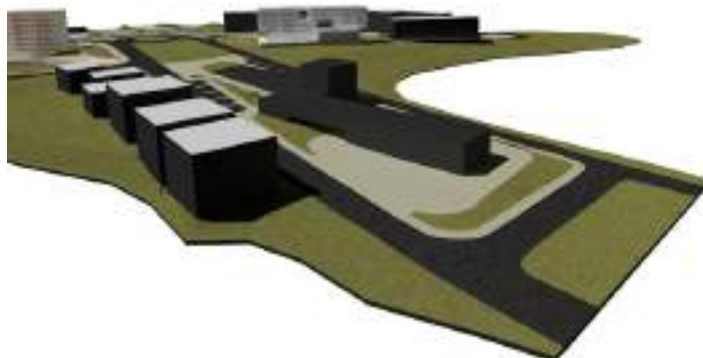


Figura 61- Render sector III, vista para o Quartel de Bombeiros

#### 6.4 Síntese de alguns aspetos construtivos

Em função do programa implantado houve a necessidade da alteração da morfologia do terreno na área do edificado do bairro da Rosa para implantar o novo edificado proposto para o bairro da Rosa. Esta medida foi tomada de modo a amenizar a diferença de cotas de cerca de 10m que existia entre a Rua Cidade de Cambridge e a Rua Campo de jogos. Deixando assim o fosso entre a Rua Cidade de Cambridge e edificado confinante.

A morfologia dos arruamentos foi alterada deixando de existir a rua bairro da Rosa que fazia o acesso intermédio do bairro, passando só a conter a rua que faz o contorno do bairro, essa que também alterada de modo a estabelecer a continuidade com a rua 13 de Maio no bairro António Sérgio que se localiza no Bairro António Sérgio. Esta alteração teve como objetivo a conceção dos dois bairros tornando possível a mobilidade direta entre eles, de forma a não serem isolados, como acontecia anteriormente.

As ruas e os passeios também foram requalificados obtendo a mesma pavimentação. A Rua Cidade de Cambridge, sendo um eixo estruturante do planalto foi repavimentada com bloco

para pavimento paralelo, figura 62 de modo a tornara-la a rua uma zona de velocidades reduzidas, por parte dos veículos automóveis permitindo assim uma passagem mais segura entre a zona habitacional e o parque. Os passeios também foram alargados, permitindo a implantação de árvores e em alguns elementos de mobiliário urbano.

Na zona pedestre do parque, o pavimento é feito com lajetas de betão de 0,5x 1.00m figura 63 e nas zonas dos parques infantis e das rampas o pavimento é de neoasfalto como se pode observar na figura 64. Contudo esta intervenção levou à criação de novos lugares de estacionamento, junto ao parque e na zona habitacional, com a mesma pavimentação da rua e passeios. Estes materiais de construção foram escolhidos porque são bastante permeáveis e duradouros.



*Figura 62- Bloco de pavimento*



*Figura 63- Lajetas de betão*



*Figura 64- Pavimento em neoasfalto*

Refira-se por último que de modo a enriquecer o projeto e a qualidade de vida dos habitantes do Planalto, foram propostos vários tipos de mobiliário urbano, sendo o mais visível no sector II, que diz respeito ao parque verde. Posto isto, foram implantados no parque, máquinas de desporto ao ar livre, um parque infantil, um campo de futebol, um quiosque, bancos, mesas, bebedouros, iluminação, e caixotes do lixo. As figuras 65, até a 74 têm como função demonstrar o tipo de equipamento mobiliário pretendido para a proposta.

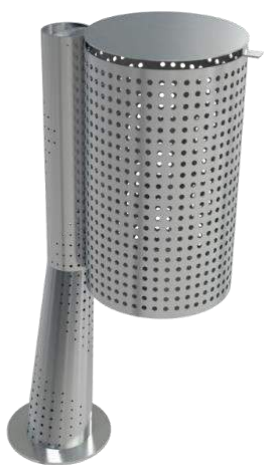


Figura 65- Papeleira



Figura 66- Bebedouro



Figura 67- Balizadores

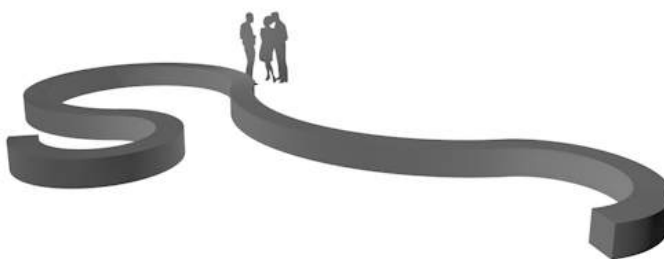


Figura 68- Banco de jardim



Figura 69- Equipamento desportivo, barras de flexão

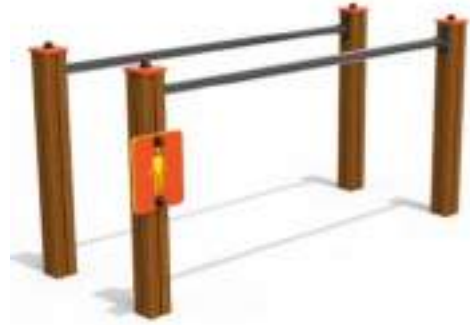


Figura 70- Equipamento desportivo, barras paralelas



Figuras 71- Equipamento desportivo, pontos de equilíbrio



Figura 72- Máquina desportiva exterior, cintura



Figura 73- Máquina desportiva exterior, patins



Figura 74- Máquina desportiva exterior, pónei

## CAPÍTULO 7. Conclusão

Como se pôde analisar no âmbito desta dissertação, em muitas cidades europeias, das quais Coimbra não é exceção, a ocupação do tecido edificado centrado na função residencial tornou-se progressivamente mais fragmentada e diluída rumo às zonas periféricas. Com o dealbar da cidade moderna, em Portugal com maiores repercussões a partir de meados do séc. XIX, como se analisou no Capítulo 2, a malha urbana sofreu modificações importantes, que ocorreram na sua estrutura, como o aparecimento de novas tipologias habitacionais e a reestruturação dos eixos viários, a adaptar-se às modificações induzidas pela Revolução industrial.

Neste contexto, as cidades veem o seu ritmo oscilar entre períodos de aceleração ou de abrandamento, associados, respetivamente, a um enorme crescimento ou a um total abandono. Posto isto, mais recentemente a globalização acarretou em si o processo de ocupação urbana, mas também, em simultâneo, o abandono noutras partes das urbes. Assim sendo, as periferias deixaram de ser locais meramente residenciais, para começarem a ser espaços de eleição para a fixação de determinados tipos equipamentos e serviços, tais como de cariz comercial. Ora, o planalto do Ingote está em linha com esta evolução, ainda que se poderá referir de forma tardia face a outras cidades. O processo de requalificação urbana tem sido lento e escasso em diversidade funcional. Em síntese os subúrbios começaram a aparecer como territórios de oscilações entre a fixação de infraestruturas industriais, habitação de renda baixa e mais tarde locais mais qualificados de comércio. Consequentemente a população começou a preencher a malha urbana da periferia derivado à sobrelotação nos centros da cidade, onde a habitação é mais cara.

O estudo de bairros sociais, considerados de referência nas cidades de Barcelona e do Porto, no Capítulo 3, veio demonstrar ser fundamental para o conhecimento das suas características, aprofundar a comunidade que os habita, os hábitos e vivências que os caracteriza para assegurar o sucesso de propostas de requalificação. Quer o Bairro de La Mina em Barcelona, quer o Bairro D. Leonor, quer ainda o Bairro de Contumil ambos no Porto, são exemplos significativos de habitação coletiva de cariz social, objeto de soluções de requalificação que se revelaram bastante eficazes no auxílio à proposta de desenho urbano no Ingote. Os equipamentos do Bairro de La Mina criaram uma nova centralidade na cidade. O Bairro D. Leonor destacou-se pelas suas inovações de cariz ambiental que fazem dele um caso pioneiro no domínio

da habitação social. A requalificação dos edifícios (fachadas, coberturas e caixas de escada) no Bairro de Contumil são também um exemplo.

Como se pôde ver no Capítulo 4 o forte impulso na política de habitação em Portugal, ocorreu com o primeiro colóquio de arquitetura realizado em fevereiro de 1967, organizado pelo sindicato nacional de arquitetos. Daqui de levou a efeito a construção de inúmeros bairros sociais um pouco por todo o país ainda que a sua origem fosse mais remota. Como se verificou no caso de Coimbra, grande parte destes bairros tiveram origem na década de 1930 como o caso do Bairro do Loreto, ao qual se seguiram muitos outros nas décadas posteriores.

À semelhança do que se pôde constatar no estado de arte na análise de Kevin Lynch, no ponto 4.1, também o planalto do Ingote está estruturado dentro de si mesmo. Como se verificou, está organizado em três sub bairros ou sectores com um total de 734 fogos, sendo o Bairro da Rosa o mais recente com origens na década de 1990 e ainda assim o mais degradado. Do estudo de aspetos como a mobilidade, a organização do tecido urbano, do parcelamento fundiário e da diversidade de equipamentos, concluiu-se que os acessos ao planalto do Ingote são considerados bons na sua ligação à cidade. Contudo, o bairro encontra-se isolado em termos de continuidade urbana da envolvente, sendo a diversidade de atividades escassa. Assim, a proposta de requalificação urbanística, apresentada no Capítulo 6, criou zonas verdes, equipamentos coletivos como o quartel dos bombeiros ou o centro cívico, mantendo alguns dos existentes como a Cáritas e a Associação de Moradores, de modo a colmatar esta escassez. Por outro lado, a opção por localizar no piso térreo dos novos imóveis comércio e serviços veio também contribuir para esta diversidade.

Como se verificou alguns destes equipamentos pretende-se que venham a ser uma referência não só no planalto, mas como à escala de toda a cidade, tornando o Ingote num local mais seguro, aprazível e procurado por todos, residentes e visitantes. Ainda assim, o cariz residencial do local é preservado. Dos atualmente existentes 734 fogos ficará dotado de mais quatro, de modo a manter um quantitativo populacional idêntico ao atual.

Esta proposta é apenas um exemplo do que poderá ser o futuro de um bairro cuja identidade se pretende preservar, qualificando quer os espaços coletivos, de cariz público quer os espaços privados de habitação, para que possa ser uma referência no contexto da cidade.

## Bibliografia

### Livros

Benévolo, Leonardo, 2005. História da Cidade. Editora: Perspetiva

Lamas, José (2017). Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Lynch, Kevin Andrew. (2011) A IMAGEM DA CIDADE. 1ª ed. Lisboa: Edições 70

Rossi, Aldo. (2008) A ARQUITETURA DA CIDADE. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes edições Lda.

Virtudes, Ana Lúcia (2017). Urbanística. Moderna em Portugal (1834-1948) Santarém, um caso exemplar. Nota de rodapé edições.

### Teses Académicas

Coelho, Patrícia Silva (2016) O TEMPO DE HABITAR Três experiências evolutivas. FCTUC, Coimbra.

Freitas, Luís Pedro (2011) Influencia do desenho urbano na insegurança na Cidade. Proposta para o Bairro da Cova da Moura. Universidade Técnica de Lisboa.

Piã, Ana I.R. (2015) Coimbra, cidade de bairros. Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote FCTUC, Coimbra.

Santos, José L. F. (2008) Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra. ISCTE, Lisboa.

SANTOS, R. (2006) O Planalto do Ingote. Prova Final- Darq/FCTUC. Coimbra: Universidade de Coimbra.P.246

## Artigos Científicos

Ana Maria Cortez Vaz, Cristina Faria Barros e João Luís Jesus Fernandes (2011/12) Cadernos de Geografia nº 30/31 Coimbra.

Barros, Sandra Augusta Leão (2004) A escala bairro e o conceiro de lugar urbano: O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. Pós-Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo fauusp. Nº 15.

Nelson Correia Borges, cit. in Coimbra e Região - Novos Guias de Portugal.

Paula Santana (1998) Cadernos de Geografia nº 17 Coimbra, FLUC. Página

Rubin, G.R. (2013) Geografia Ensino & Pesquisa

## Vídeos

Cinema de Bairro - "Coimbra é uma canção" - Bairro da Rosa - Parte 1/2

## Imagens

**Figura 1.** <https://es.slideshare.net/brunapaz8/la-ampliacin-de-vienna>

**Figura 2.** <https://es.slideshare.net/brunapaz8/la-ampliacin-de-vienna>

**Figura3.** <https://www.bathintime.co.uk/image/228700/heape-r-grundy-the-soul-of-bath-view-of-the-circus-and-royal-crescent-1939>

**Figura 4.** <https://abuscapelasabedoria.blogspot.com/2017/07/como-o-urbanismo-linear-salvou.html>

**Figura 5.** <https://5cidade.wordpress.com/2009/07/16/2228/>

**Figura 6.** Lamas, José, 2017. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian P. 206

**Figura 7.** <https://pt.slideshare.net/nicksocrates/la-mina-bridge/7?smtNoRedir=1>

**Figura 8.** <http://jornetlloppastor.blogspot.com/p/projecte-urba.html>

**Figura9.** <https://www.google.com/maps/place/Bairro+da+Rainha+Dona+Leonor,+4150-733+Porto/@41.146501,-8.6612848,16z/data=!4m5!3m4!1s0xd246f876ef10ac1:0x5c211f5ace9aea19!8m2!3d41.1486783!4d-8.661081>

**Figura 10.** [www.domussocial.pt/habitacoes/bairro-da-rainha-d.-leonor\\_2](http://www.domussocial.pt/habitacoes/bairro-da-rainha-d.-leonor_2)

**Figura11.** <http://www.porto.pt/noticias/rainha-dona-leonor-vai-ser-o-melhor-bairro-social-do-pais-e-nao-custara-nada-a-camara-do-porto>

**Figura12.** [https://www.google.com/maps?biw=1680&bih=933&q=Bairro+Contumil,+Porto&um=1&ie=UTF-8&sa=X&ved=0ahUKEwiauZ2GpdTdAhVILsAKHVh-BR4Q\\_AUICigB](https://www.google.com/maps?biw=1680&bih=933&q=Bairro+Contumil,+Porto&um=1&ie=UTF-8&sa=X&ved=0ahUKEwiauZ2GpdTdAhVILsAKHVh-BR4Q_AUICigB)

**Figura 13.** Bairro Contumil, Porto

Fonte: <http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/logradouro-de-casa-porto/reabilitacao-bairro-contumil-porto/>

**Figura 14.** Lynch, Kevin Andrew. A IMAGEM DA CIDADE. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011. P. 70

**Figura 15.** Lynch, Kevin Andrew. A IMAGEM DA CIDADE. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011. P. 70

**Figura 16.** Lynch, Kevin Andrew. A IMAGEM DA CIDADE. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011. P. 70

**Figura 17.** (1969), "Diário de Lisboa", nº 16714, Ano 49, Quarta, 2 de julho de 1969, CasaComum. org, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_7326](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_7326)

**Figura 18** Coelho, Patrícia Silva (2016) O TEMPO DE HABITAR. Três experiências evolutivas. FCTUC, Coimbra. P. 7

**Figura 19.** <http://valormercado.com.br/alagoas/2015/10/sedetur-apresenta-alagoas-para-agentes-de-viagens-em-portugal/>

**Figura 20.** FARIA, J. S., & REBELO, J. (Eds.). (2006). *Evolução do Espaço Físico de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. p. 15

**Figura21.** <https://digitalisdsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/40466/1/Genese%20e%20desenvolvimento%20da%20habitacao%20social.pdf>

**Figura 22.** [http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeo30\\_31/Eixo2\\_3](http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeo30_31/Eixo2_3)

**Figura 23.** autor

**Figura 24.** autor

**Figura 25.** autor

**Figura26.** [www.google.pt/maps/place/Ingote,+Coimbra/data=!4m2!3m1!1s0xd22f918b1d980b5:0x25ca2dc0c5b4f595?sa=X&ved=2ahUKEwjhpvMsNTdAhVHzBoKHRAOAuIQ8gEwAHoECAQQAQ](http://www.google.pt/maps/place/Ingote,+Coimbra/data=!4m2!3m1!1s0xd22f918b1d980b5:0x25ca2dc0c5b4f595?sa=X&ved=2ahUKEwjhpvMsNTdAhVHzBoKHRAOAuIQ8gEwAHoECAQQAQ)

**Figura 27.** autor

**Figura 28.** autor

**Figura 29.** autor

**Figura 30.** autor

**Figura 31.** autor

**Figura 32.** Fotojornalista Ricardo Almeida

**Figura 33.** Fotojornalista Ricardo Almeida

**Figura 34.** Fotojornalista Ricardo Almeida

**Figura 35.** Fotojornalista Ricardo Almeida

**Figura 36.** autor

**Figura 37.** autor

**Figura 38.** autor

**Figura 39.** <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-270554/vivienda-social-casanova-cdm-architetti-associati>

**Figura 40.** <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-270554/vivienda-social-casanova-cdm-architetti-associati>

**Figura 41.** <https://www.e-architect.co.uk/madrid/mirador-sanchinarro>

**Figura 42.** [https://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/madrid/mirador\\_sanchinarro\\_m040112\\_r5.jpg](https://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/madrid/mirador_sanchinarro_m040112_r5.jpg)

**Figura 43.** <http://www.croquizar.com/edificio-celosia-mvrdv/>

**Figura 44.** <http://www.croquizar.com/edificio-celosia-mvrdv/>

**Figura 45.** <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-269609/conjunto-de-viviendas-en-sevilla-dl-a-arquitectos-asociados/51bf9885b3fc4b7f2e000017-housing-complex-in-sevilla-dl-a-arquitectos-asociados-photo>

**Figura 46.** <https://www.archdaily.com/66199/horizontal-skyscraper-steven-holl/sha-vanke-10-03-7168>

**Figura 47.** <http://www.guiding-architects.net/madrid-rio-politicians-architects-tunneling-machines-pine-trees/>

**Figura 48.** <https://www.nashvillescene.com/news/pith-in-the-wind/article/13043234/ten-nashville-parks-you-might-not-have-known-about-and-shouldnt-miss>

**Figura 49.** autor

**Figura 50.** autor

**Figura 51.** autor

**Figura 52.** autor

**Figura 53.** autor

**Figura 54.** autor

**Figura 55.** autor

**Figura 56.** autor

**Figura 57.** autor

**Figura 58.** autor

**Figura 59.** autor

**Figura 60.** autor

**Figura 61.** autor

**Figura 62.** <https://aclweb.pt/pt/produtos/pavimentos/blocos-para-pavimento/blocos-para-pavimento-paralelo>

**Figura 63.** <http://www.pavings.amop.eu/idx/produtosline,332,1,0>

**Figura 64.** <http://www.neoasfalto.com/>

**Figura 65.** <http://www.urban.amop.eu/idx/boxlargeprodutos,440,1,0>

**Figura 66.** <https://www.bricantel.pt/fonte-inclusivo-2>

**Figura 67.** <https://www.bricantel.pt/produtos/iluminacao-publica/projetores-balizadores/balizadores/joker>

**Figura 68.** autor

**Figura 69.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/circuitos-de-manutencao/barras-de-flexoes-1>

**Figura 70.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/circuitos-de-manutencao/barras-paralelas-2>

**Figura 71.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/circuitos-de-manutencao/salto-ao-eixo>

**Figura 72.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/bio-saudaveis/cintura>

**Figura 73.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/bio-saudaveis/patins>

**Figura 74.** <https://www.bricantel.pt/produtos/espacos-desportivos/bio-saudaveis/ponei>



# Anexos



# **Anexo I- Caracterização dos edifícios existentes a demolir**

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Lote nº1

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Cidade de Cambridge



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 387,2126 m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 5

-Área de construção: 1936,063 m<sup>2</sup>

-Função: habitação

-Nº de fogos: 20

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Razoável

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Bloco I

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Cidade de Cambridge



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 638,4141 m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 6

-Área de construção: 3.830,4846m<sup>2</sup>

-Função: habitação

-Nº de fogos: 42

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Mau

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Bloco II

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Cidade de Cambridge



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 597,4678m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 6

-Área de construção: 3.584,8068m<sup>2</sup>

-Função: habitação

-Nº de fogos: 42

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Mau

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Bloco III

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Cidade de Cambridge



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 595.0853m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 6

-Área de construção: 3.570,5118m<sup>2</sup>

-Função: habitação

-Nº de fogos: 42

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Mau

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Bloco IV

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Bairro da Rosa



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 822,3155m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 4

-Área de construção: 3.289,2622

-Função: habitação

-Nº de fogos: 28

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Mau

## Fichas de caracterização dos edifícios existentes\_ Anexo

### Bloco V

**Localização:** Bairro da Rosa, Planalto do Ingote, Coimbra

**Rua:** Bairro da Rosa



Planta de Implantação 1/1000



Fotografia

### Características:

-Área de implantação: 613,1231m<sup>2</sup>

-Nº de pisos: 4

-Área de construção: 2.452,4924m<sup>2</sup>

-Função: habitação

-Nº de fogos: 28

- Ano de construção: 1992

-Tipologia: habitação em bloco

### Estado de conservação

-Cobertura: Razoável

-Fachada: Mau



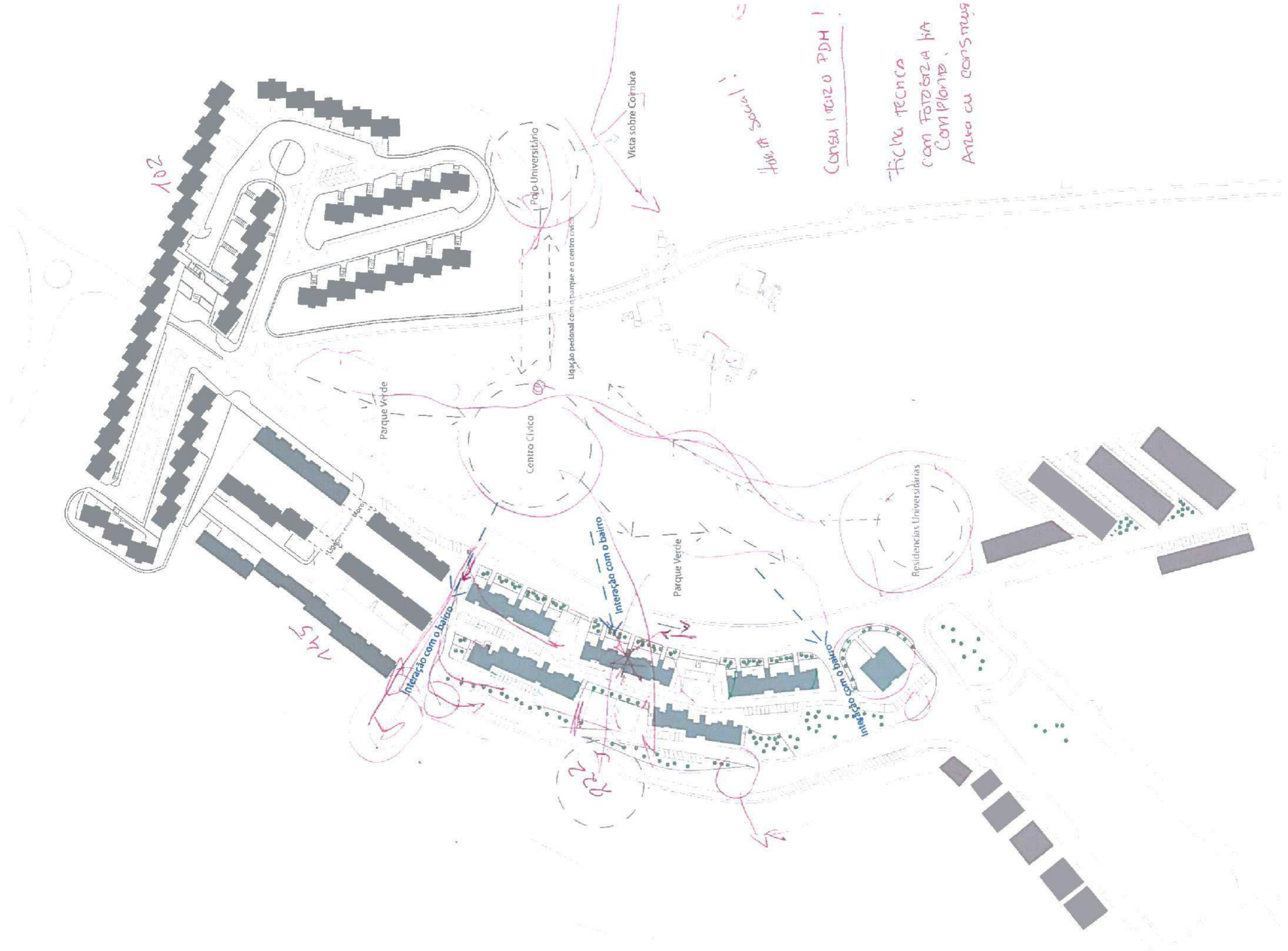
## **Anexo II-Desenhos da proposta**



## **Anexo III- Listas de peças desenhadas**







Horta Social

Construção PDH!

Ficha técnica  
 com FORTALEÇA HA  
 COMPLETO.  
 ANEXO CONSUMOS

201

745

F-20

Popo Universitário

Centro Cívico

Residências Universitárias

Mista sobre Coimbra

Parque Verde

Parque Verde

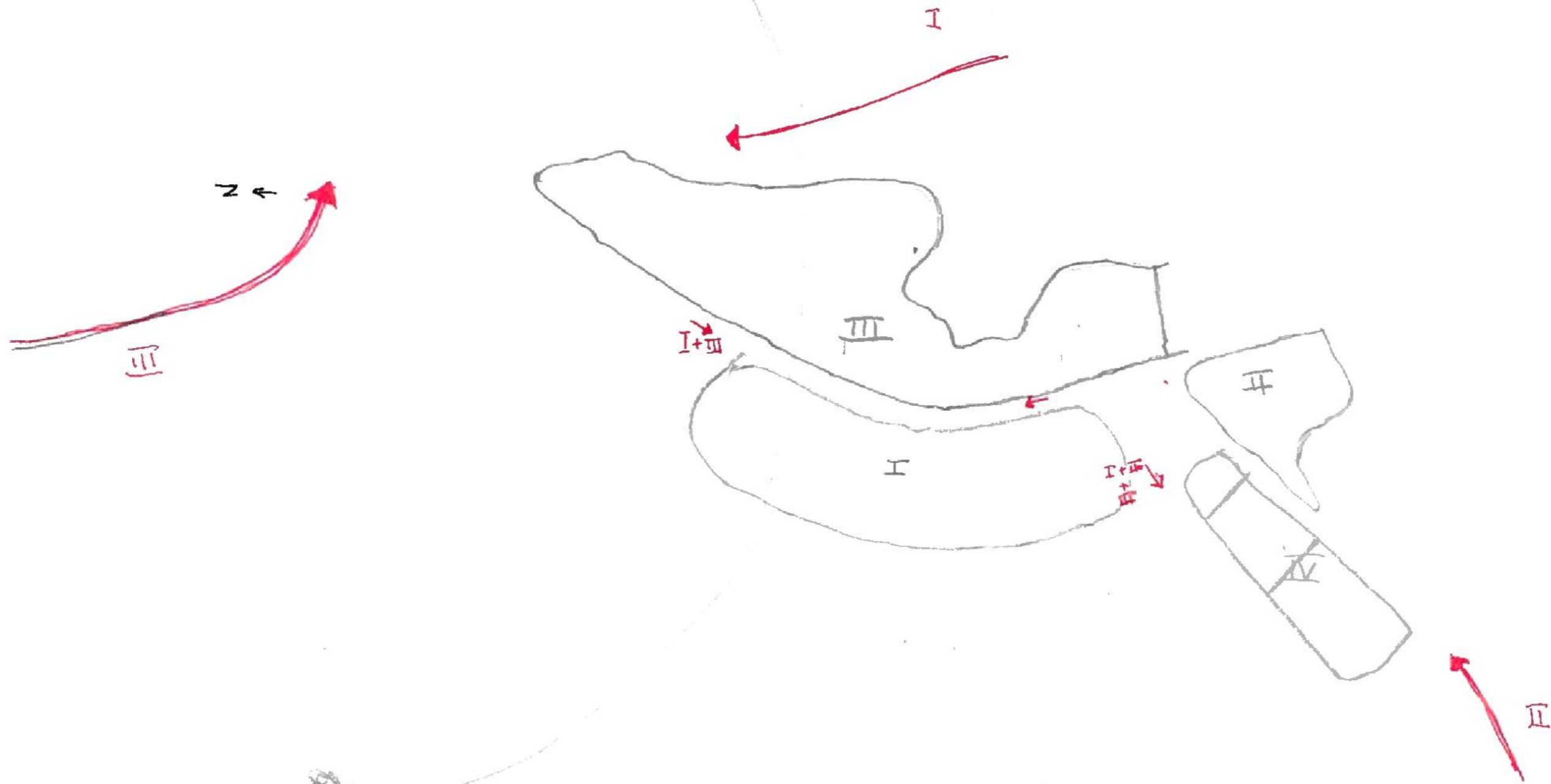
Ligação pedonal com o parque e o centro cívico

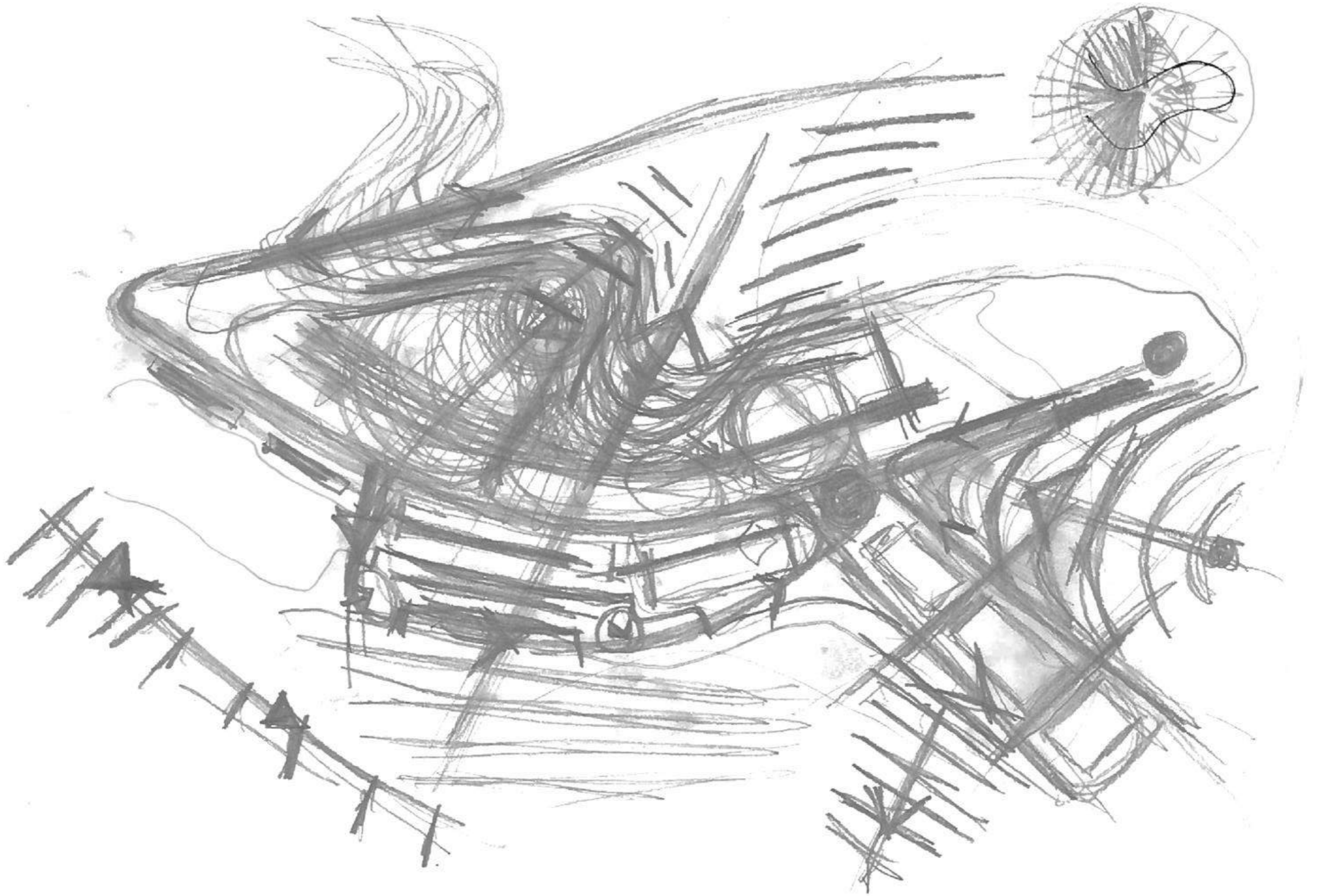
Interação com o bairro

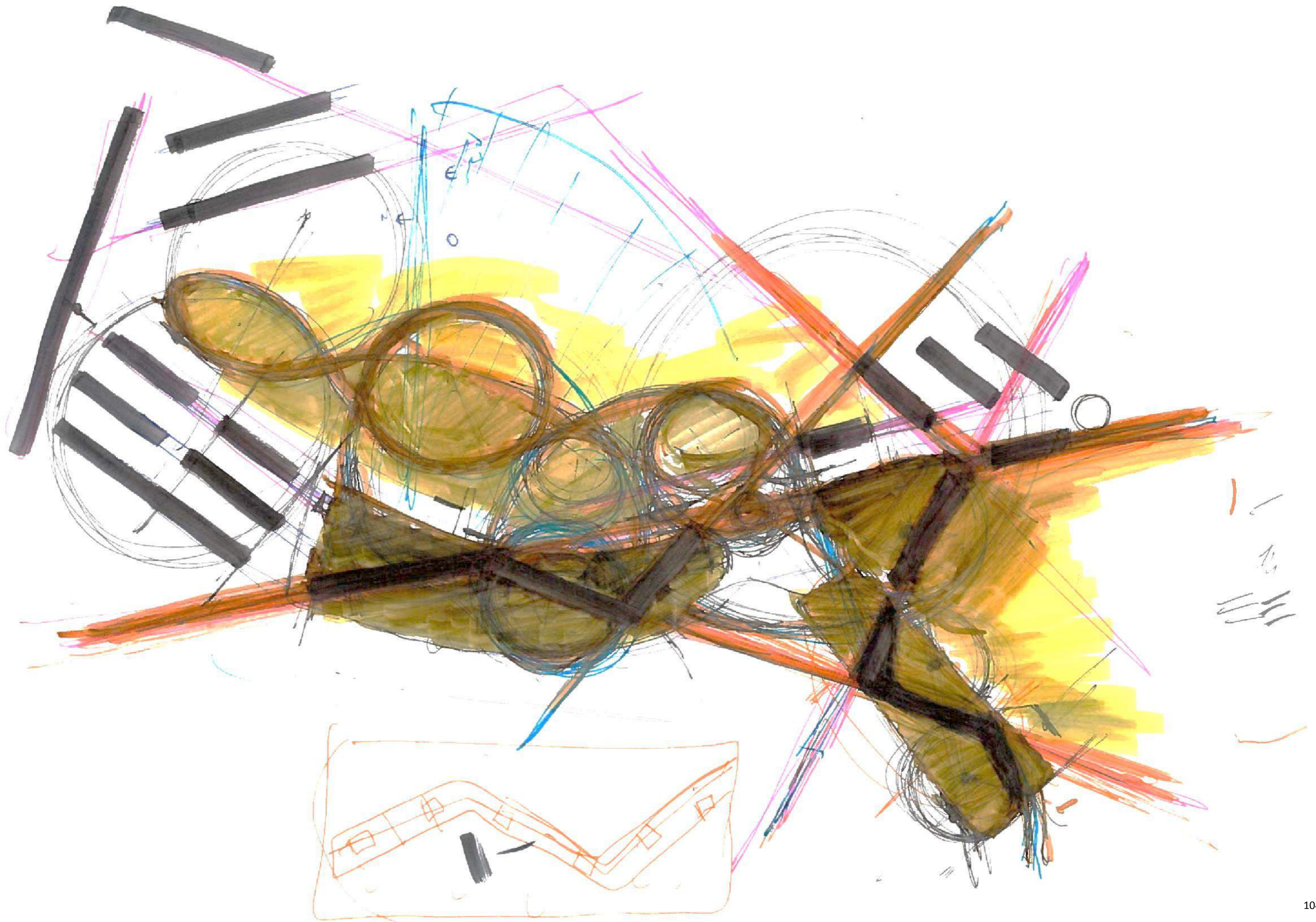
Interação com o bairro

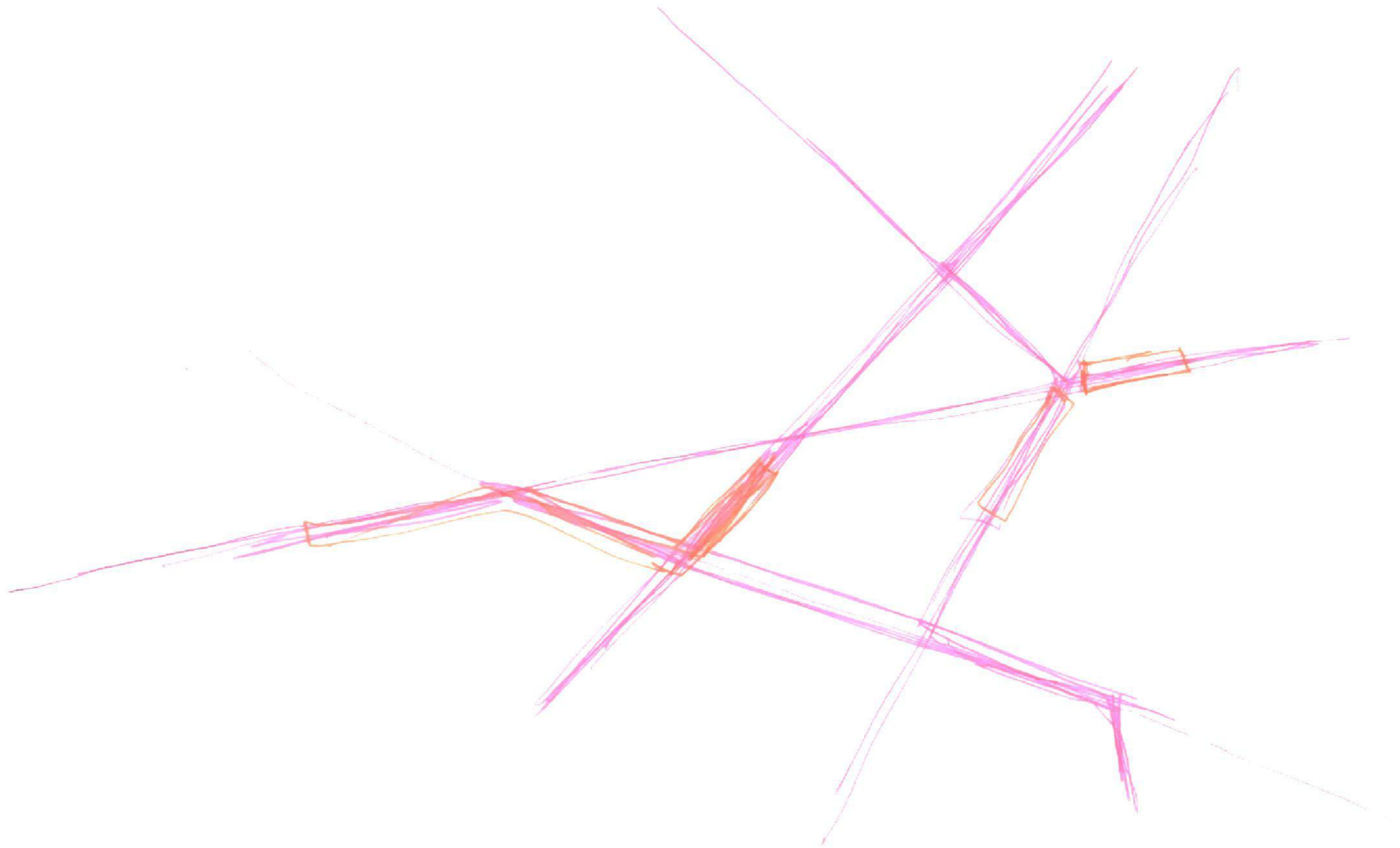
Interação com o bairro

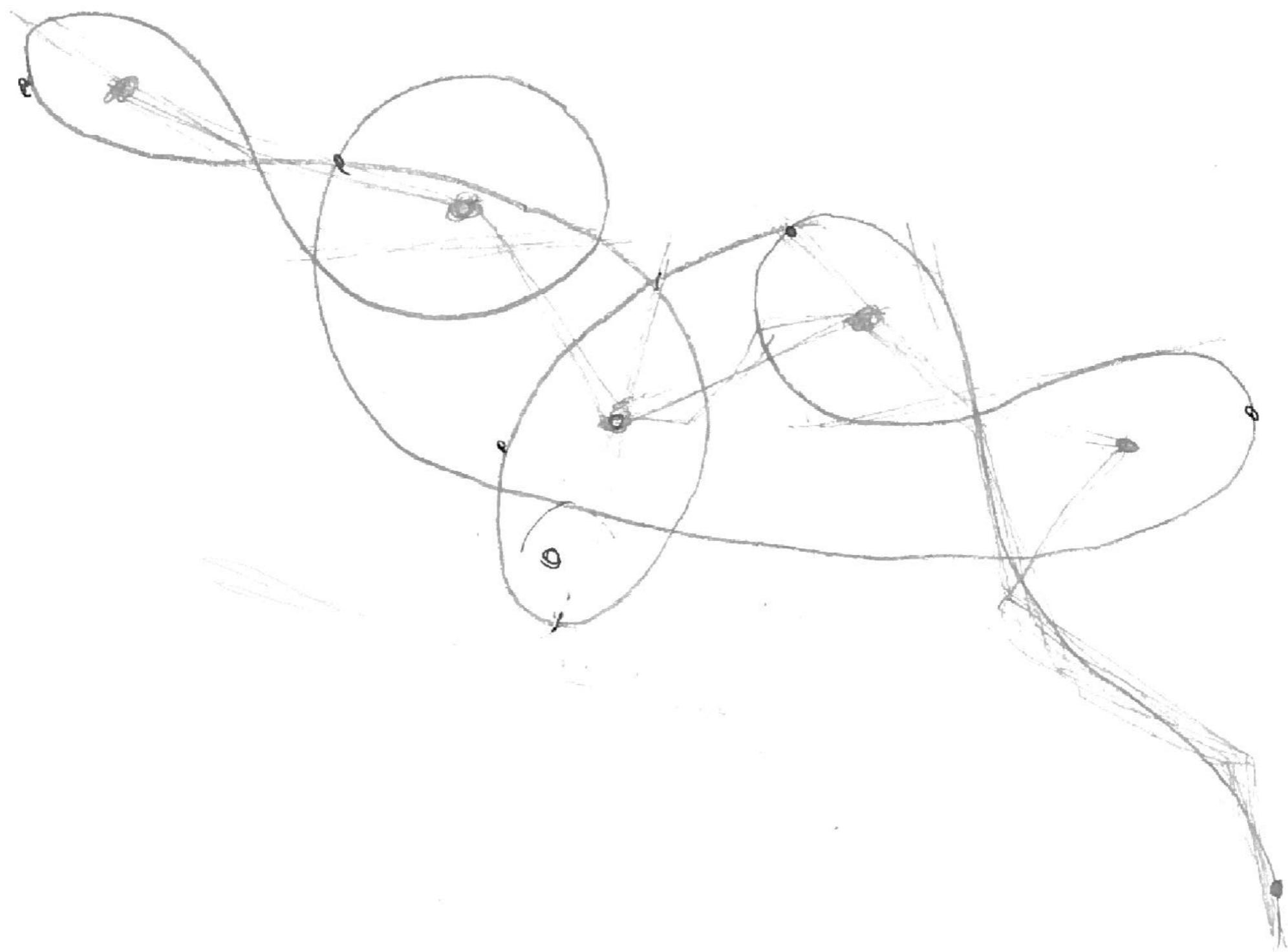
Ligação entre blocos



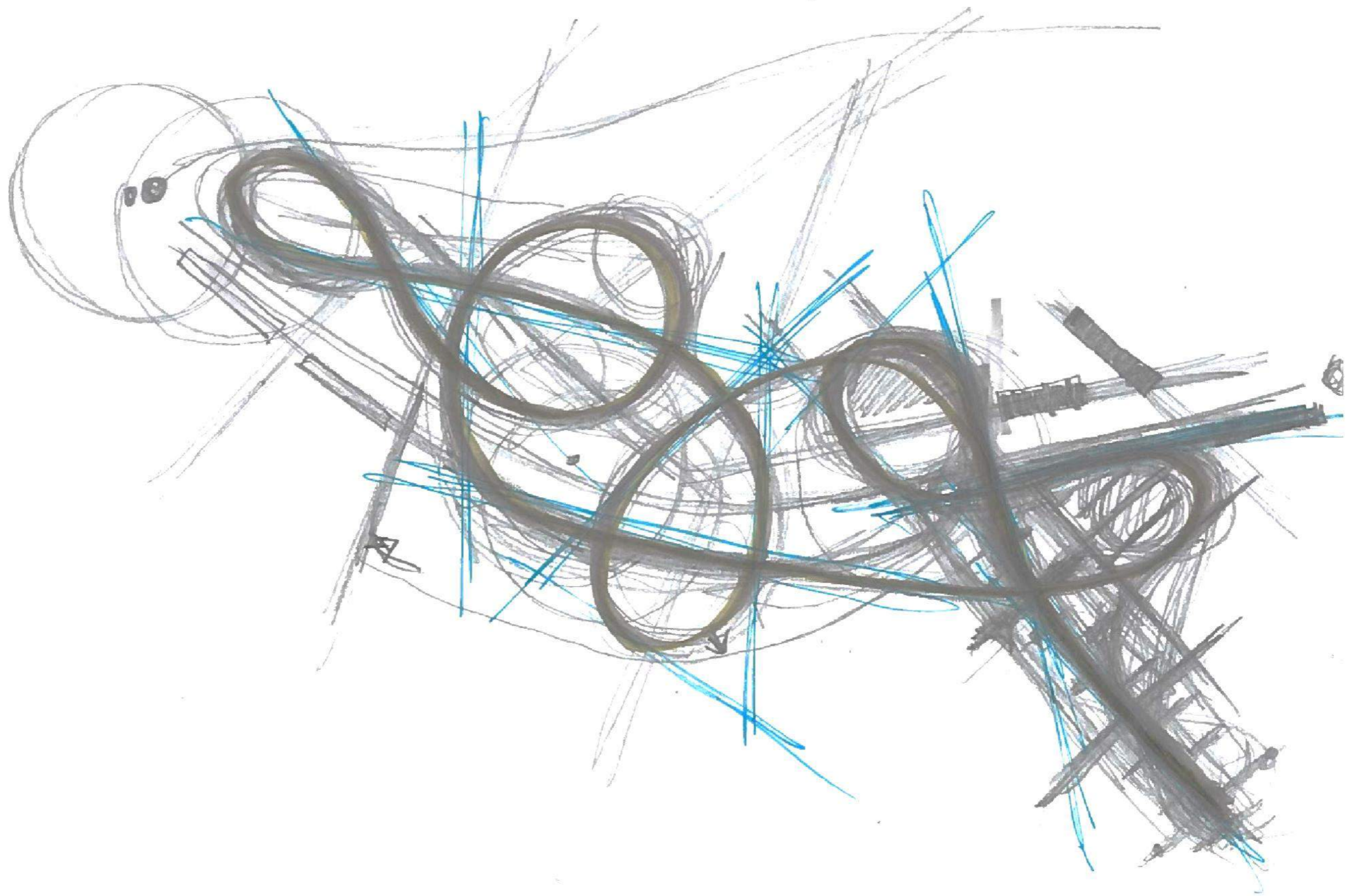




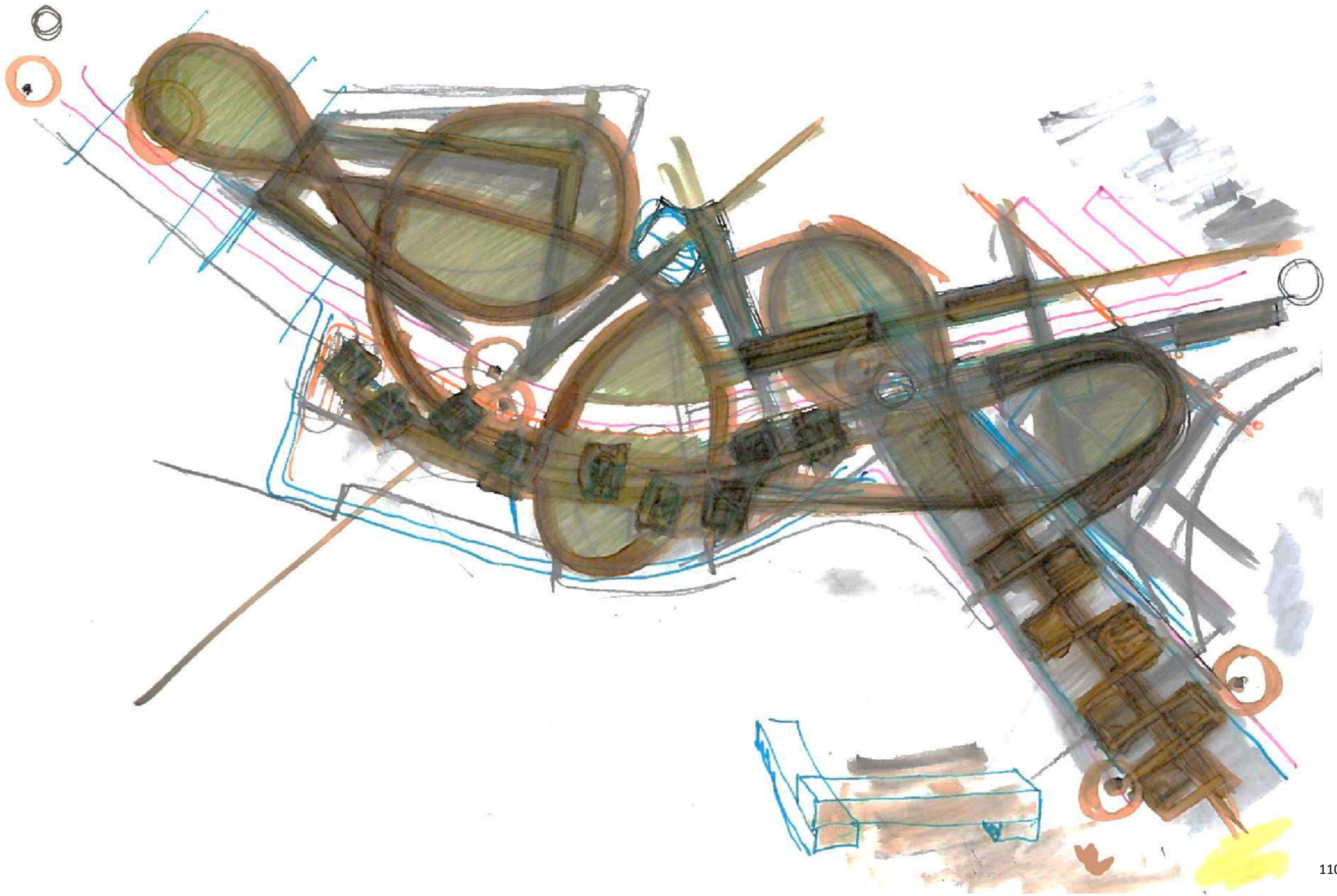


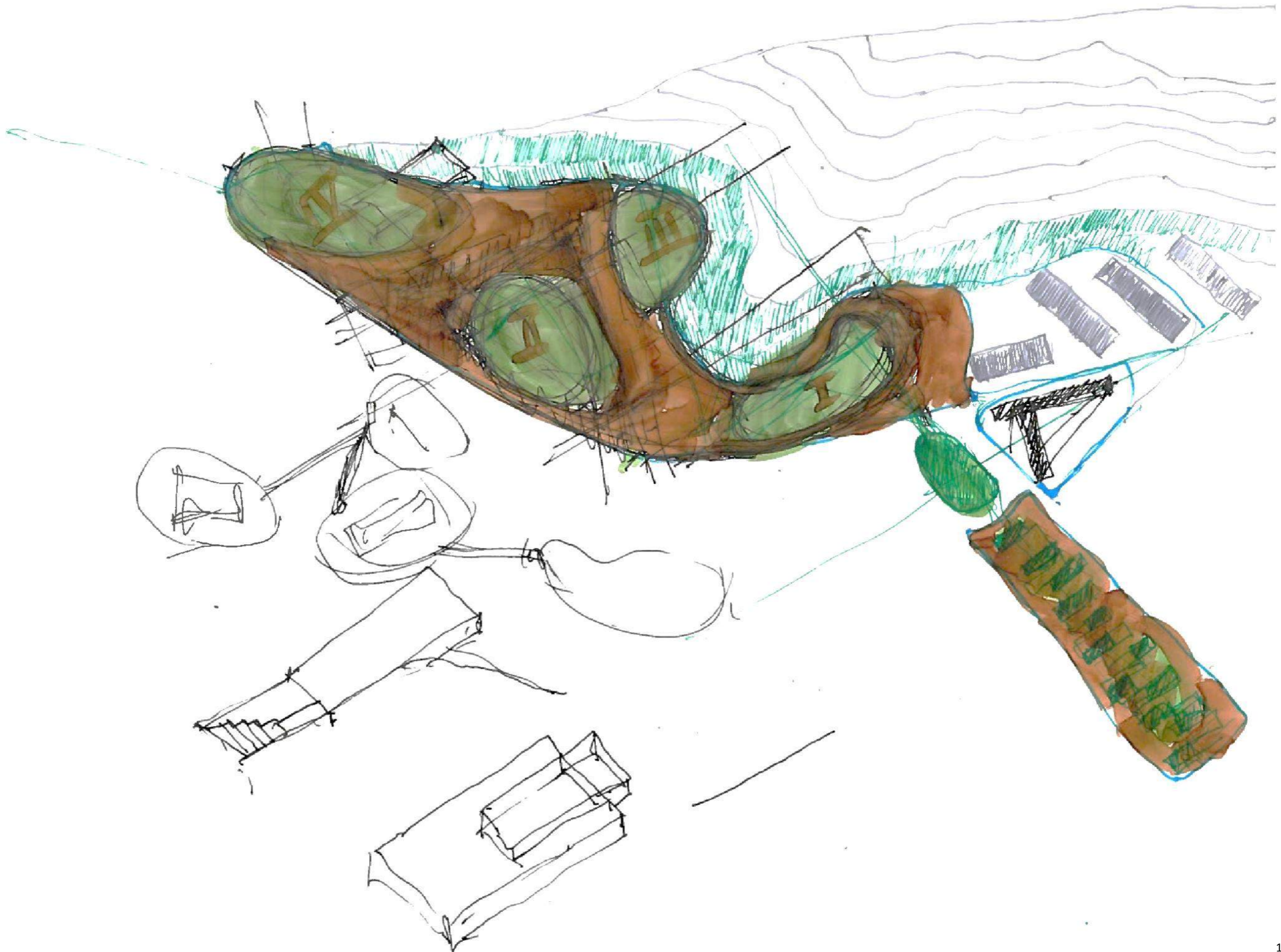


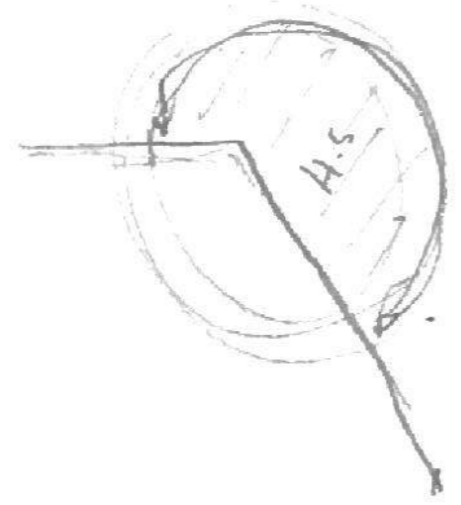
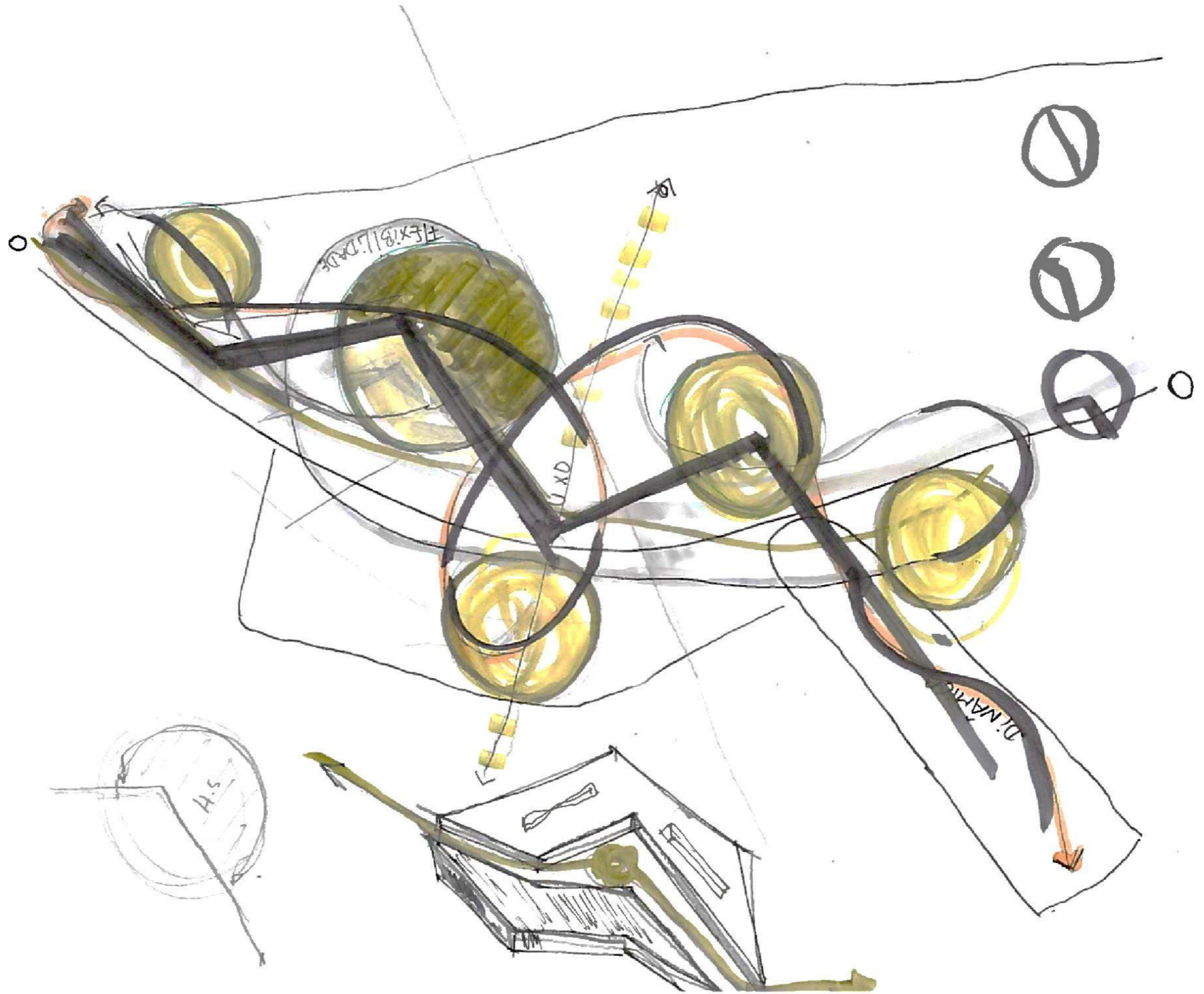
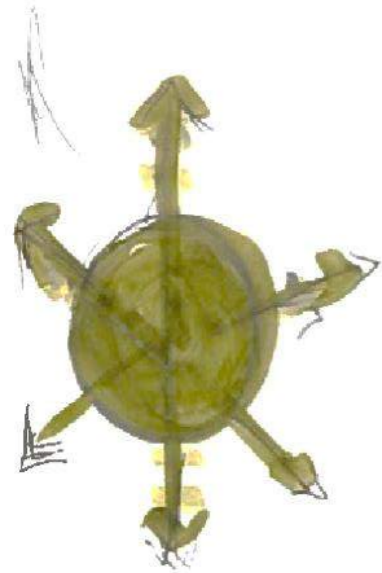




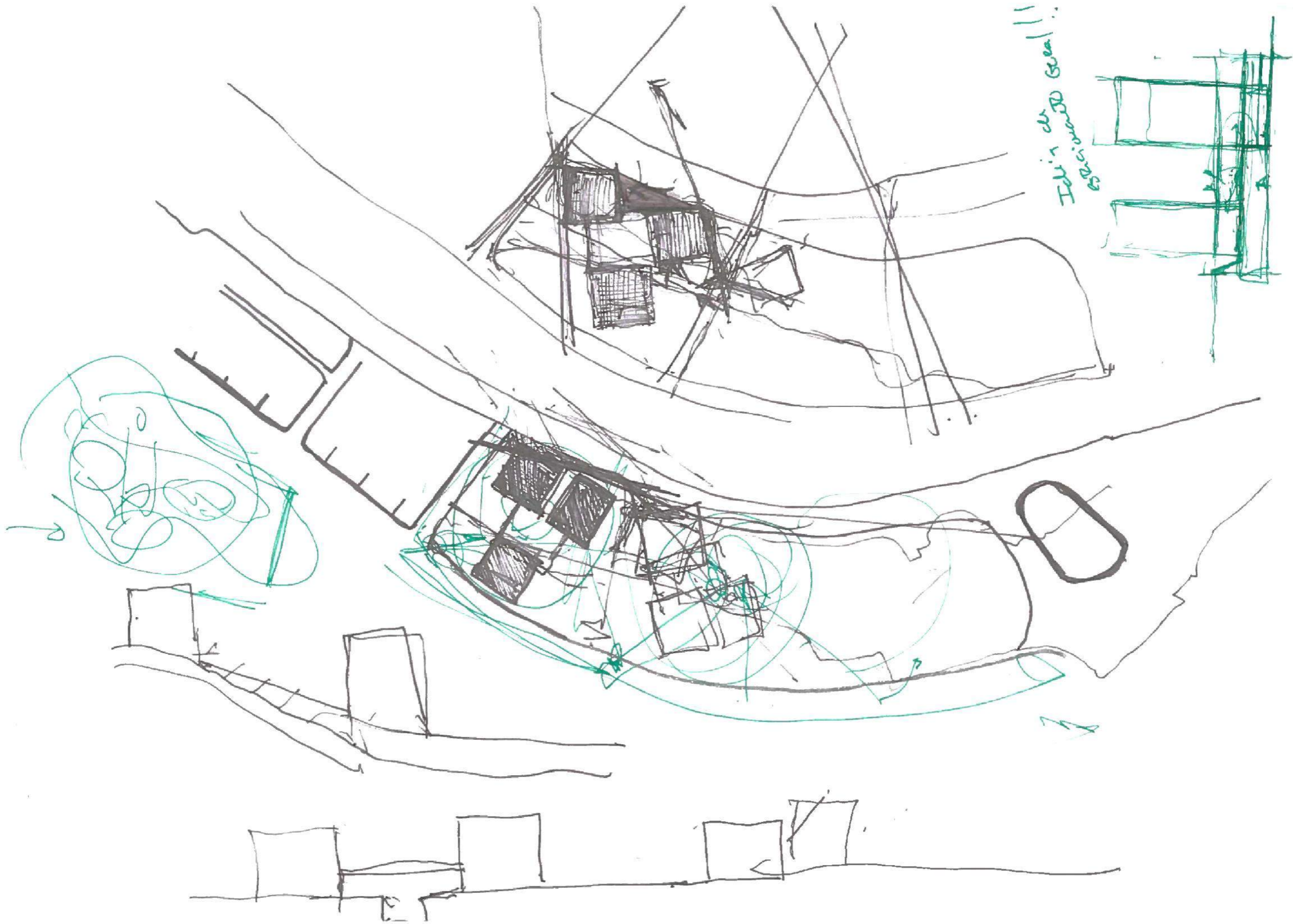




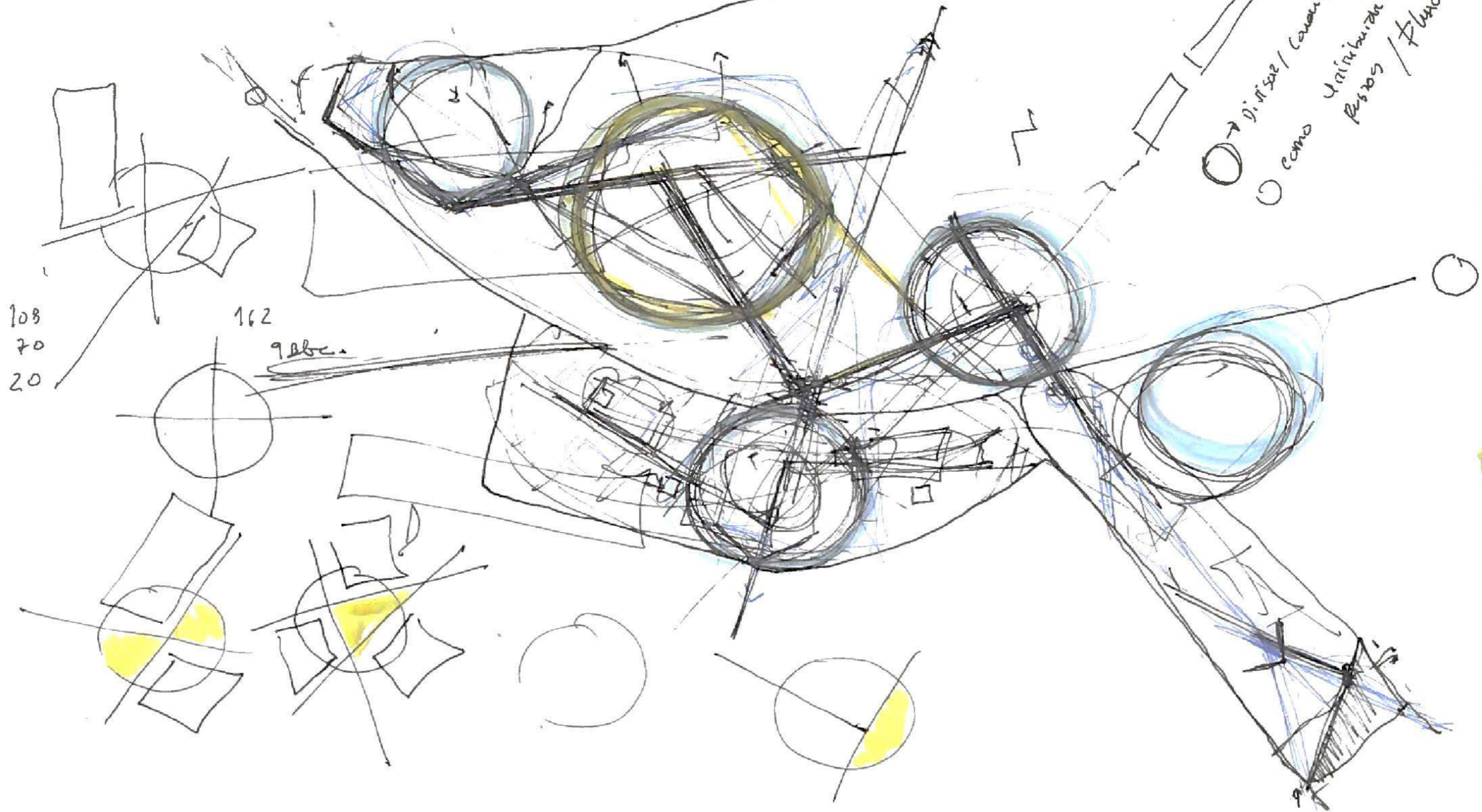






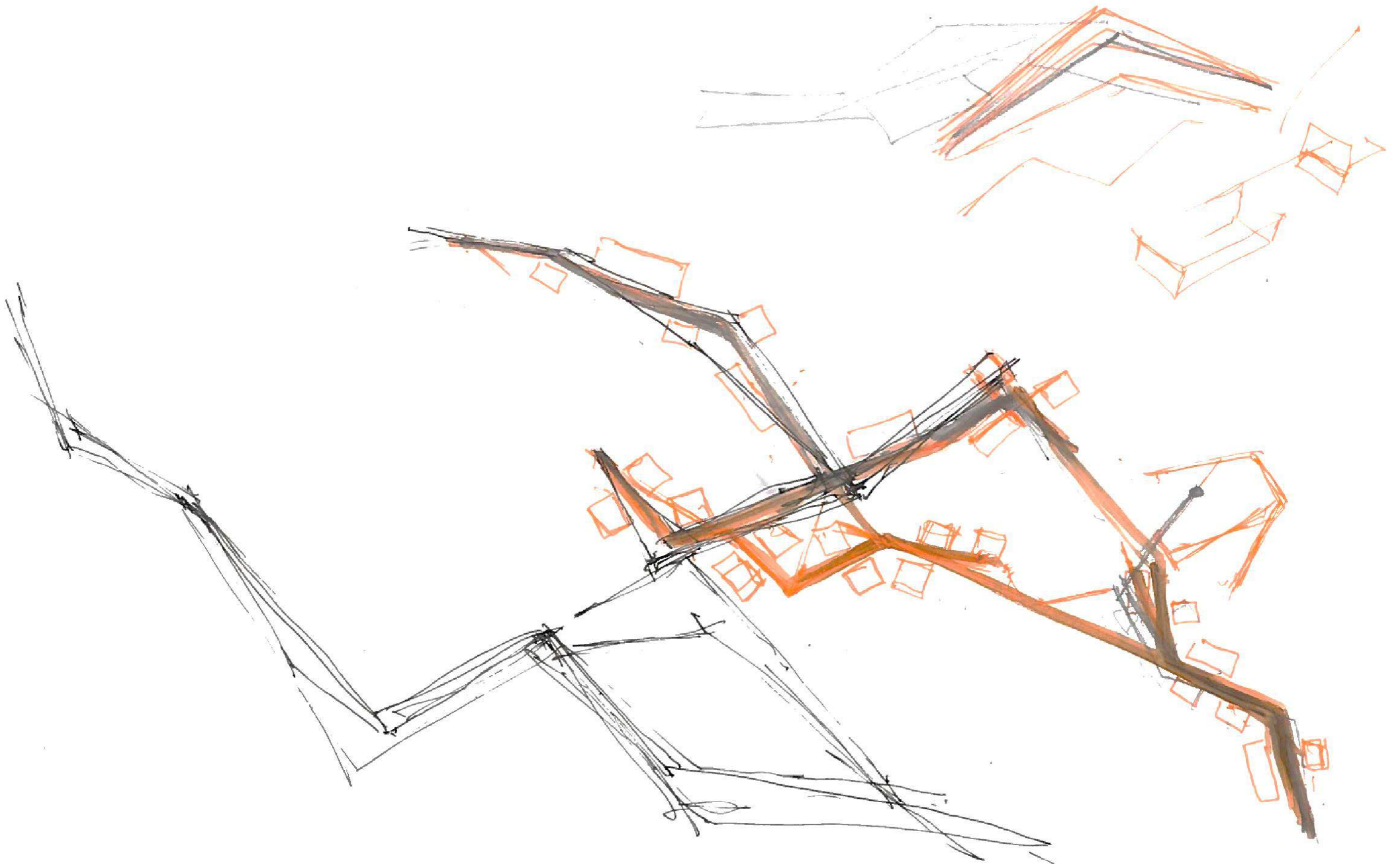


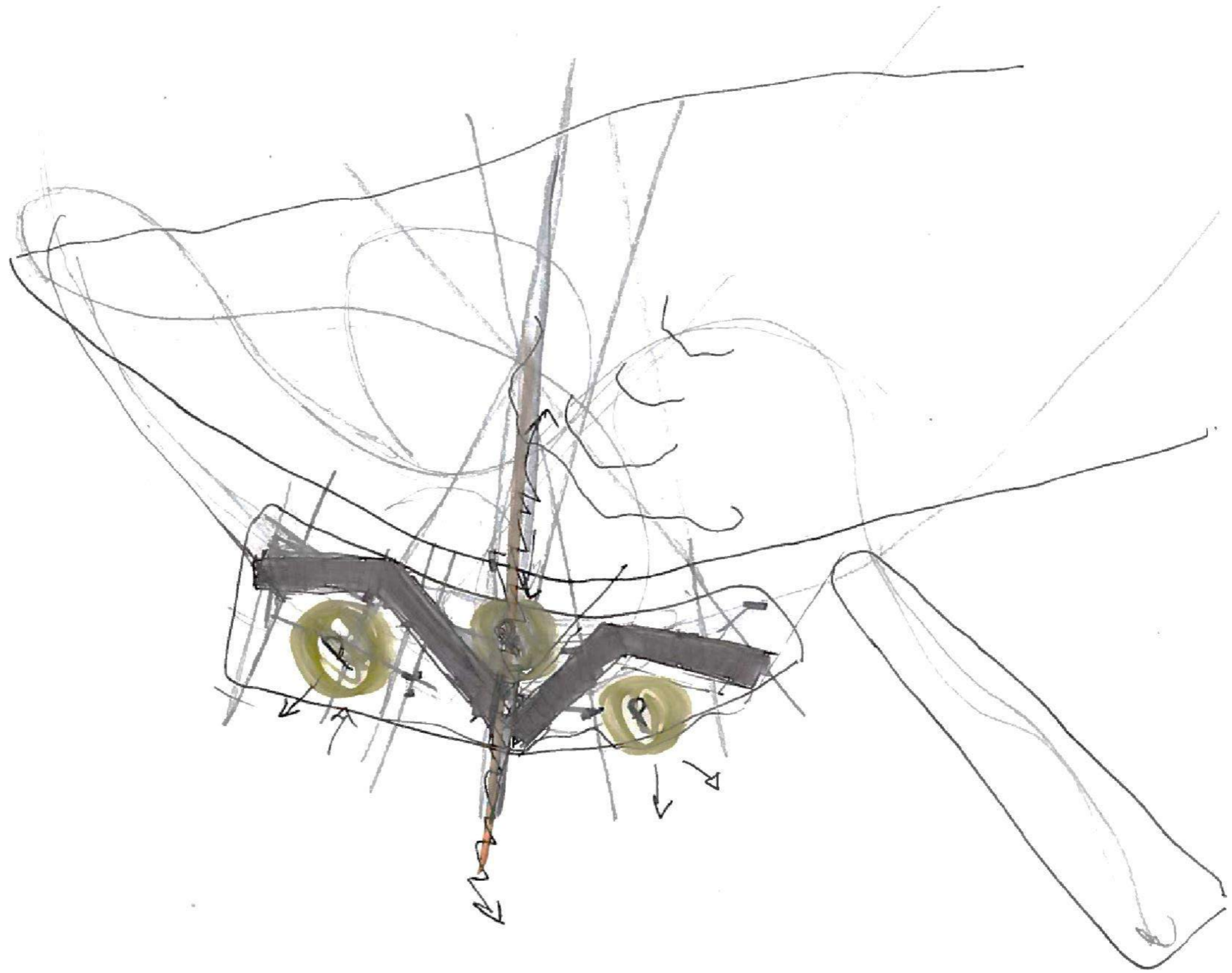
Idi's da Great!!  
6/2/2008

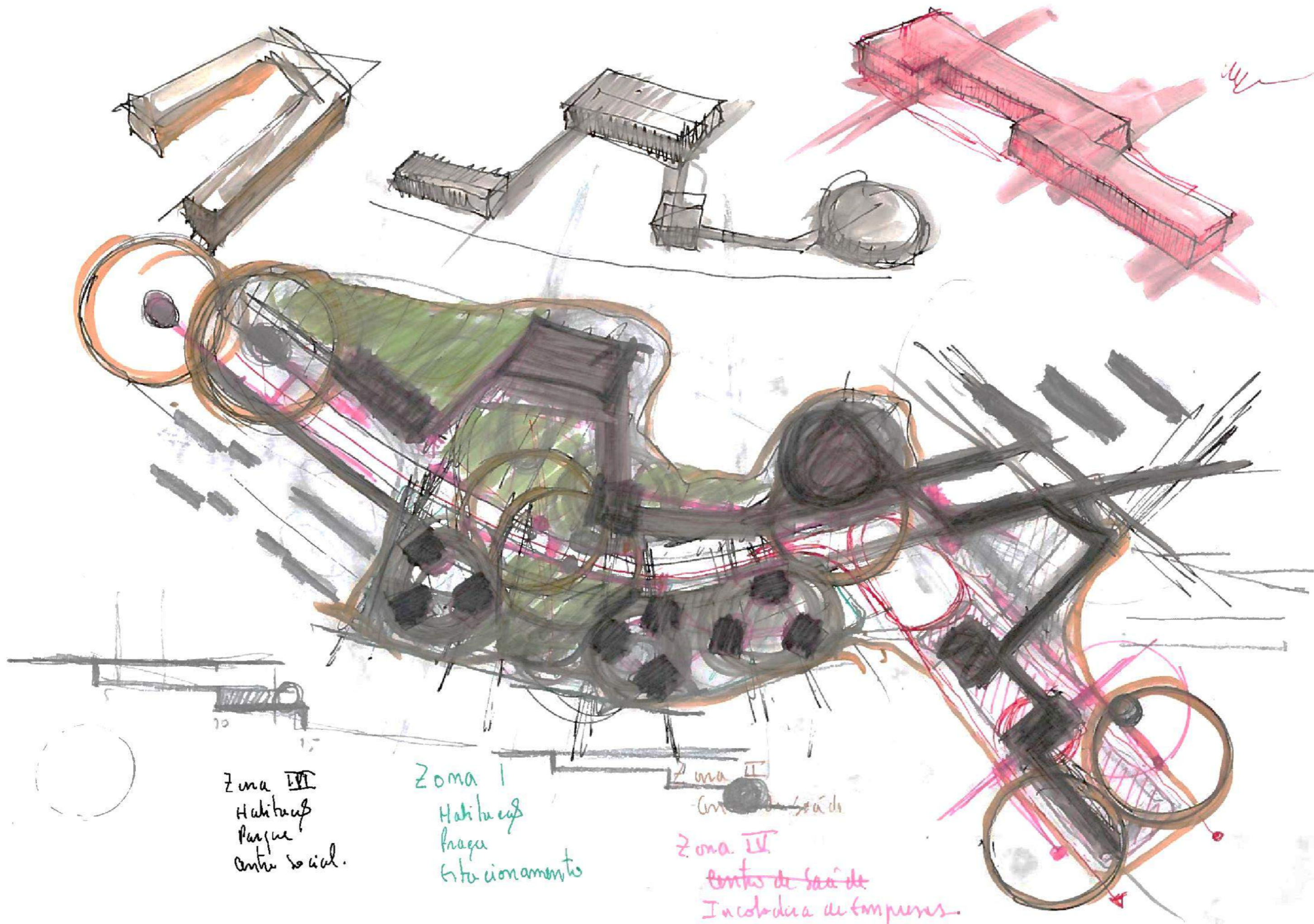


→ Di. N. S. / Control  
como  
distribuição de  
Pontos / Fluxo.







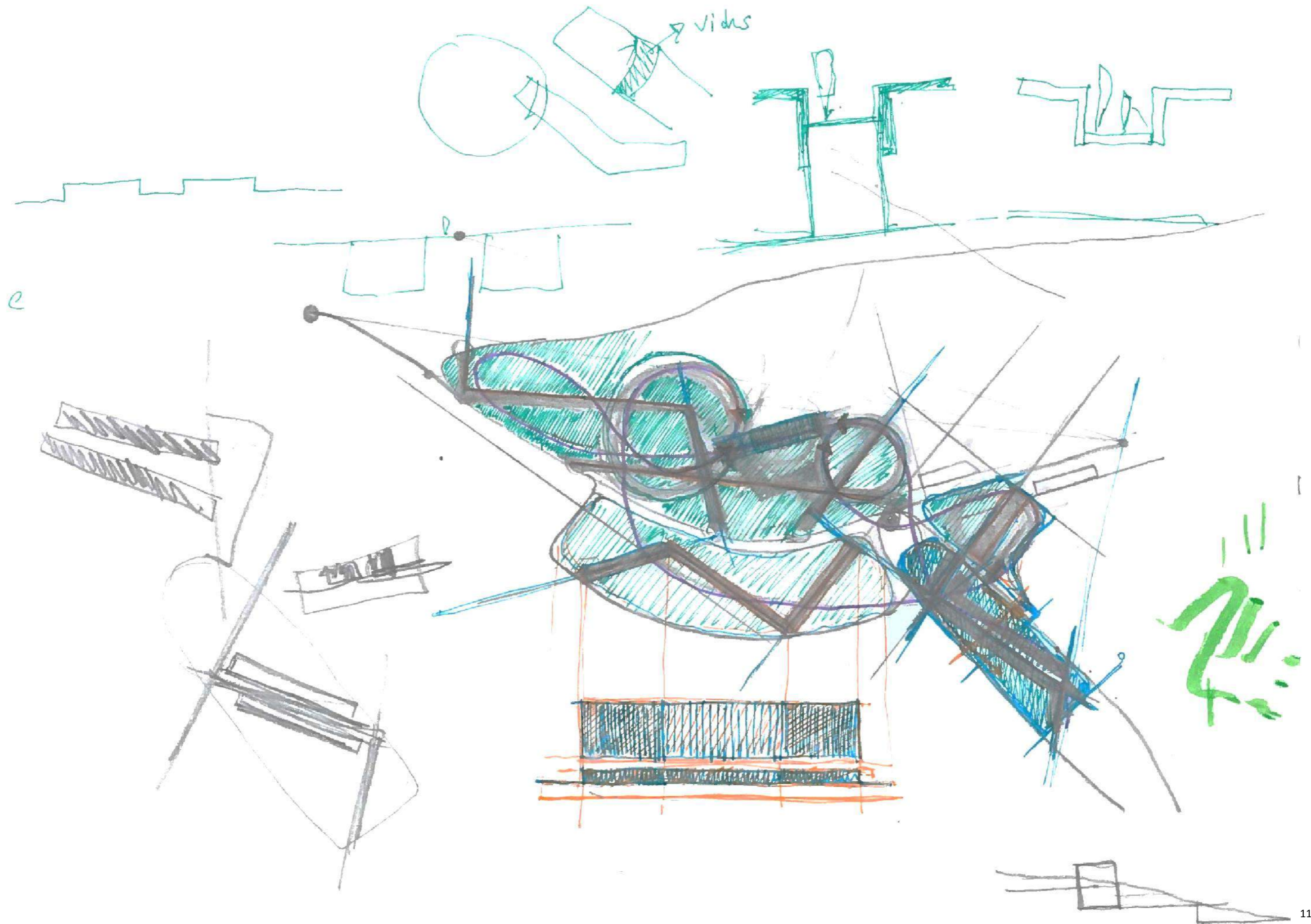


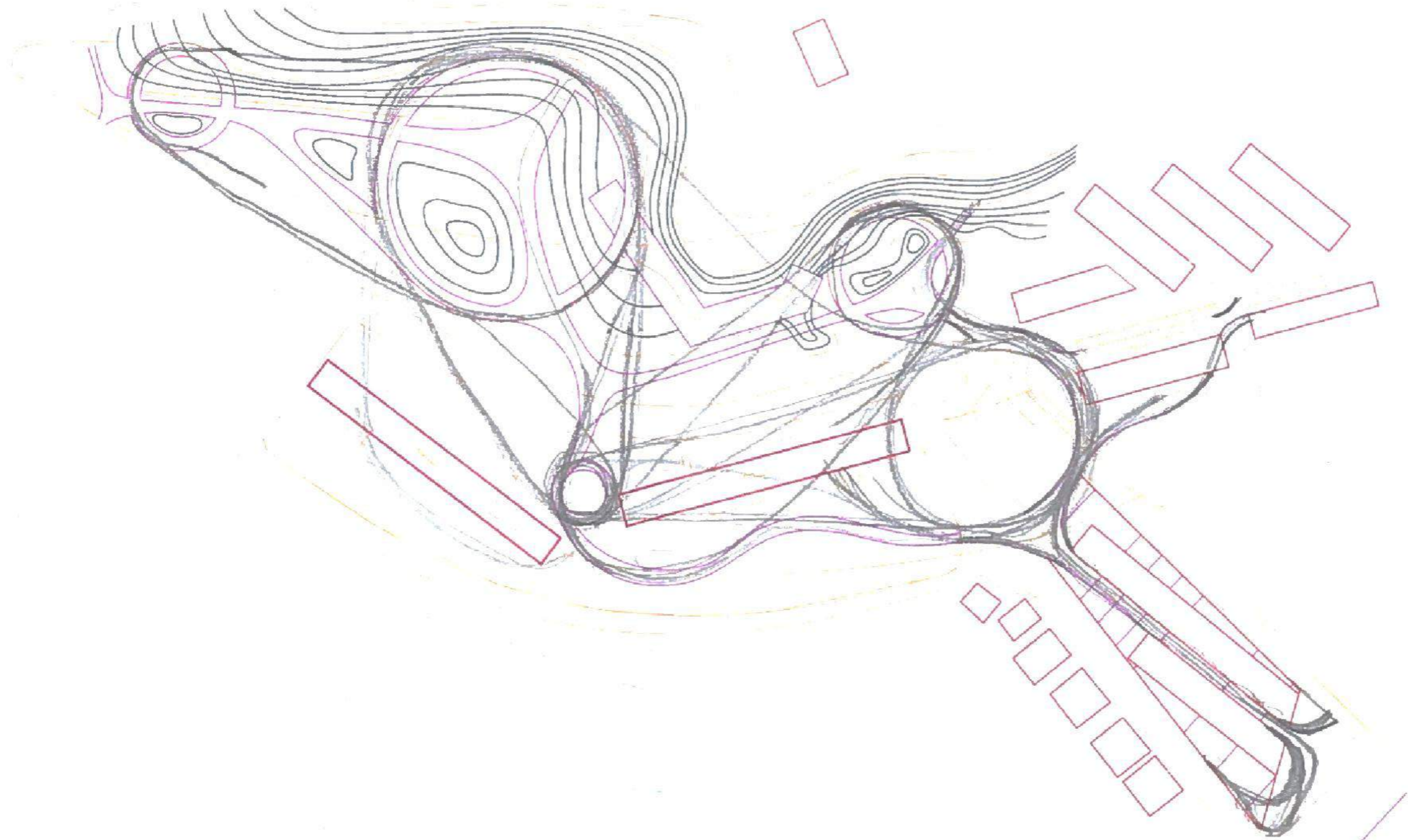
Zona VI  
Habitação  
Parque  
Centro social.

Zona I  
Habitação  
Praça  
Estacionamento

Zona II  
Centro de Saúde

Zona III  
Centro de Saúde  
Incubadora de empresas.





I → Habitação

Laço

Espaço de trabalho

Estacionamentos

→ Havia um espaço destinado às Coifas de Cozinha

(Repa)

Zona I

25.000 m<sup>2</sup>

II → Centro de saúde

Algo para auxiliar.

Zona II

5.300 m<sup>2</sup>

III Habitação

Parque

Centro Social

Sala de Música

Sala Multimeia

Biblioteca

Zona III

26.428 m<sup>2</sup>

IV → Incubadora de empresas

Zona IV

8.500 m<sup>2</sup>

## Acessos

I

Coimbra

incubar externa

(Povoação de Coimbra).

II

Entrada de Coimbra

Estação de comboios

Auto-ruas

III

Rede de água

(N1)

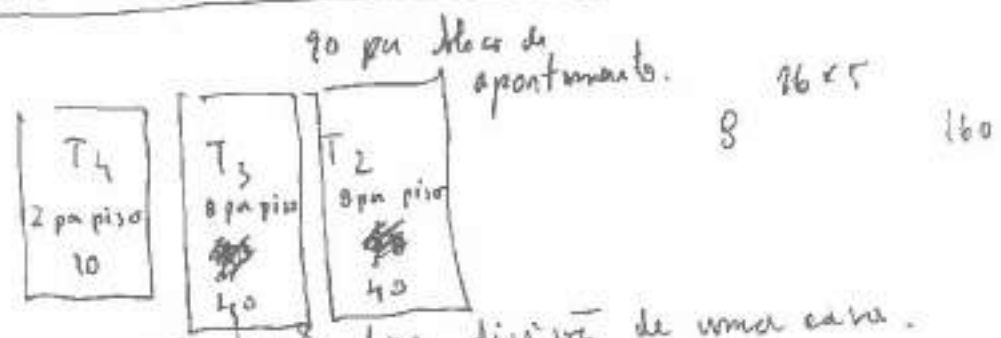
→ Coimbra.

IP)

IC2

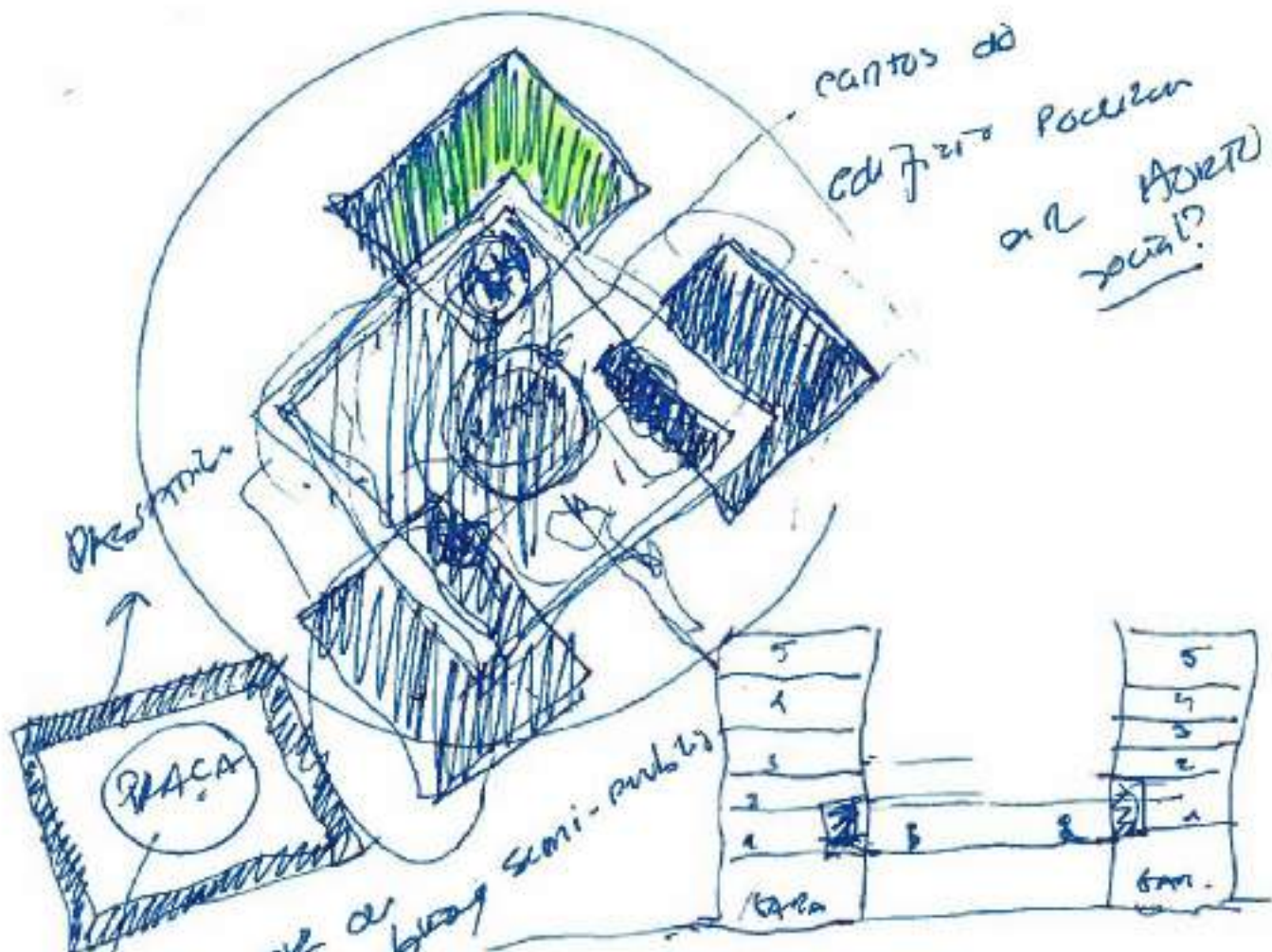
	T <sub>1</sub>	T <sub>2</sub>	T <sub>3</sub>	T <sub>4</sub>
Quarto de casal	10.5	10.5	10.5	10.5
Quarto duplo		9	9	9
Quarto duplo			9	9
Quarto duplo				
Quarto simples				6.5
Quarto simples				
Sala	10	12	12	12
Cosimela	6	6	6	6
Instalação sanitária	5	5	5	5
Instalação sanitária			2.5	2.5
Suplemento de área da porta	4	6	8	8
area bruta	52	72	97	105

valores mínimos.

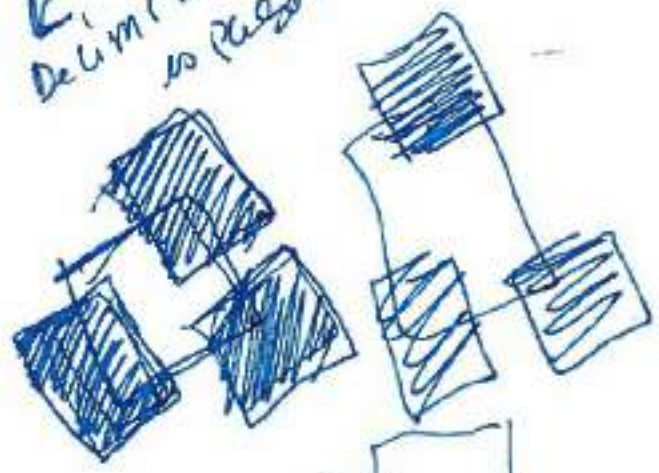


Sugestões para a orientação das divisões de uma casa.

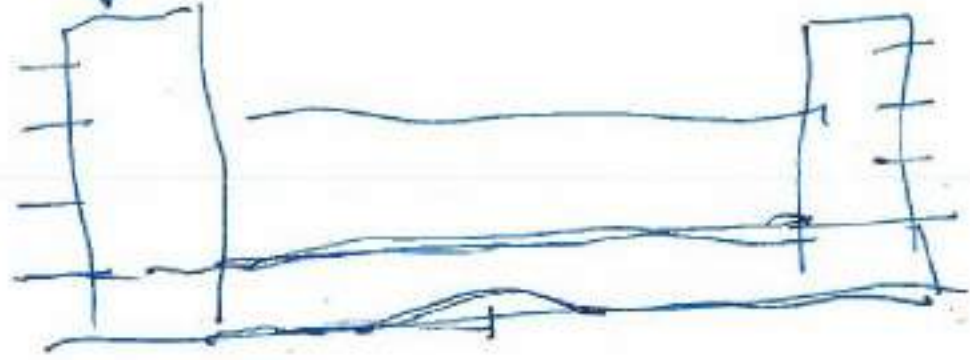
- (N) Garagem  
Dispensa  
Zonas húmidas
- (E) Oficina  
Ateliê  
Biminiário  
Clínica  
Entrada  
Vestibular  
Cosimela  
Quarto / Hospede  
Instalação sanitária
- (S) Cozinha  
Quarto  
Área de serviço  
Tancas e varandas  
Vestibular de entrada
- (O) Escadas  
Escritório  
Biblioteca  
Área de lazer  
Área de serviço  
Instalação sanitária

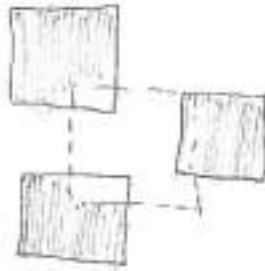


Delimitação de  
o espaço público



PRAÇA com  
o jogo delimitado.  
PASSADIZO com  
delimitação da  
praça -

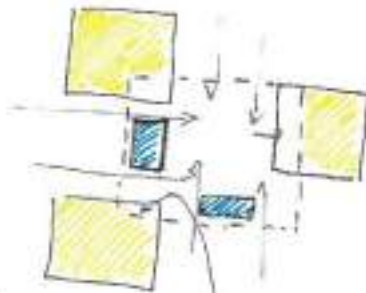




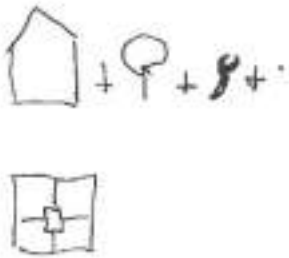
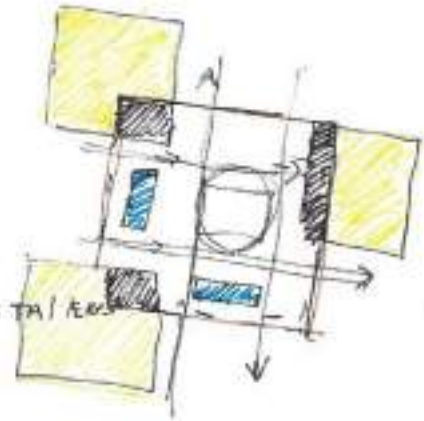
OFICINAS DE TRABAJO / (TAIERS)  
 GARAJES

ZONA DE COMERCIO (COMERCIO)  
 O  
 ZONA DE SERVICIOS

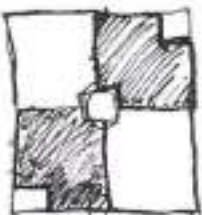
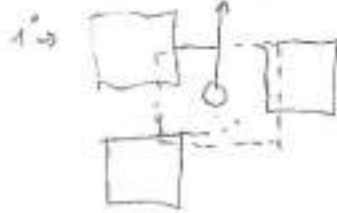
HORTO-social  
 +  
 HABITACIONES  
 +  
 TALLER



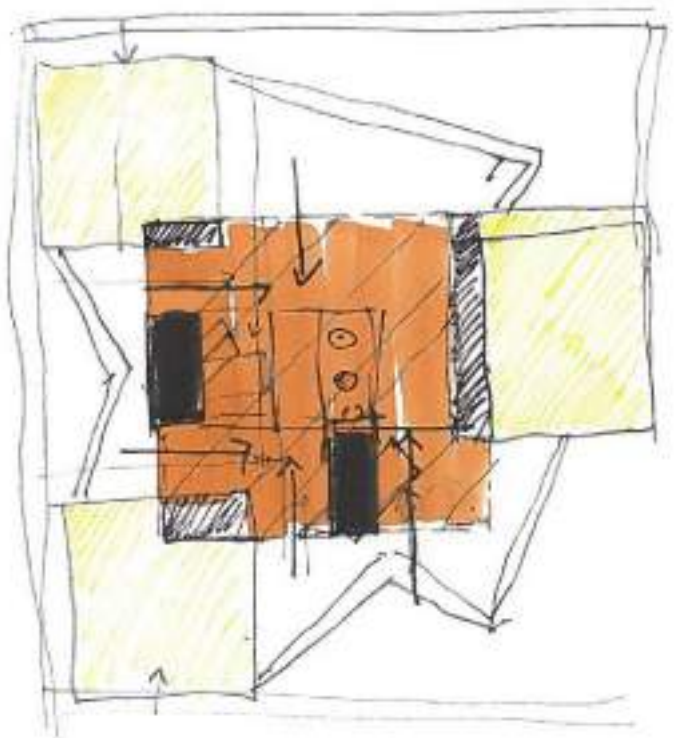
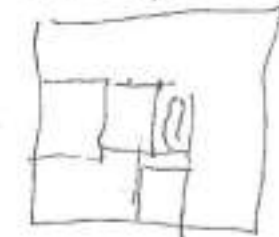
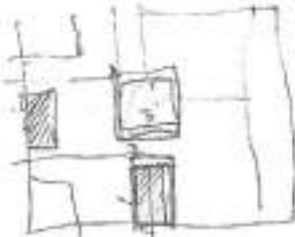
ACCESO DIRECTO  
 ATRAVÉS DE LA  
 PLAZA PARA LOS TAIERS



parque para niños

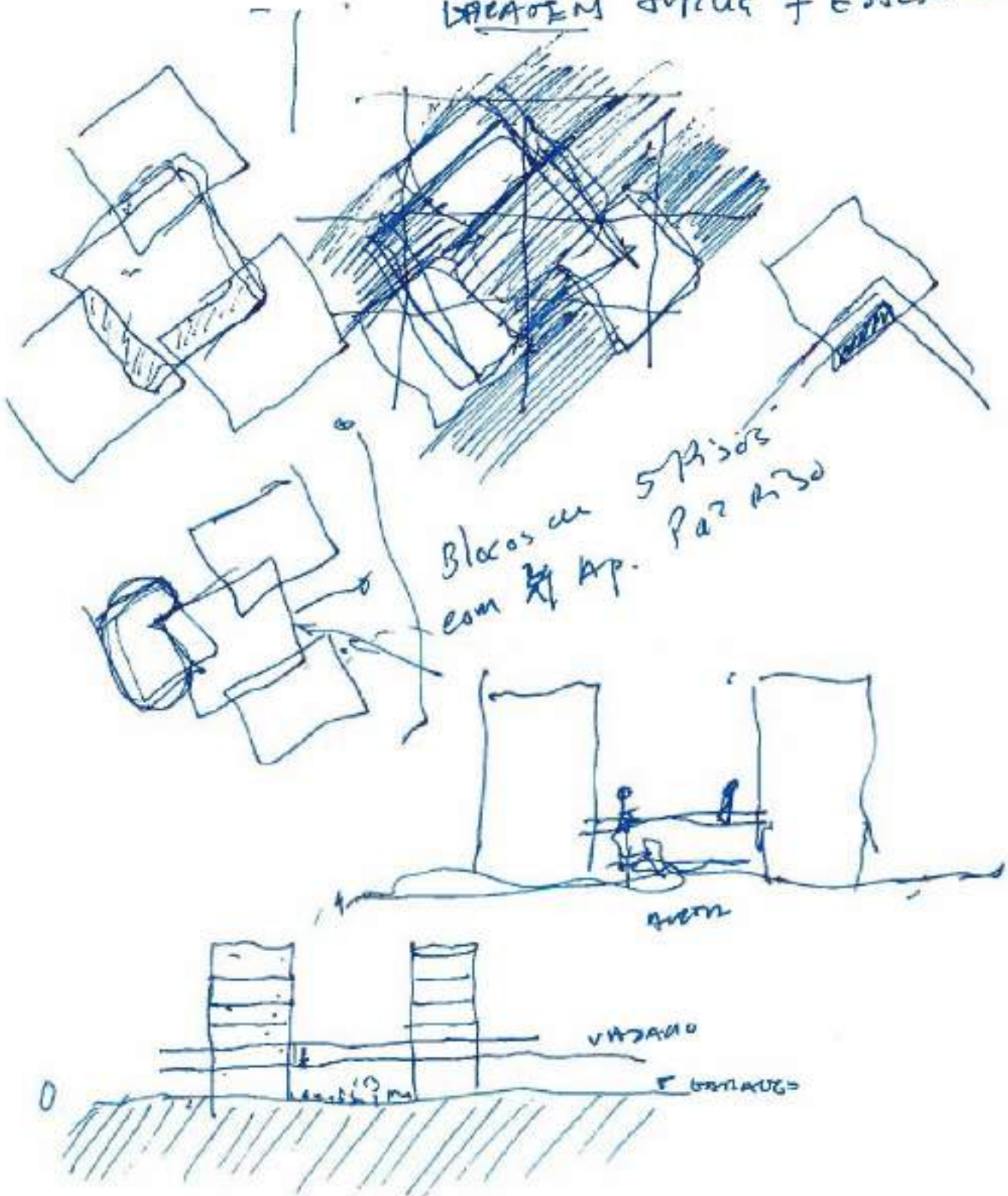


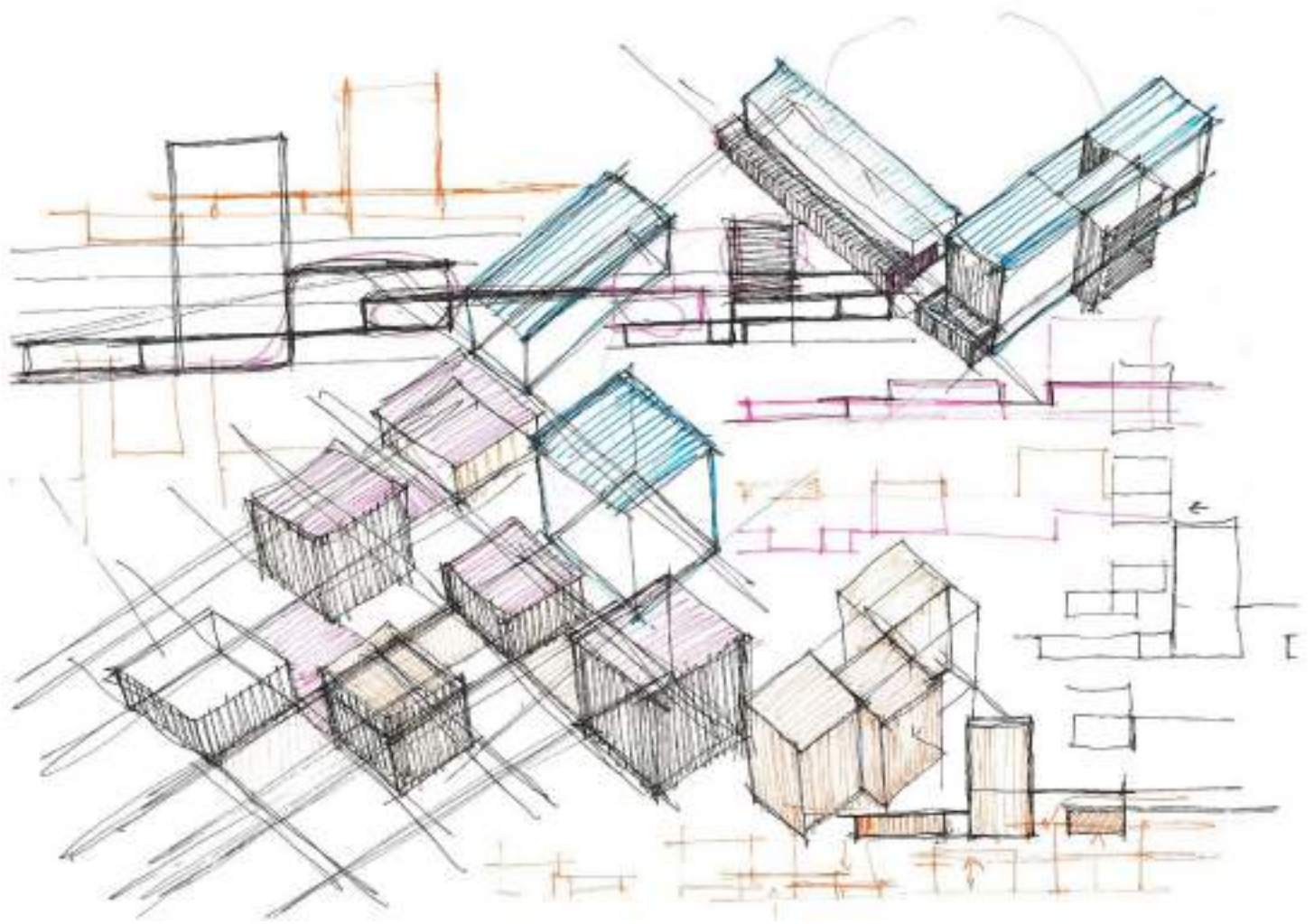
mucho  
 luz y  
 ESCALERA  
 +  
 ACCESOR

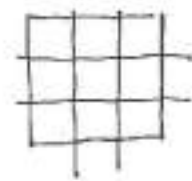
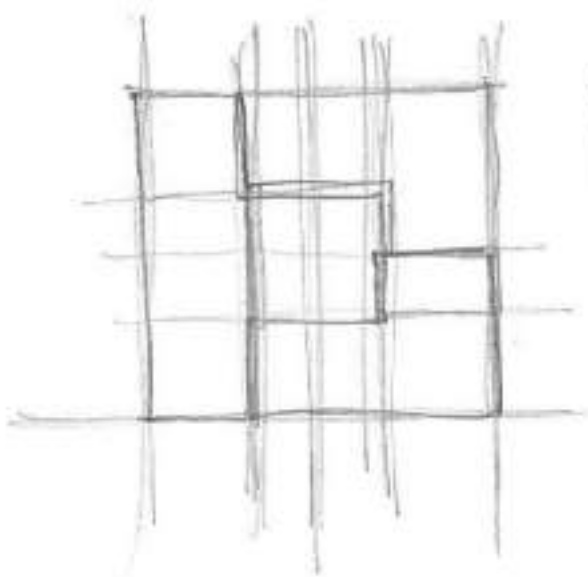


- NUM TEXTO que é baseado em cursos usa-se referência
- Quando o texto é retirado de um livro....

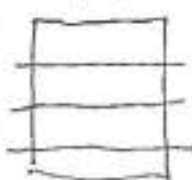
HORTA + Habitação +  
 DREAGEM + ÁRVORES + ESTRELA







T<sub>3</sub> ①  
T<sub>2</sub> ②

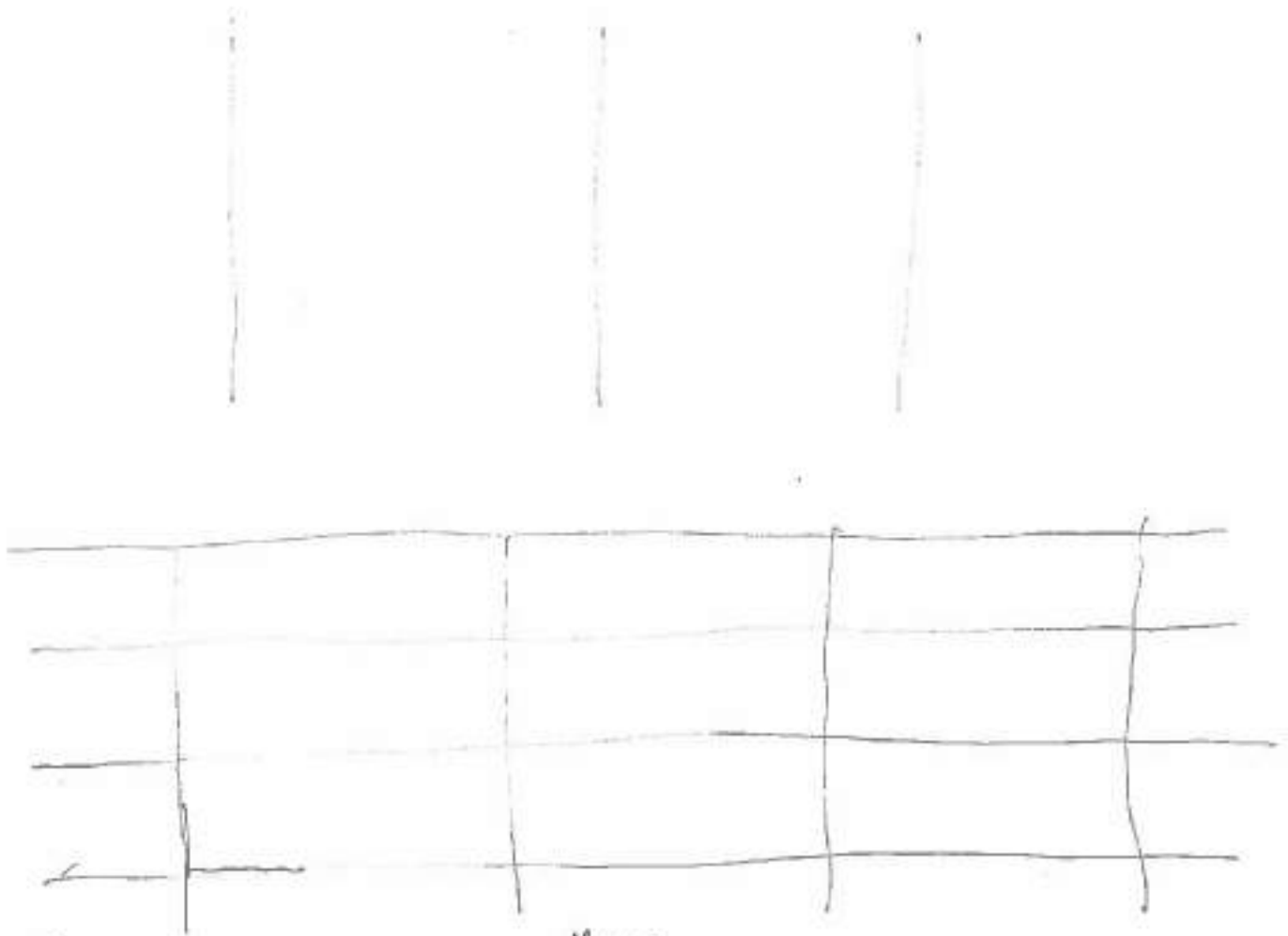


T<sub>3</sub> ②  
T<sub>2</sub> ①

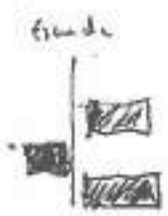
T<sub>4</sub> ②

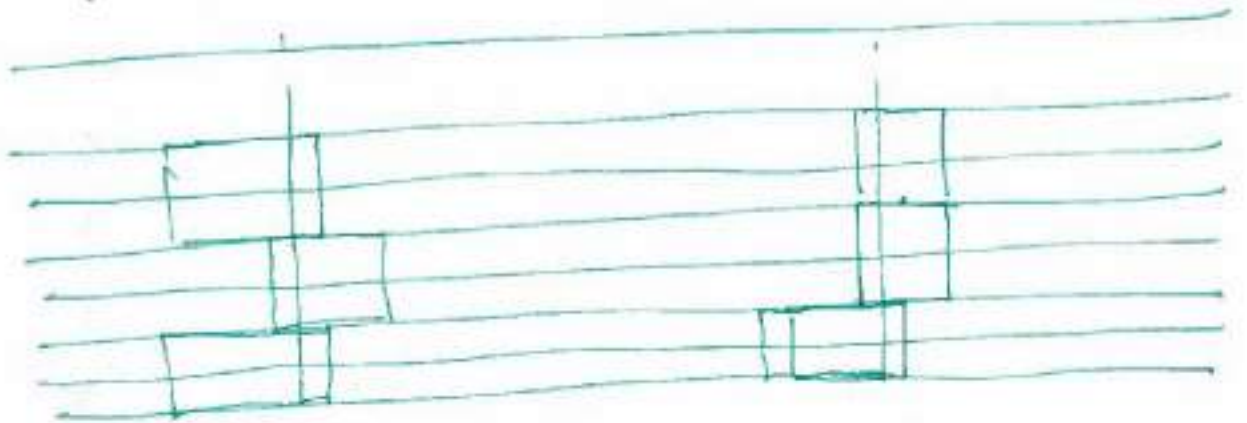
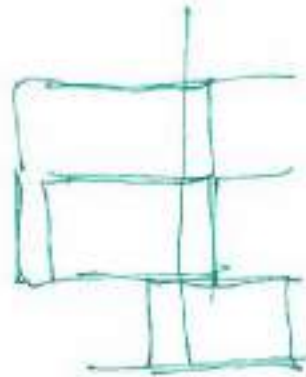
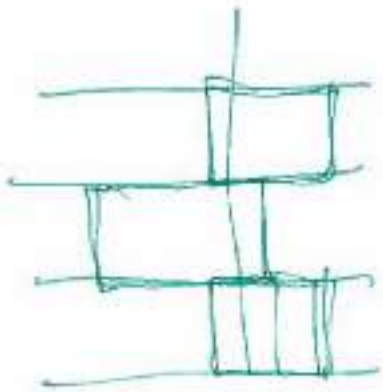
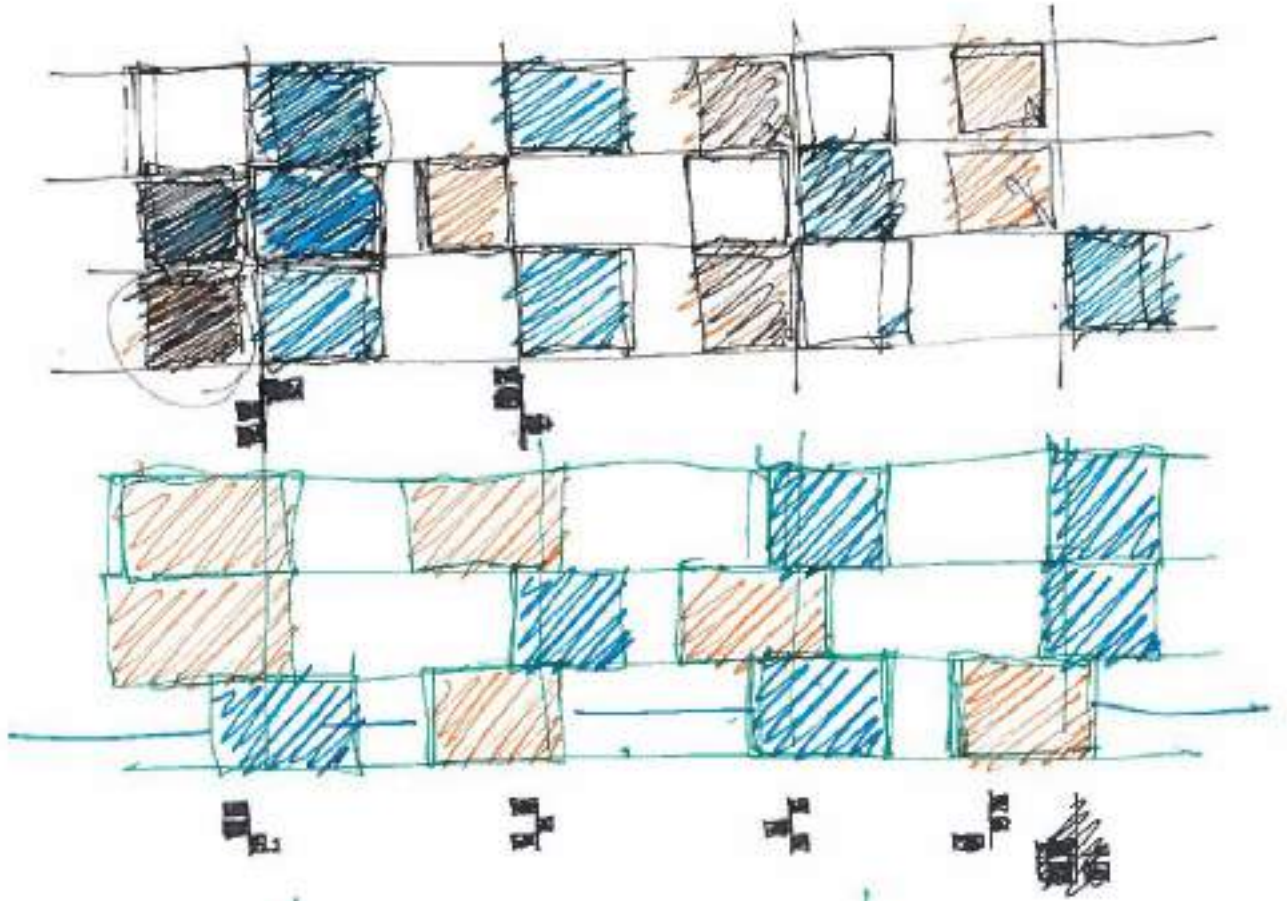
T<sub>4</sub> × ①  
T<sub>2</sub> × ②



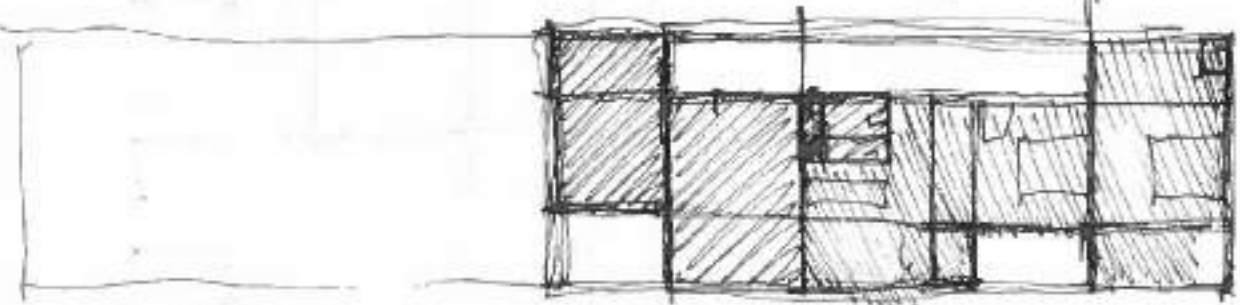
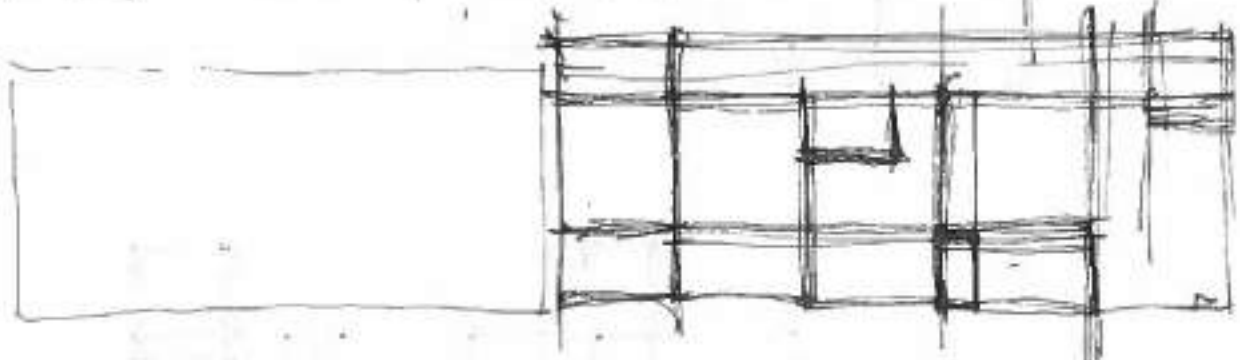
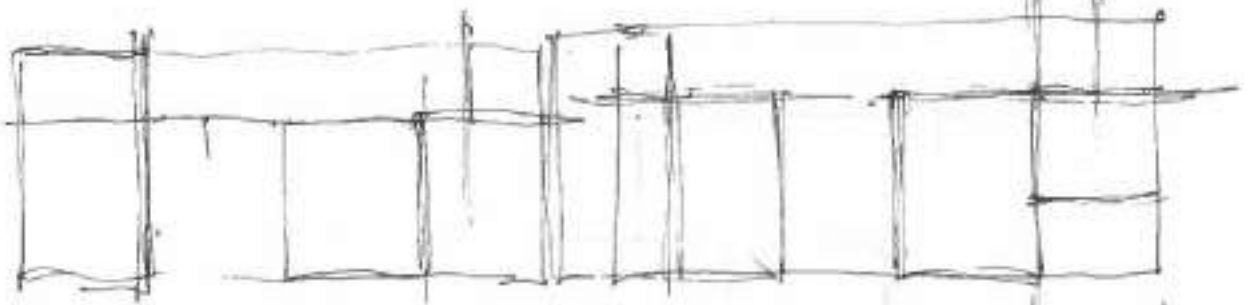
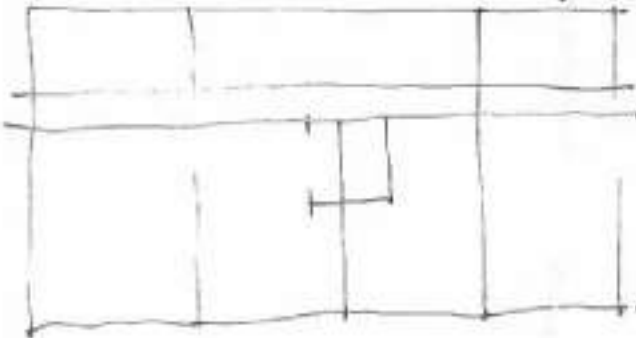


Block 1

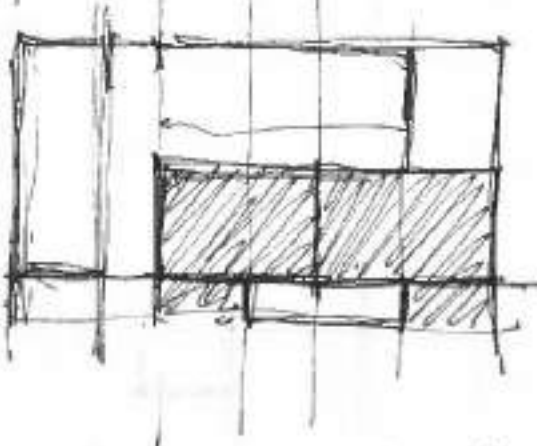
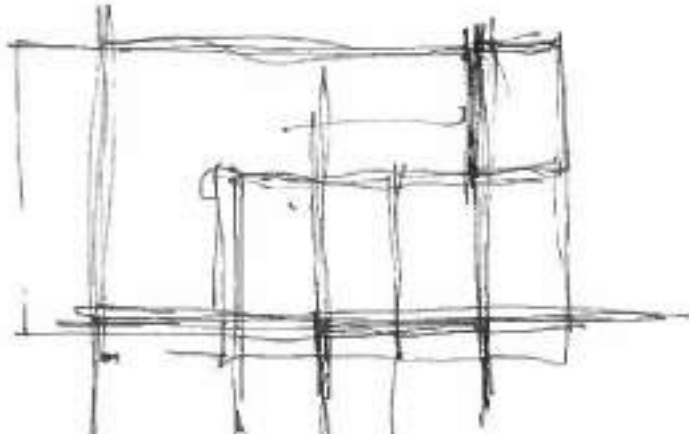




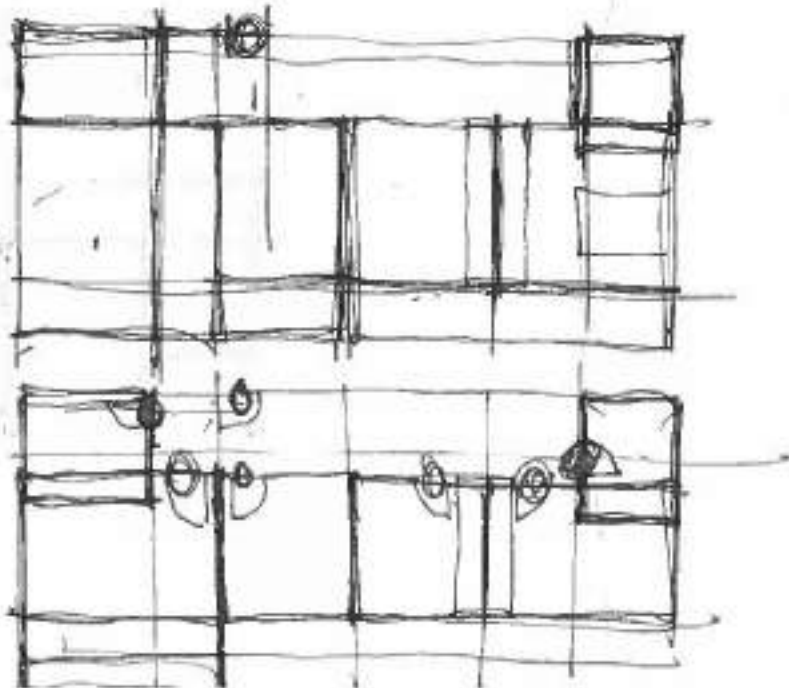
P+7



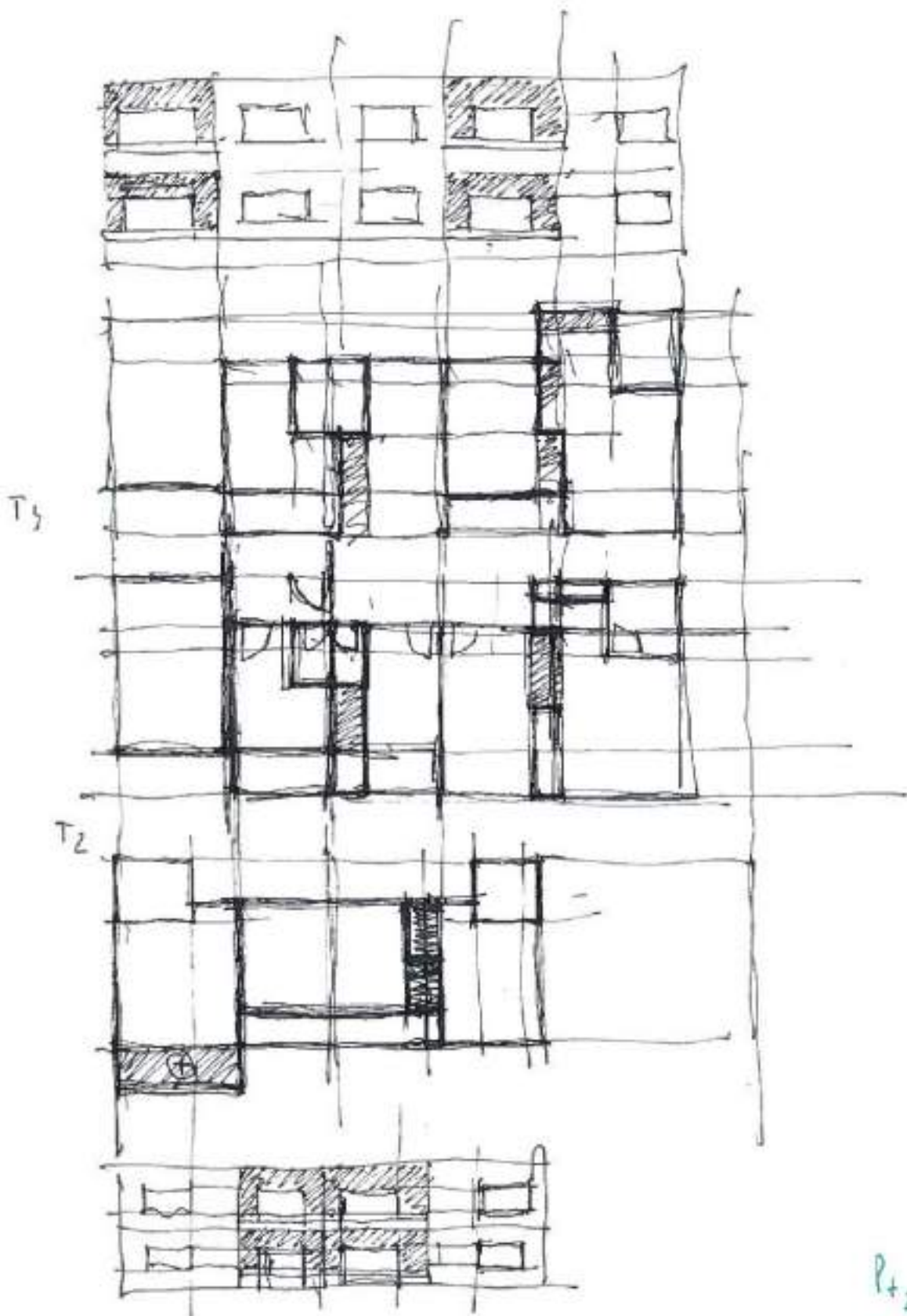
T3



T<sub>2</sub>



T<sub>2</sub>



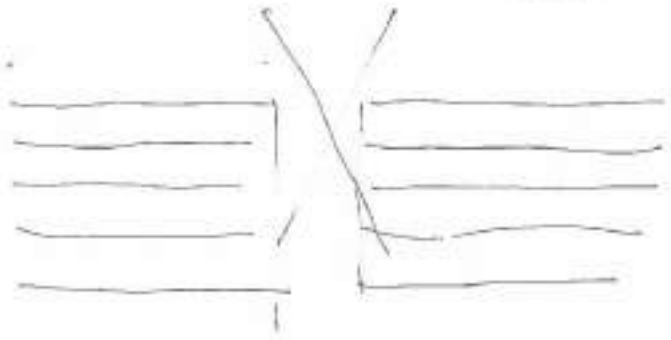
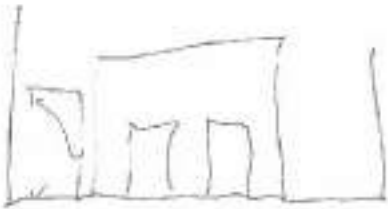
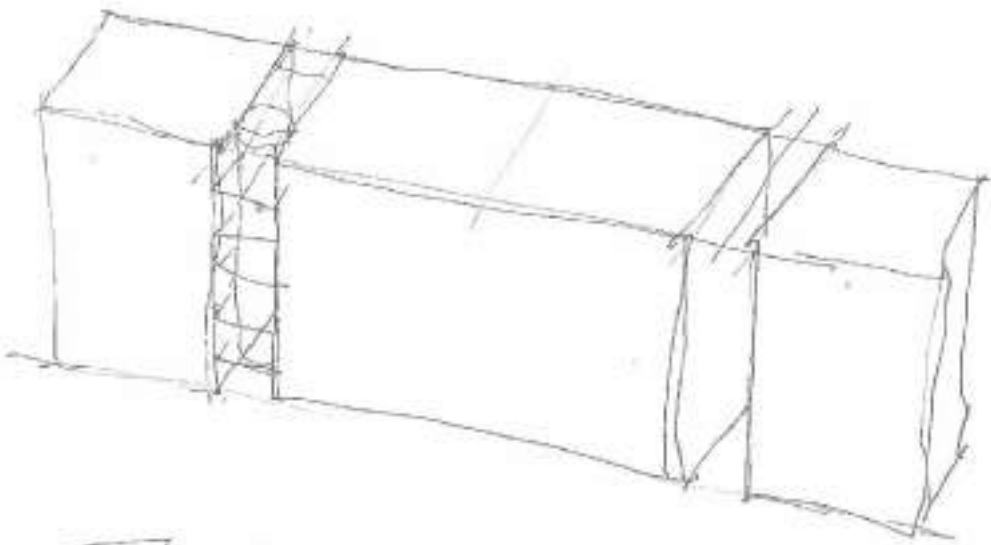
Loco 1	+1	+2 <sub>A</sub>	+2 <sub>B</sub>	+3	total.
<del>planta</del>	<del>3</del>	<del>5</del>	<del>4</del>	<del>4</del>	<del>16</del>
1	3	5	4	4	16
2	3	5	4	4	16
3	1	7	4	4	16
4	1	7	4	4	16
5	2	6	4	4	16
6	2	5	4	3	14

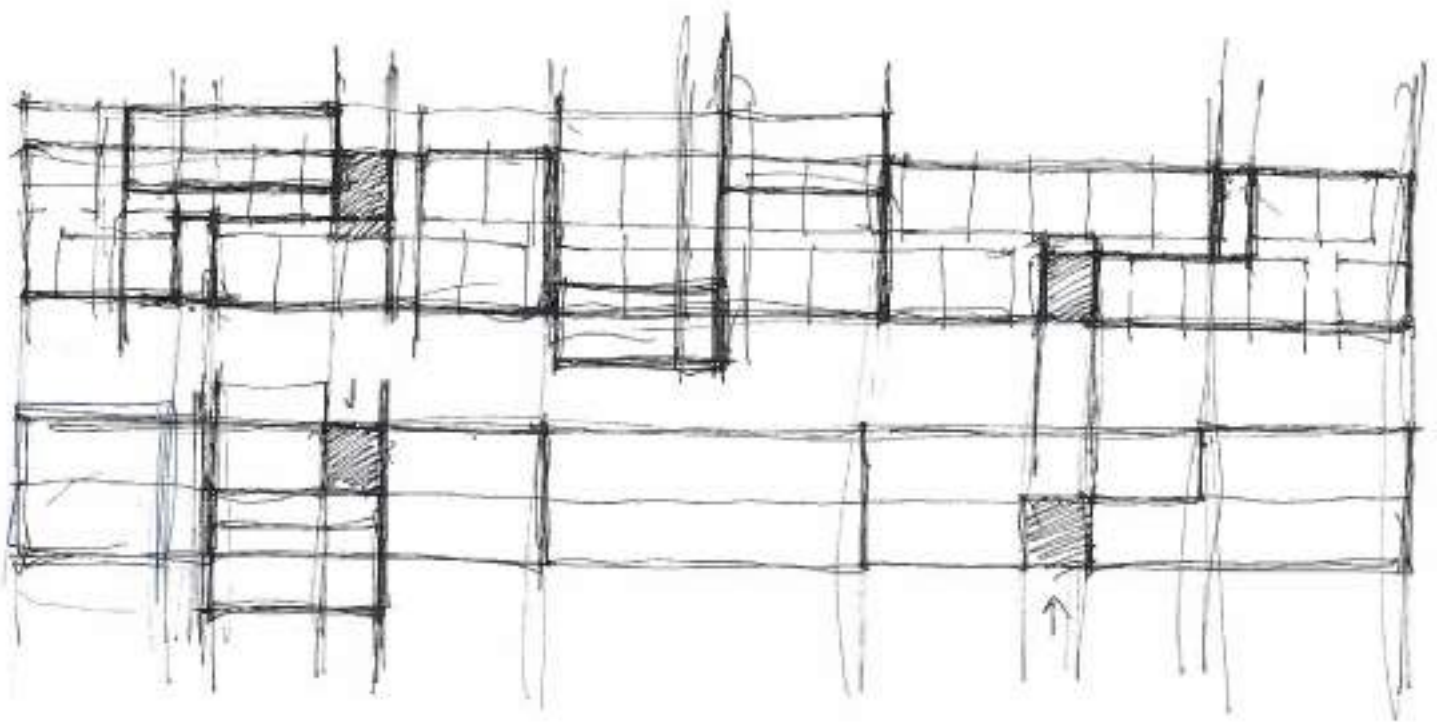
80  
 (94) Blow 1

80 + 80  
 160

(222)

90 + 90





Sección Central



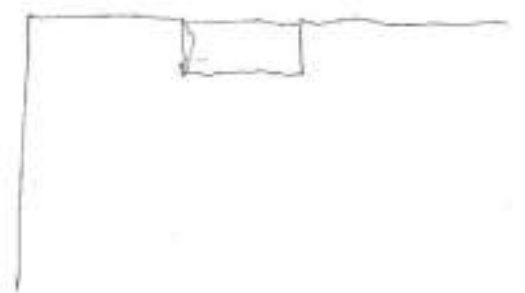
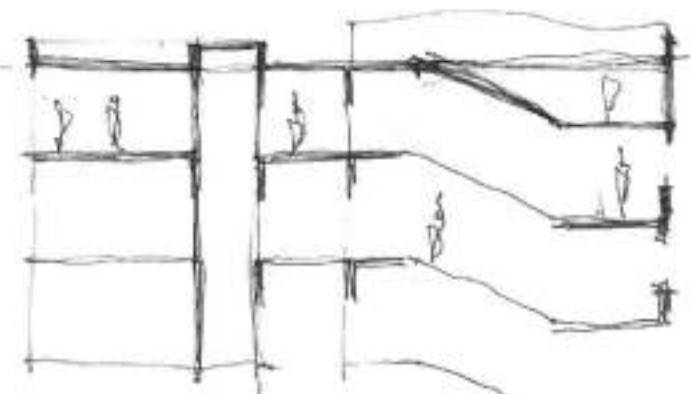
capacidad pasajeros	Longitud	anchura	altura	Inte	x	y
8	1300	1150	3300	800	1350	1580
8	1100	1400			1350	1830
10	1400	1300		300 900	1350 1450	1730
10	1400	1300		900	1750	1730
12	1600	1300		900	1450	1730

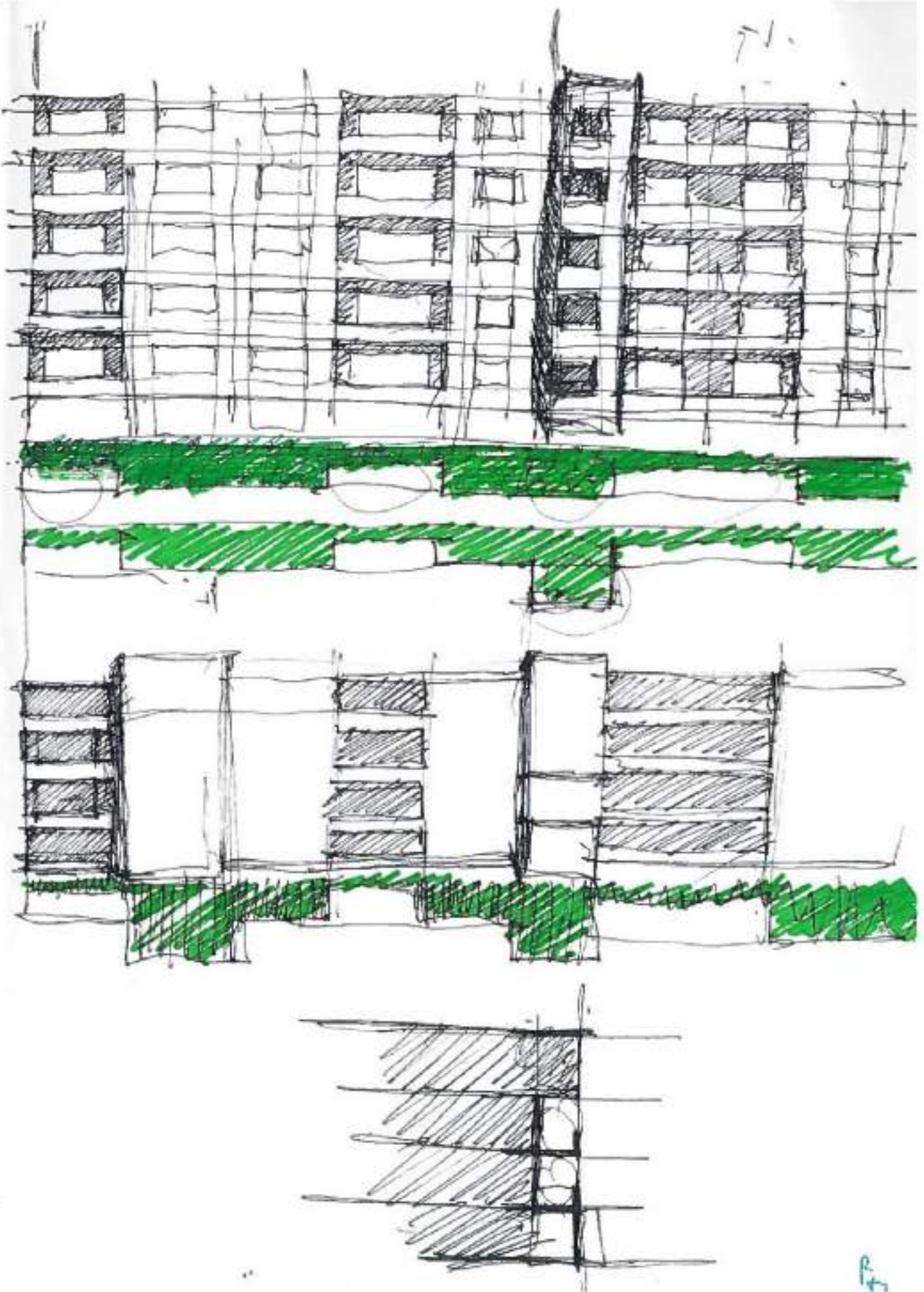
900 1300

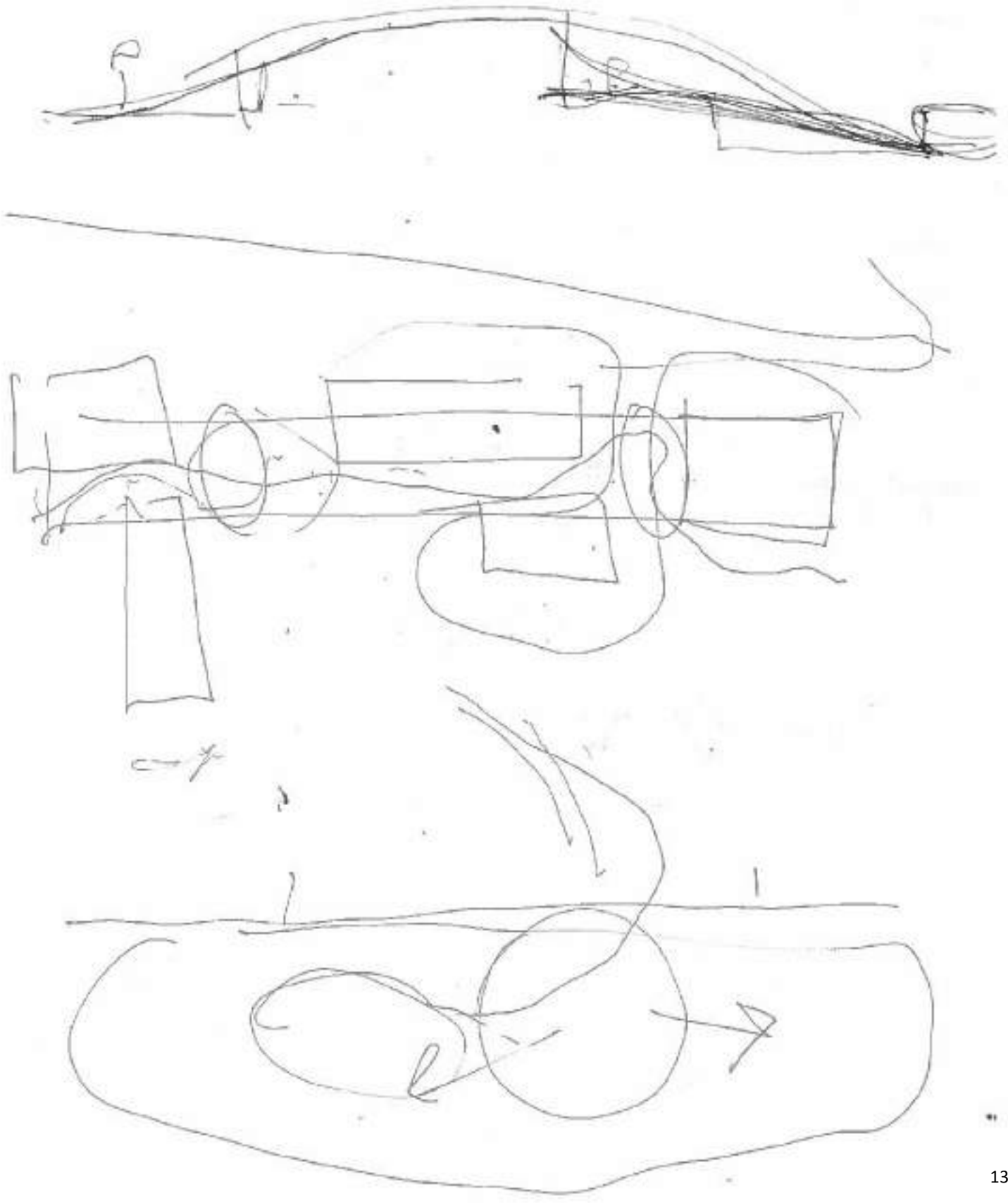
8 1100 1400

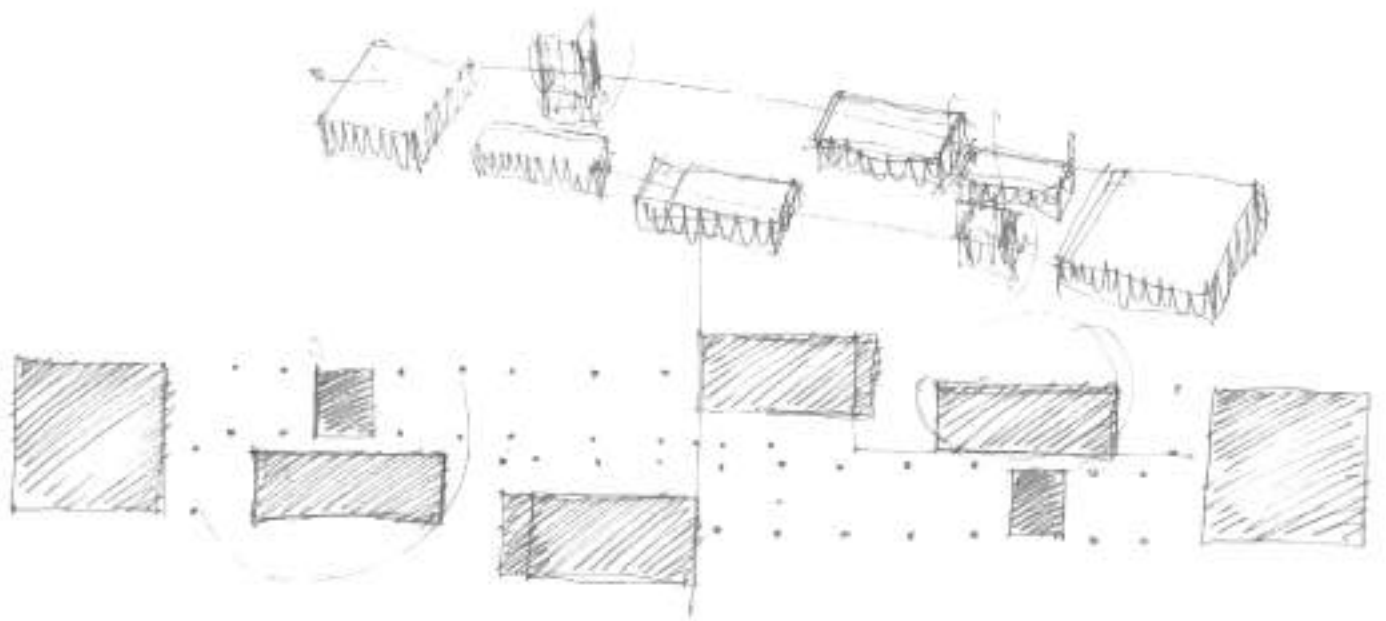
800 1470 1805

900 1470 1905









- Rampa de acesso ao Centro Cívico

3%

100 m = 3 m  
50 m = 1.5 m  
20 m = 0.6 m

160 m de Rampa.

4.8 m

3.5%

100 m = 3.5 m  
50 m = 1.75 m  
10 m = 0.35 m

150 m de Rampa.

5.25 m.

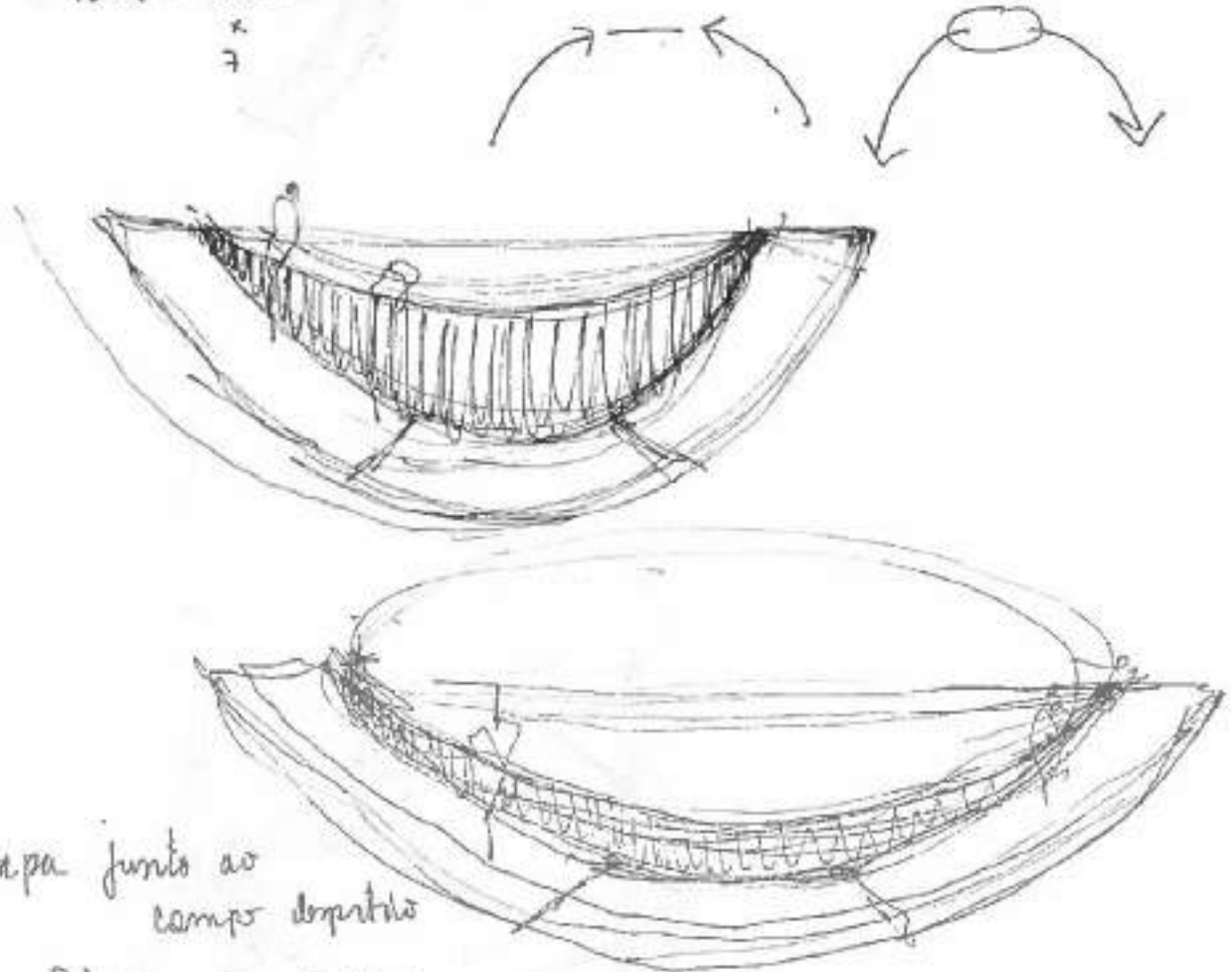
10 m = 35 cm  
70  
30 95  
5

Rampa perto do autocarro (fardim).

70 m

10 m = 35 cm  
7

2.45 m



Rampa junto ao campo desportivo

80 m = 2.8 m

Rampa sobre as liras habituais

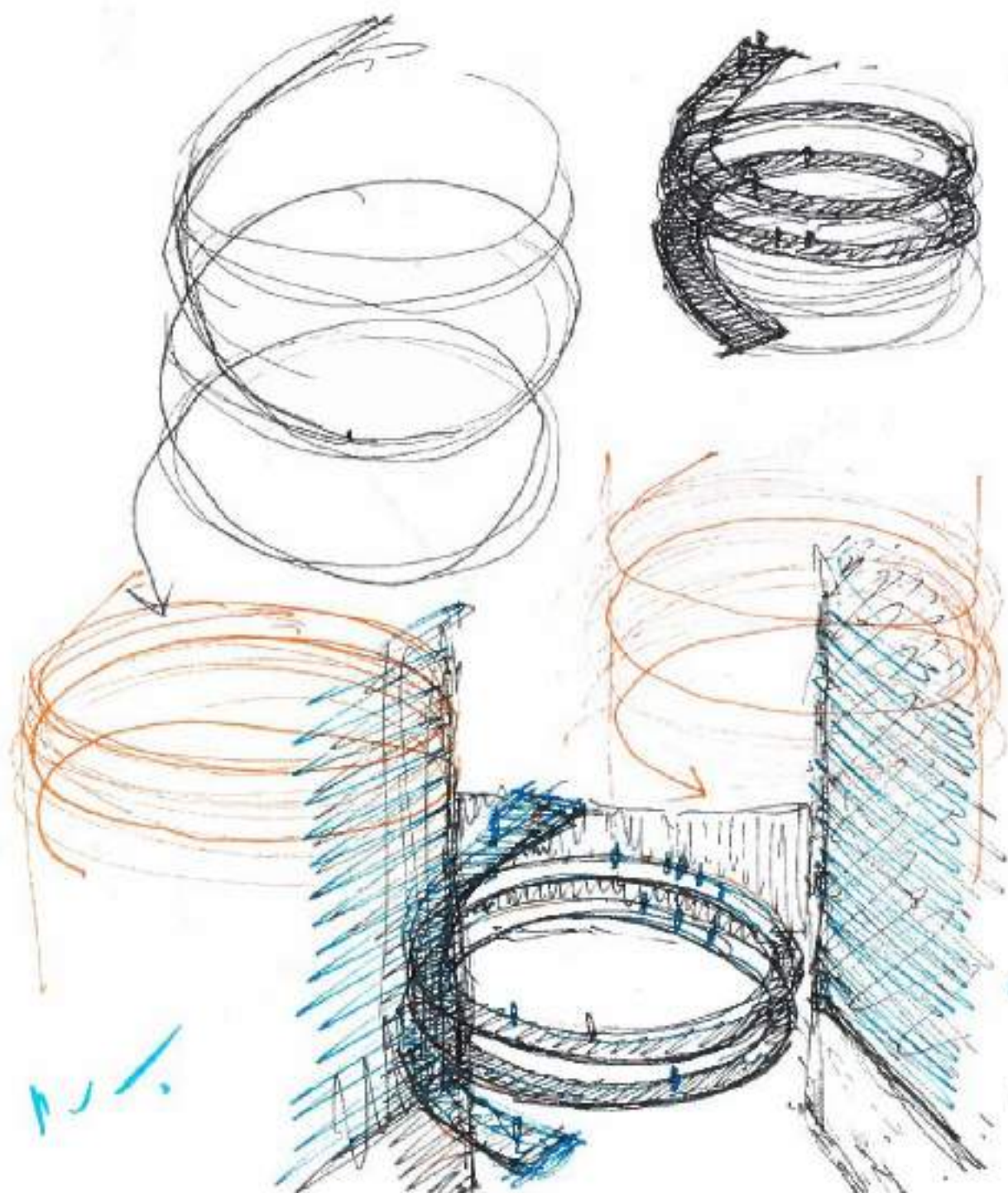
$18 \times 3.5 = 63$  m. rampa = círculo completo.

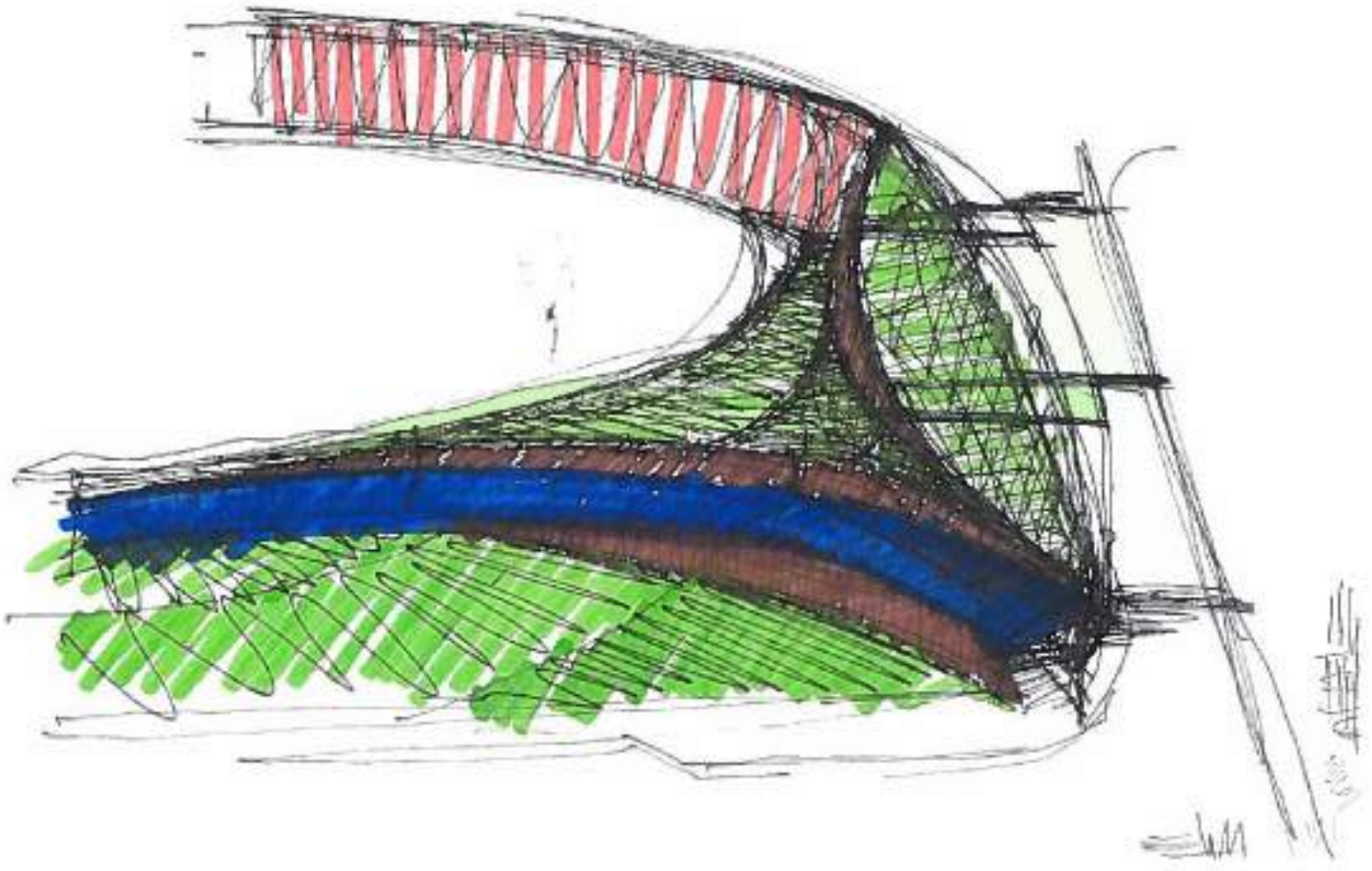
1 13 m rampa incluída.

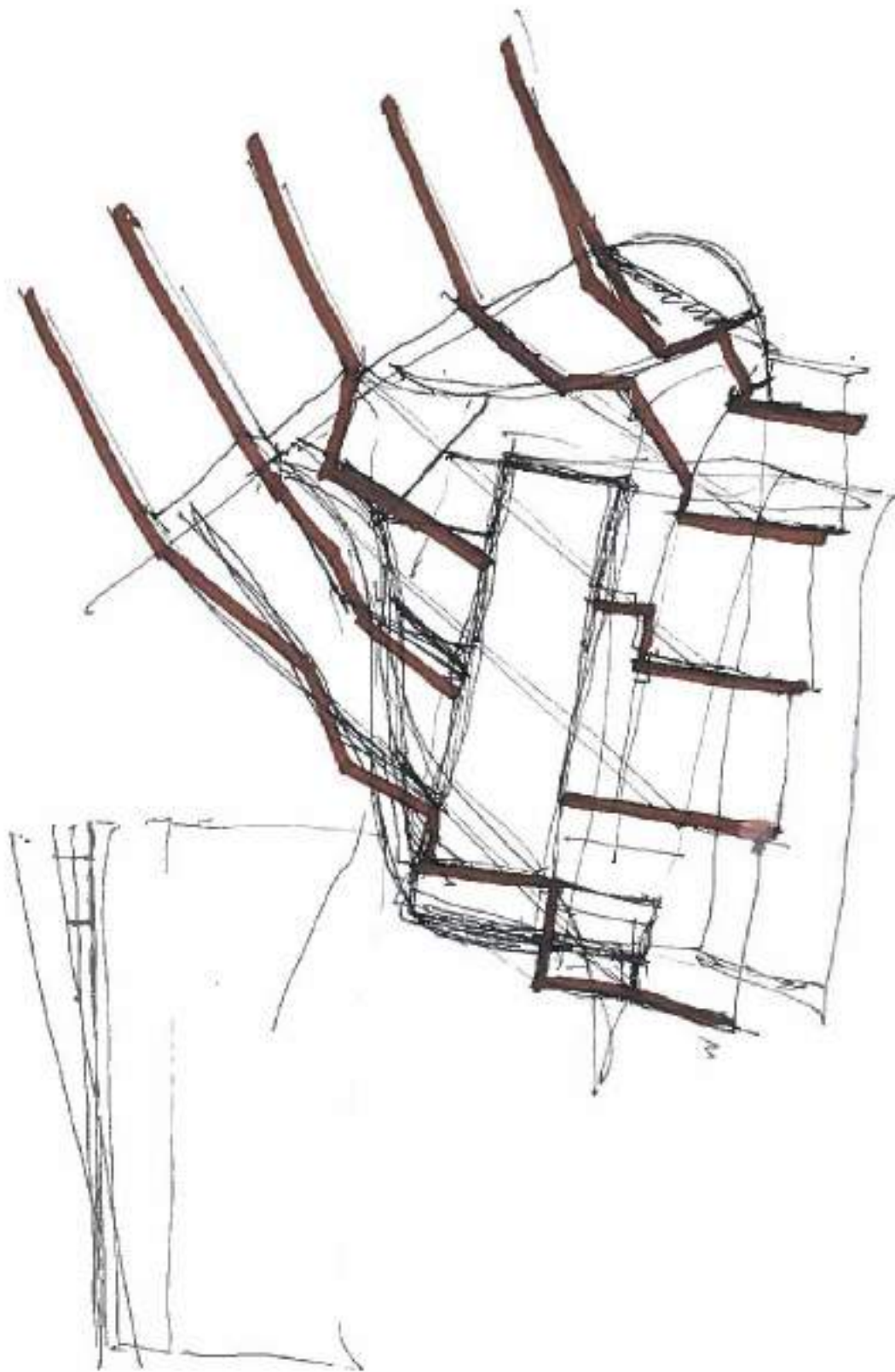
76 m.

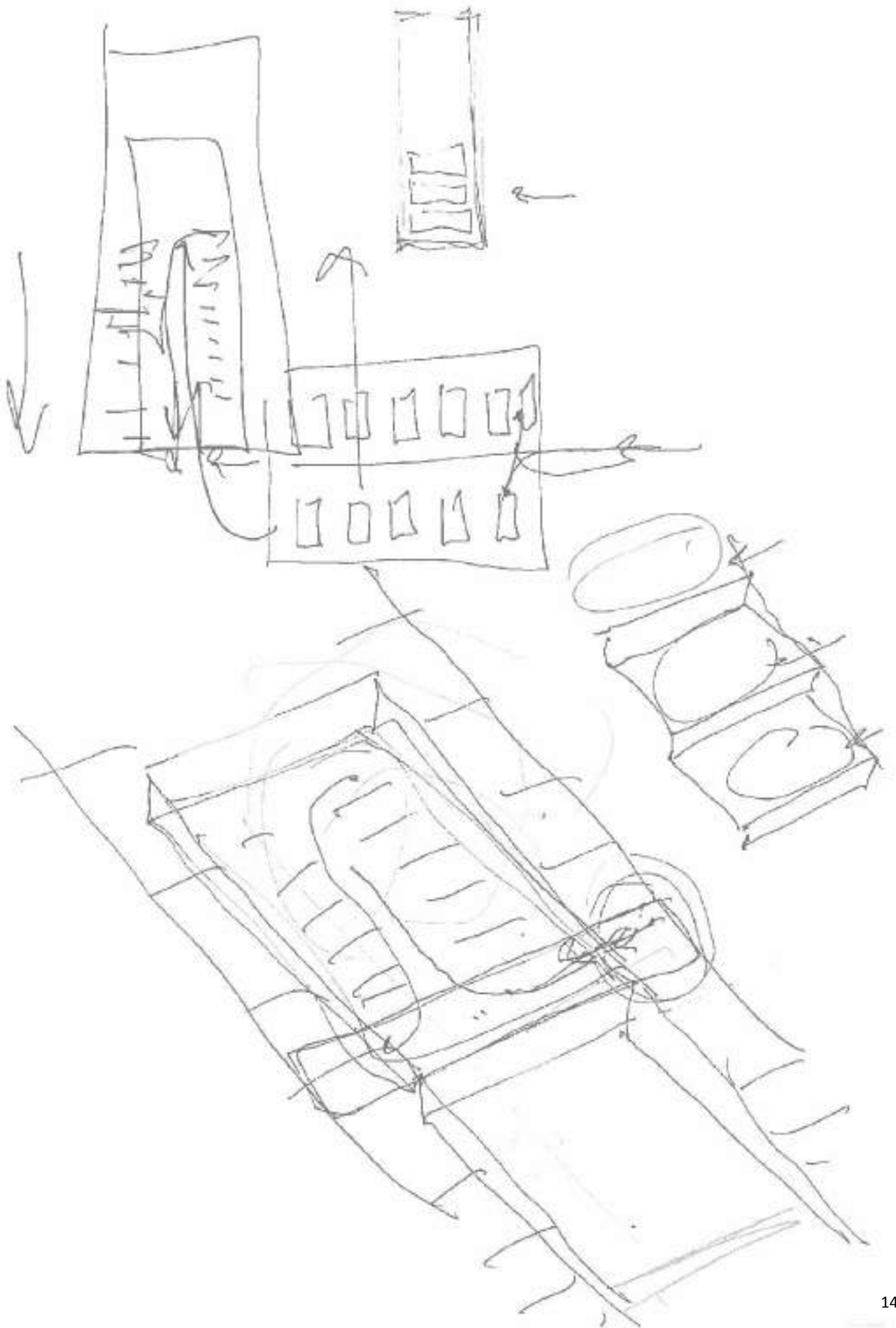
50 m = 1.75 2.62.

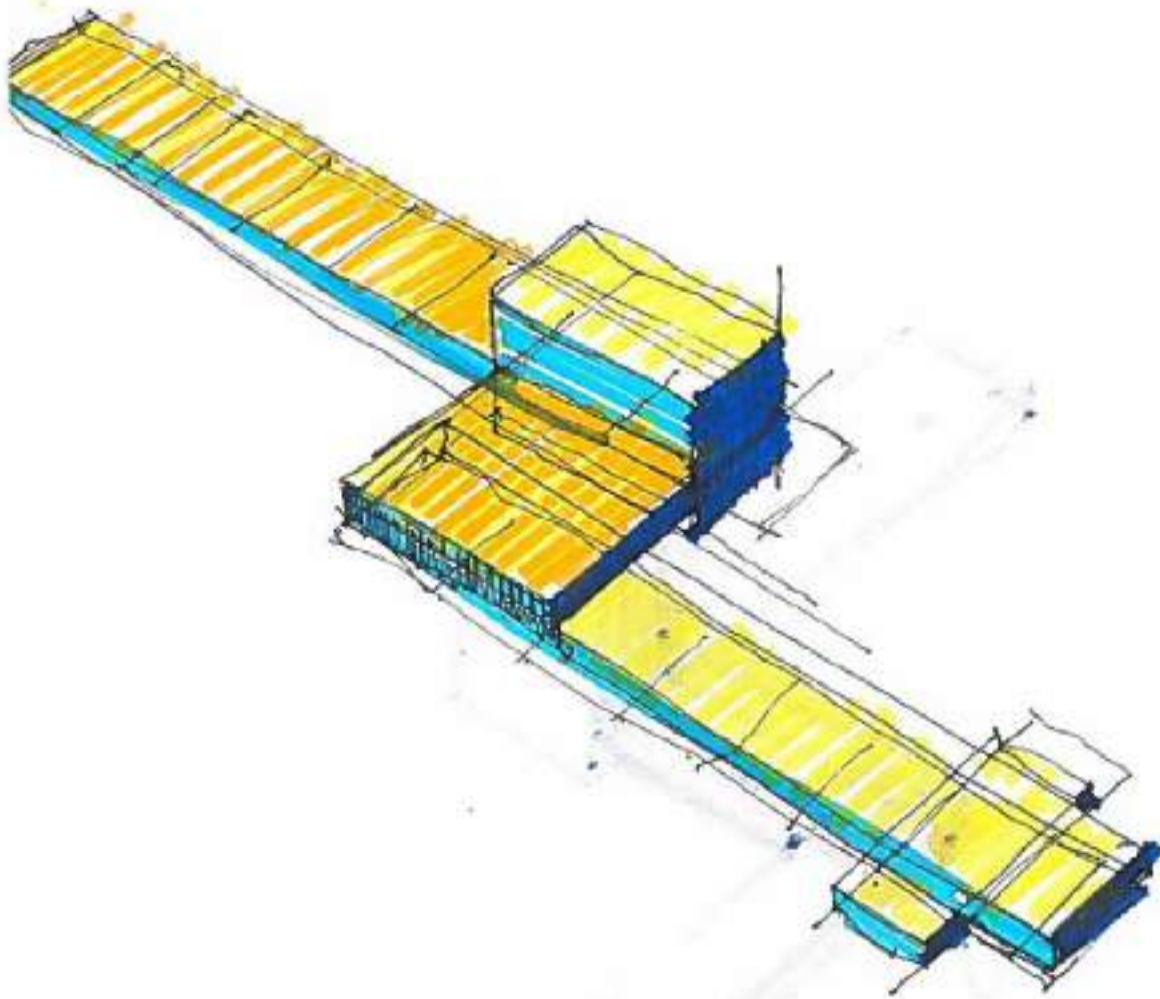
25 m = 0.875

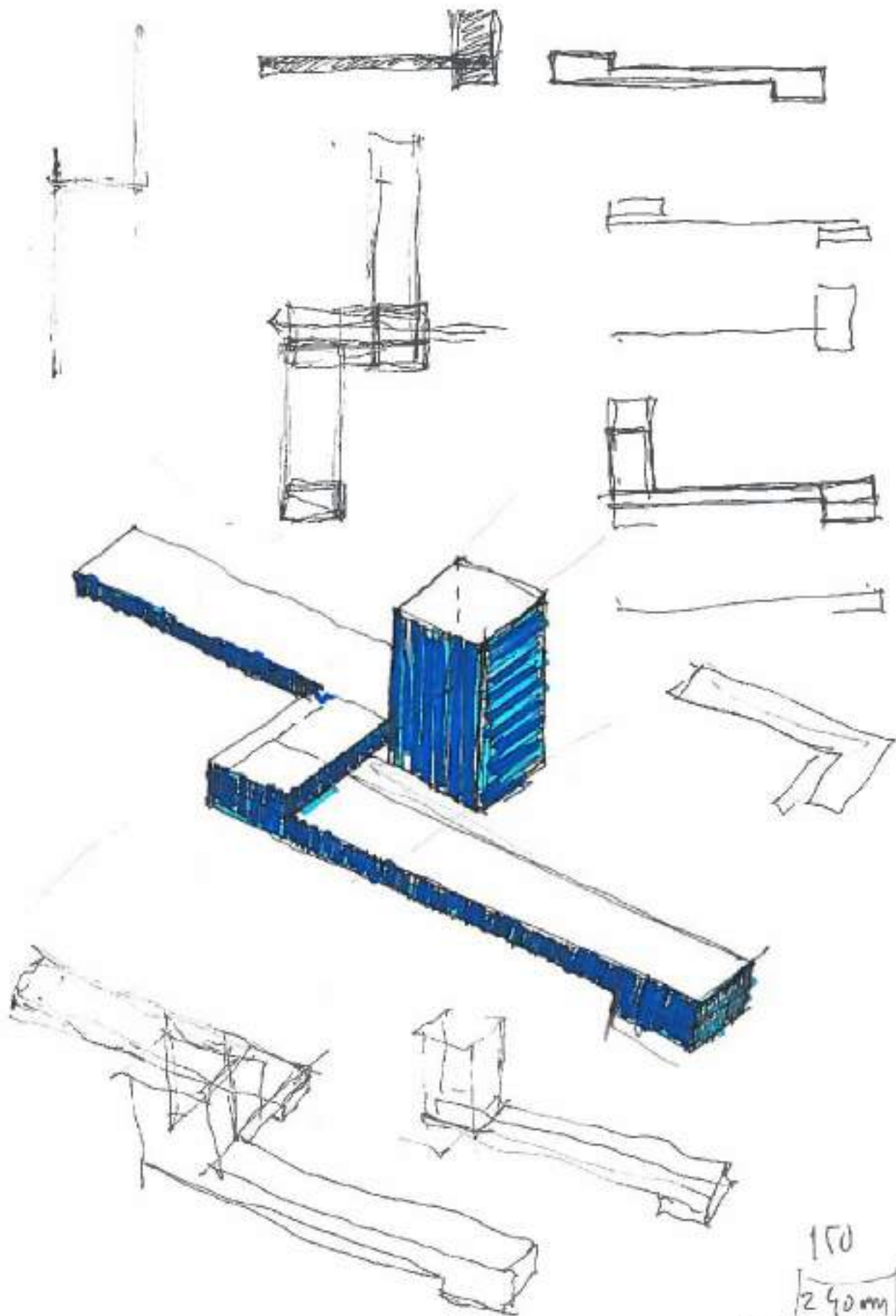




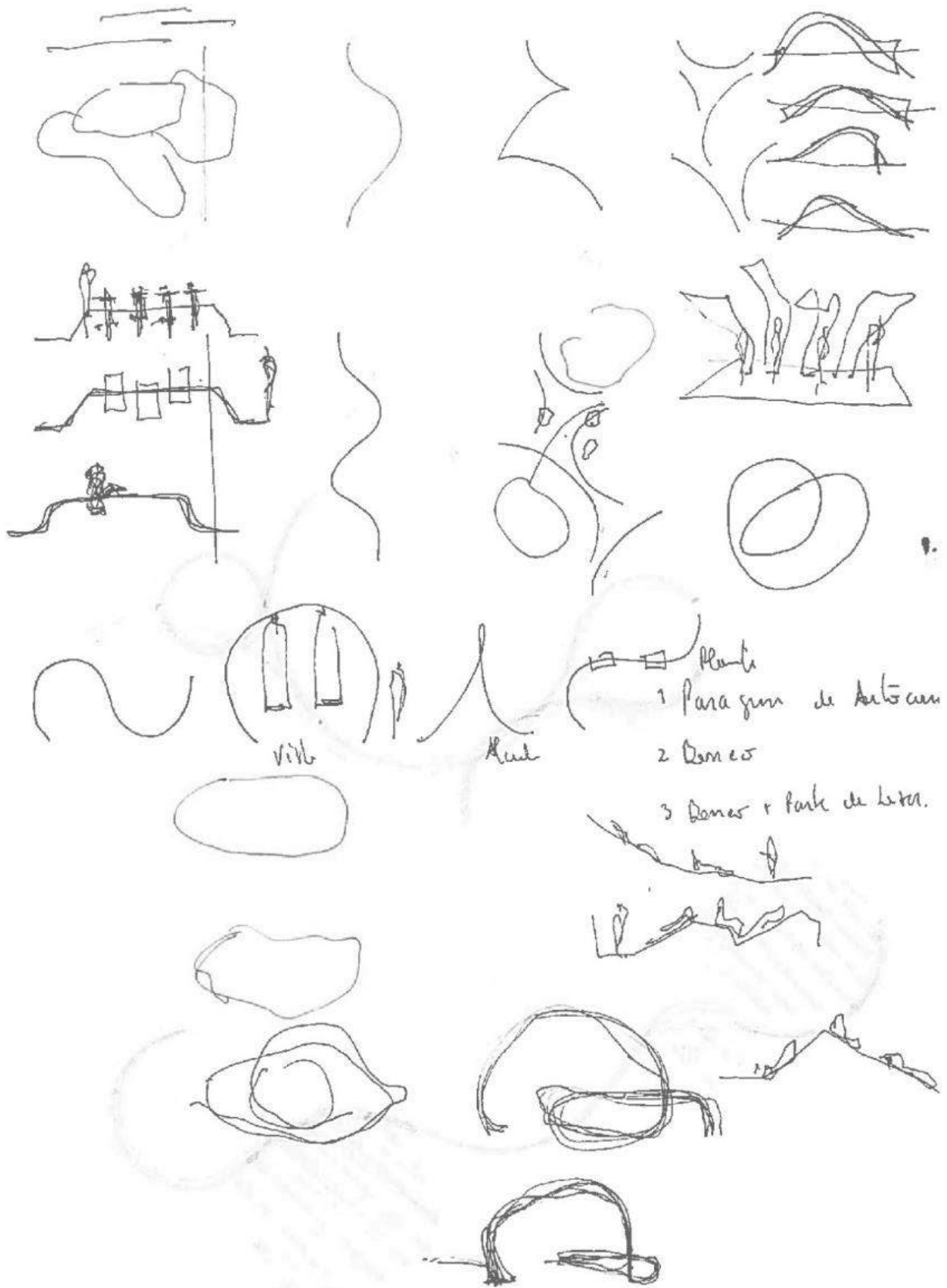


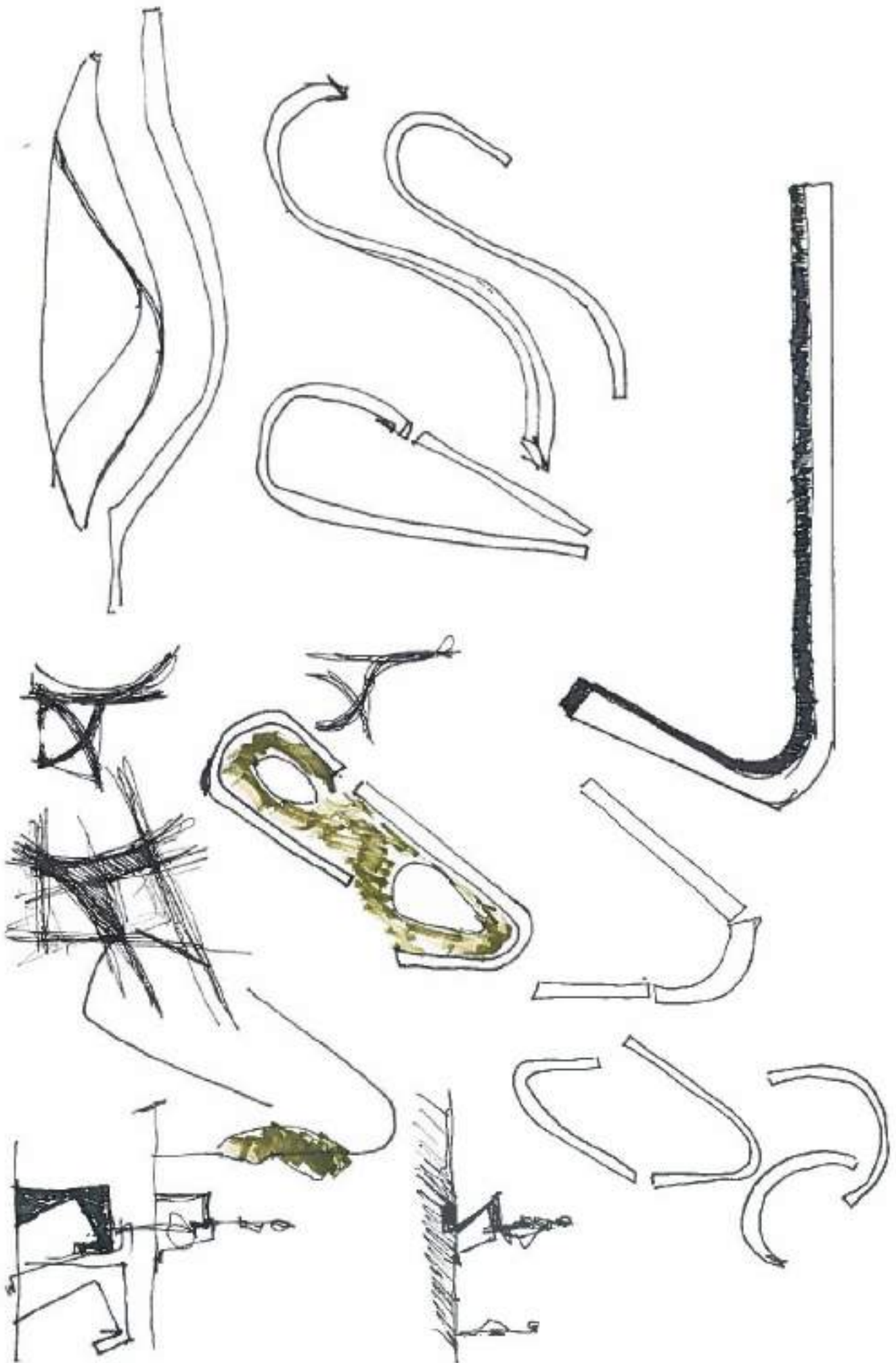


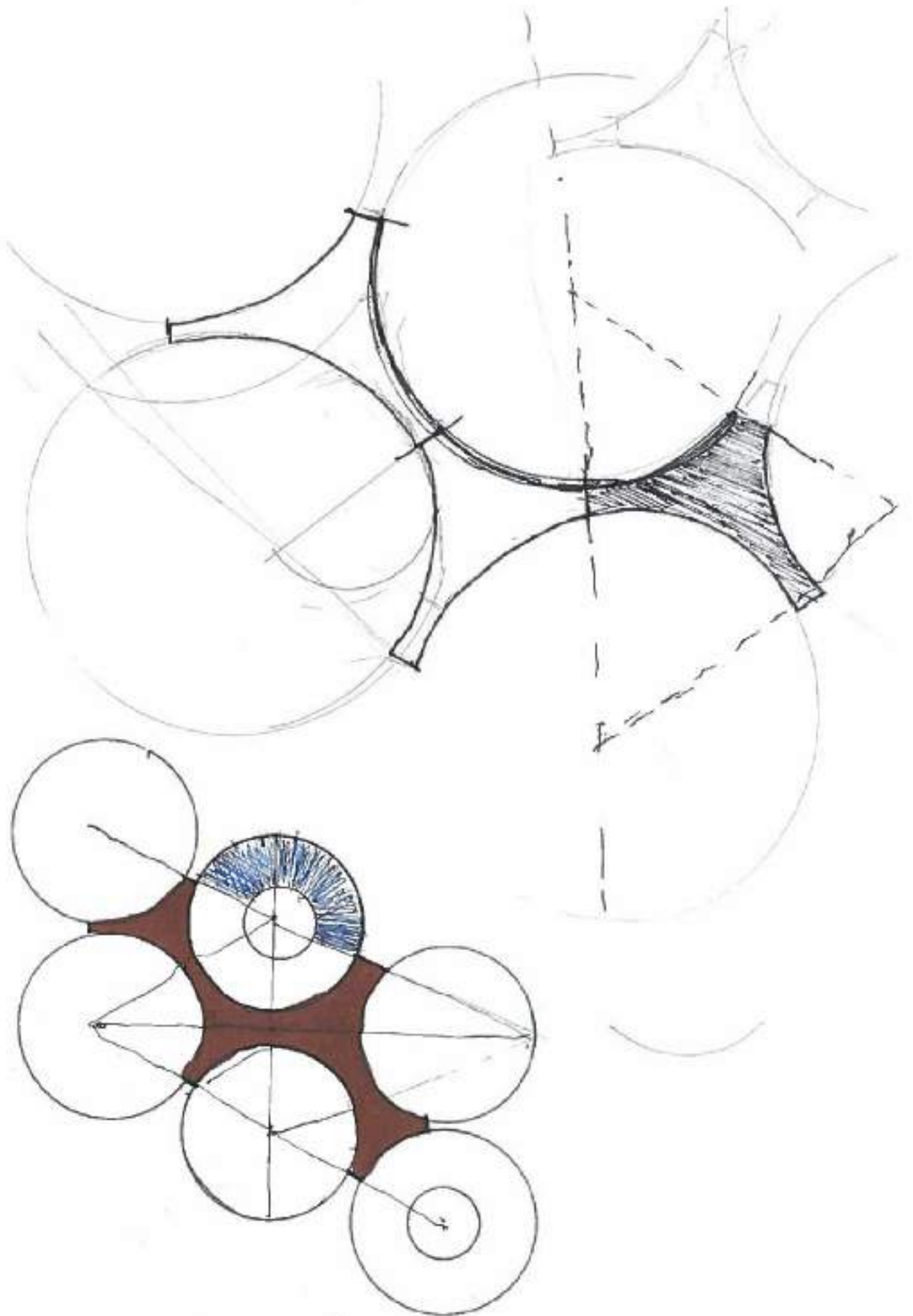


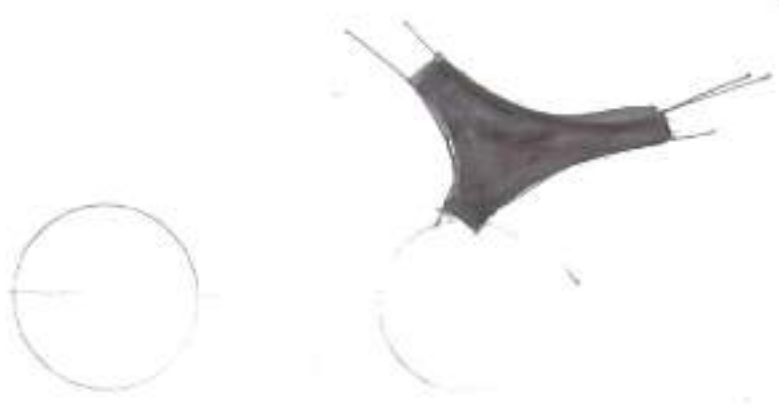
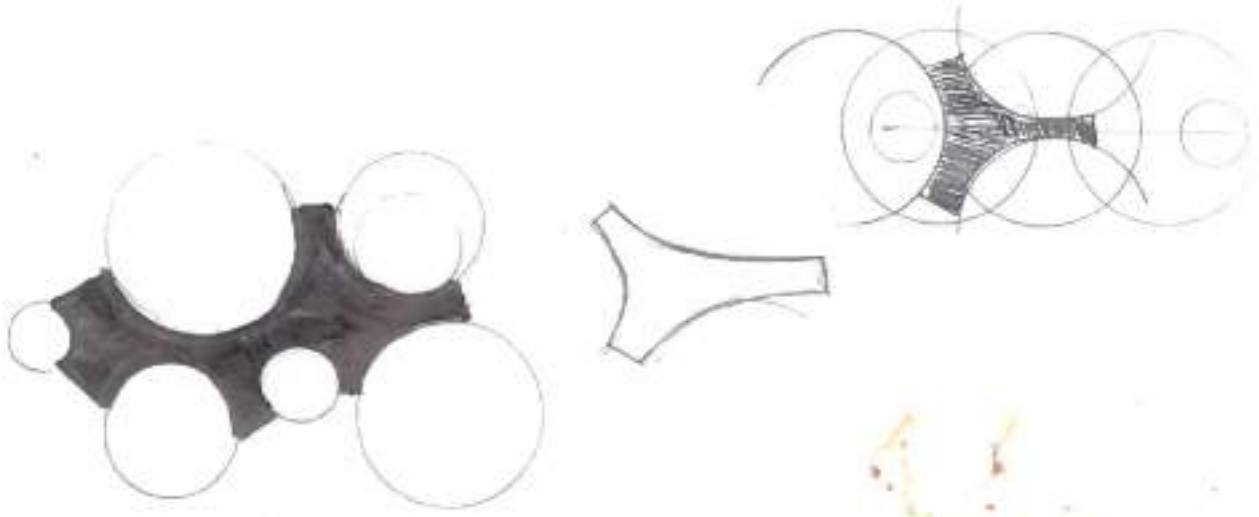


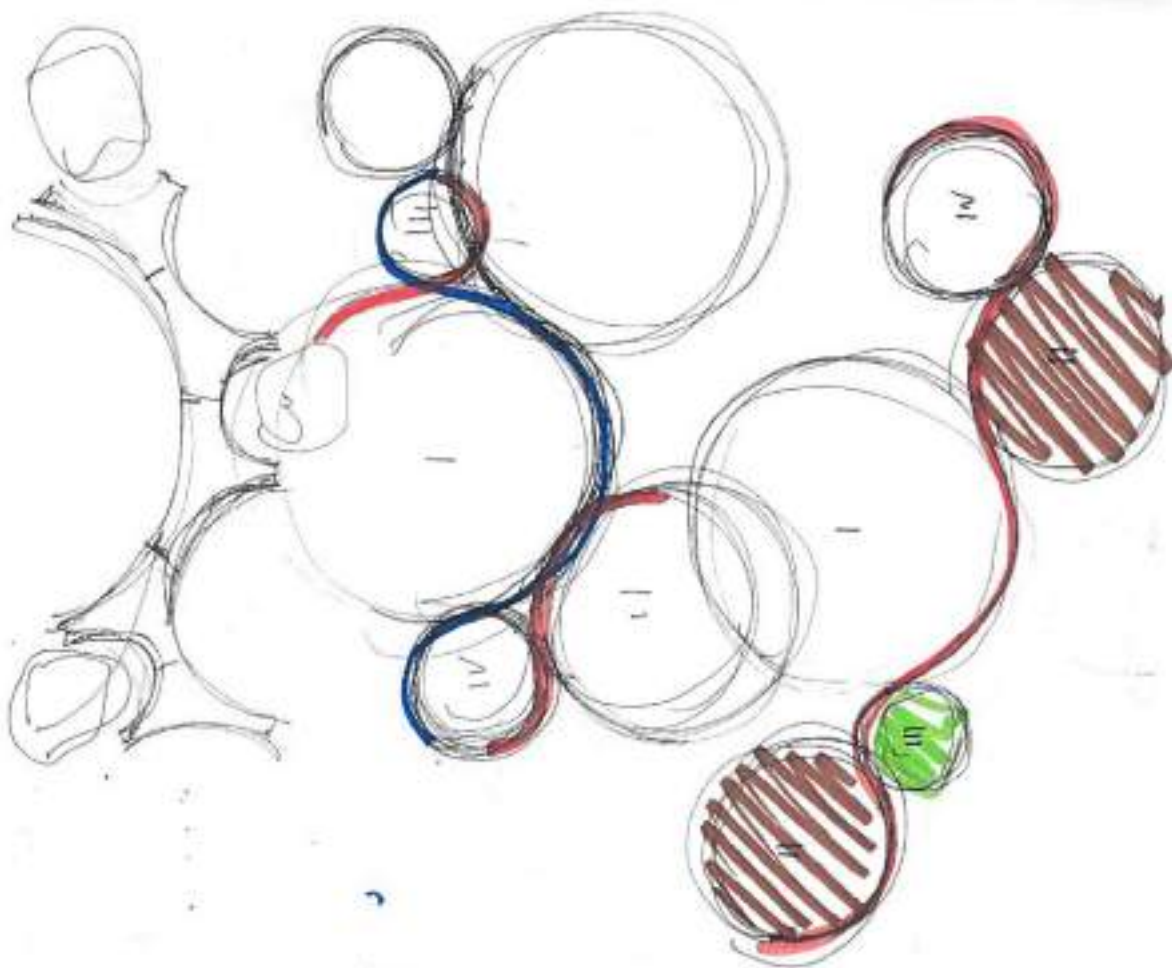
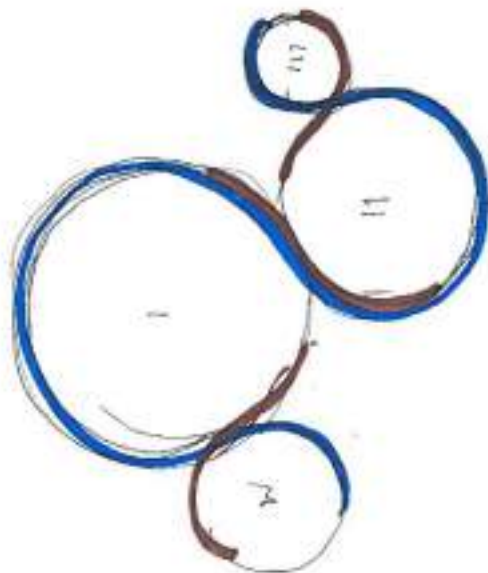
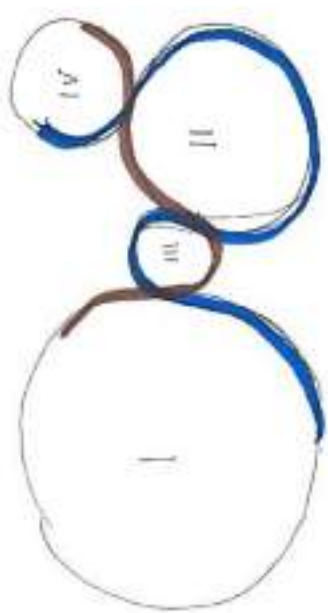
150  
240mm  
80 x  
10 x L x 5

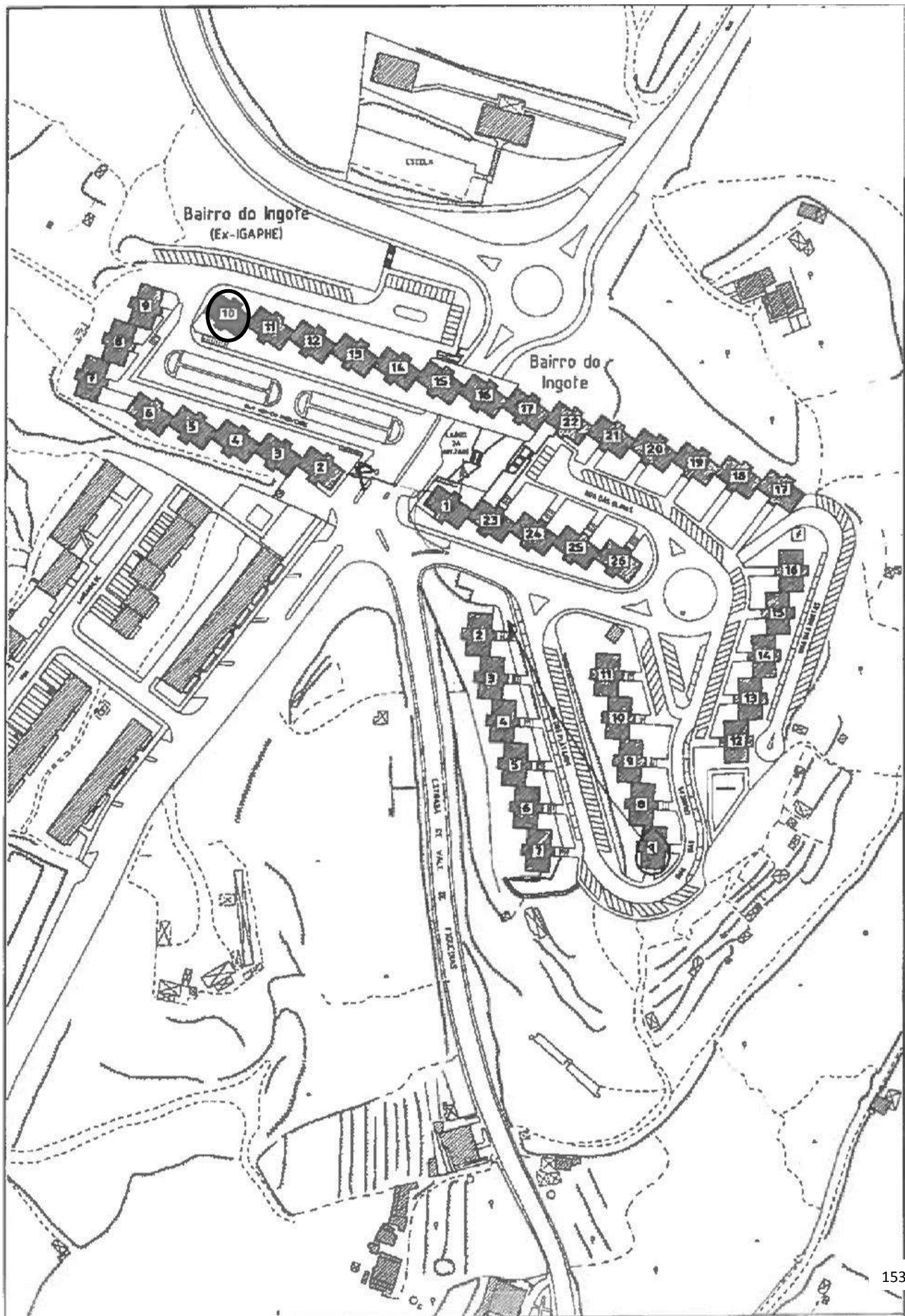


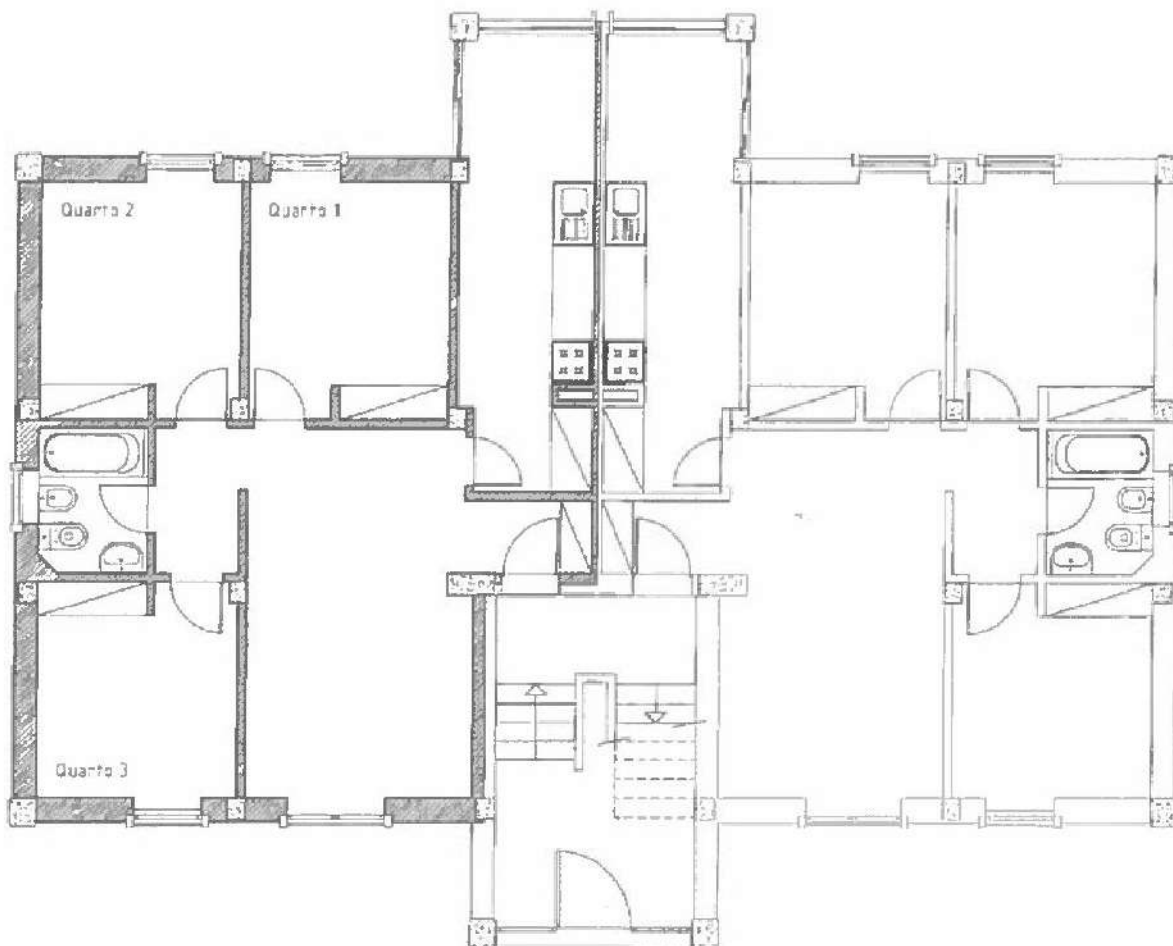












**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente Compartimento	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Vestíbulo/Entrada	1.94m <sup>2</sup>	11.60m <sup>2</sup>	—	1.94m <sup>2</sup>	1.47ml	—	0.85mx2.00m
Sala	17.05m <sup>2</sup>	39.18m <sup>2</sup>	—	17.05m <sup>2</sup>	12.92ml	1.40mx2.00m	—
Circulação	2.54m <sup>2</sup>	12.34m <sup>2</sup>	—	2.54m <sup>2</sup>	3.52ml	—	—
Quarto 1	9.88m <sup>2</sup>	35.55m <sup>2</sup>	—	9.88m <sup>2</sup>	11.91ml	1.00mx1.10m	0.75mx2.00m
Quarto 2	9.91m <sup>2</sup>	35.76m <sup>2</sup>	—	9.91m <sup>2</sup>	11.95ml	1.00mx1.10m	0.75mx2.00m
Quarto 3	8.98m <sup>2</sup>	33.97m <sup>2</sup>	—	8.98m <sup>2</sup>	11.31ml	1.00mx1.10m	0.75mx2.00m
Inst. Sanitária	3.26m <sup>2</sup>	—	16.28m <sup>2</sup>	3.26m <sup>2</sup>	—	0.80mx0.50m	0.70mx2.00m
Cozinha	12.55m <sup>2</sup>	—	47.98m <sup>2</sup>	8.40m <sup>2</sup>	—	1.65mx0.80m 1.70mx1.10m	0.70mx2.00m

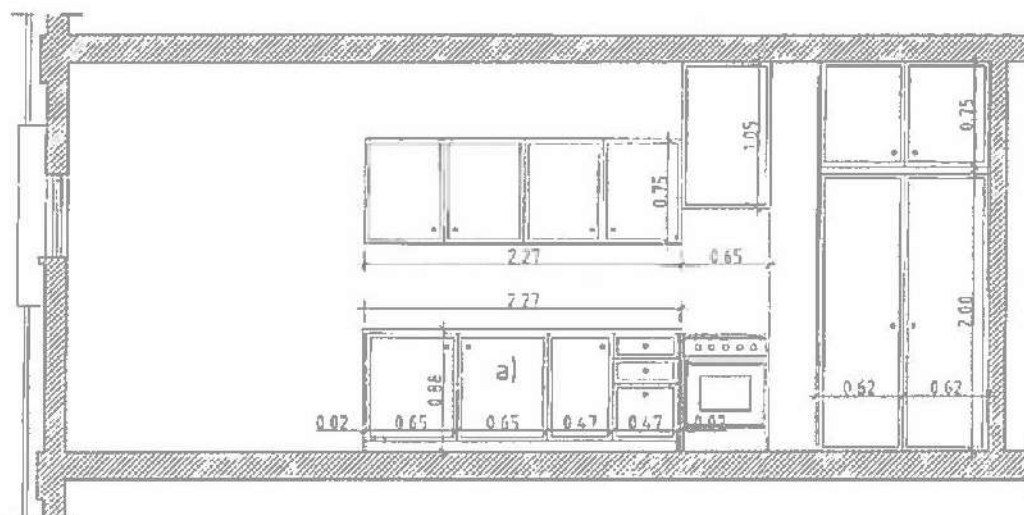
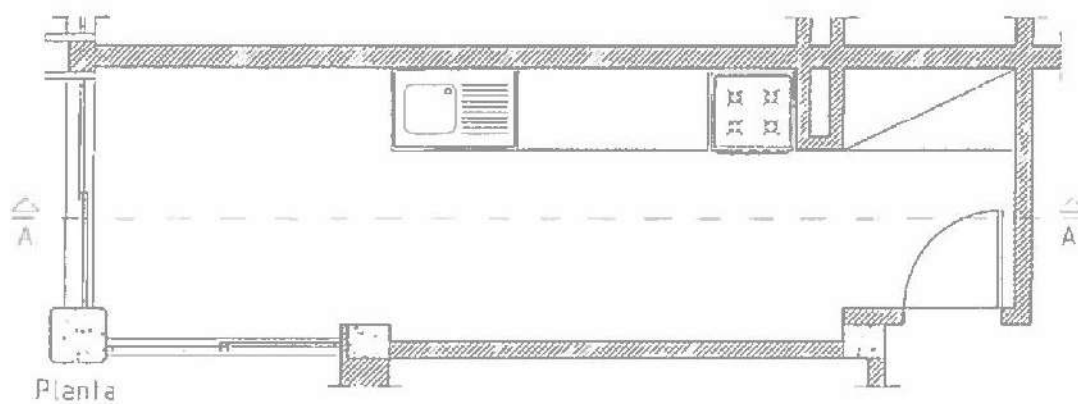
Identificação do fogo: Bloco 10 - 2.º Esq. Data prevista para o início da obra:    /   /   

Recebi: \_\_\_\_\_  
(data e assinatura do encarregado) (Médico)  
(encarregado)

Bairro do Ex-IGAPHE  
 Bloco 10 - 2.º Esq. - T3  
 Área Útil = 66.11m<sup>2</sup>  
 Escala 1/100



### COZINHA TIPO (Esq.)



Corte A-A'

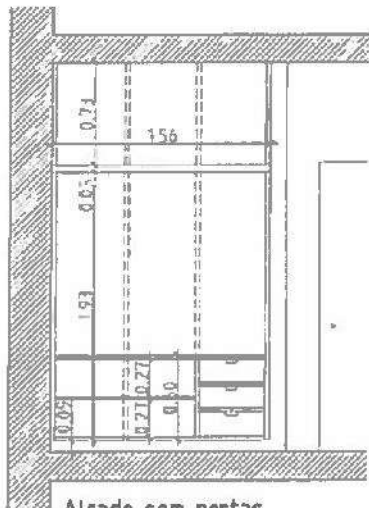
a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.

Bairro do Ex-IGAPHE  
Cozinha T3 Tipo (Esq.)  
Escala 1/50

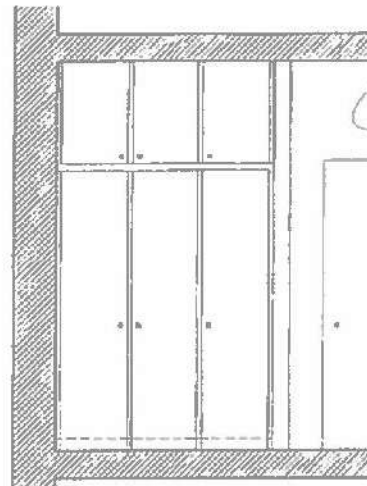


Câmara Municipal  
de Coimbra

**Roupeiro Tipo**

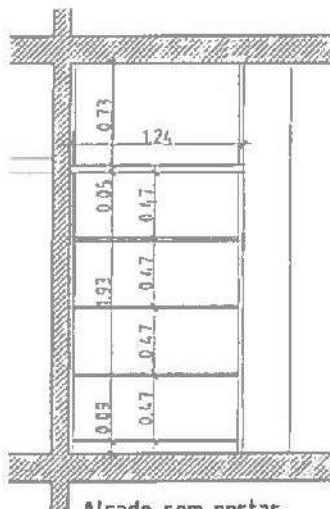


Alçado sem portas

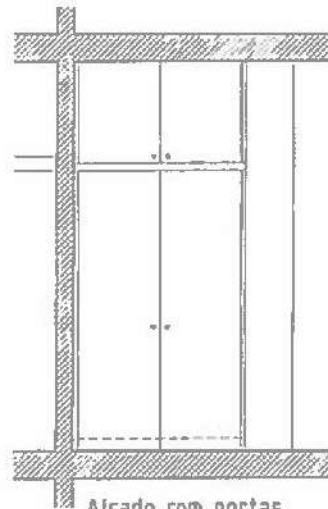


Alçado com portas

**Dispenseiro Tipo**

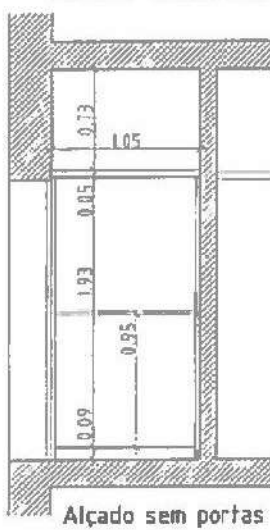


Alçado sem portas

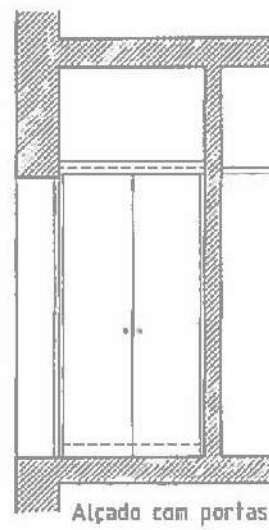


Alçado com portas

**Armário de Entrada Tipo**



Alçado sem portas



Alçado com portas

Bairro do Ex-IGAPHE

Roupeiro Tipo, Dispenseiro Tipo e Armário de Entrada Tipo

Escala 1/50

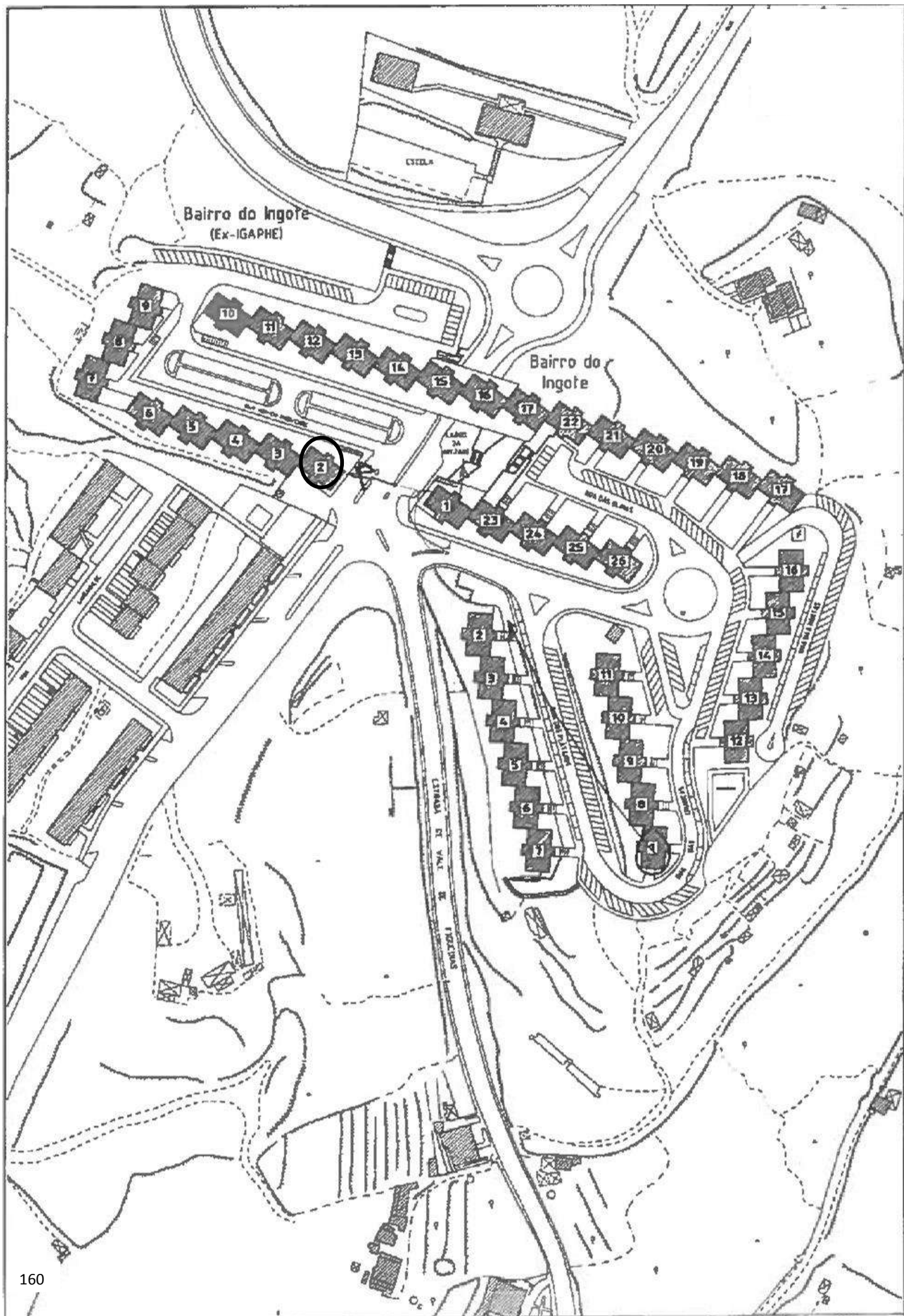


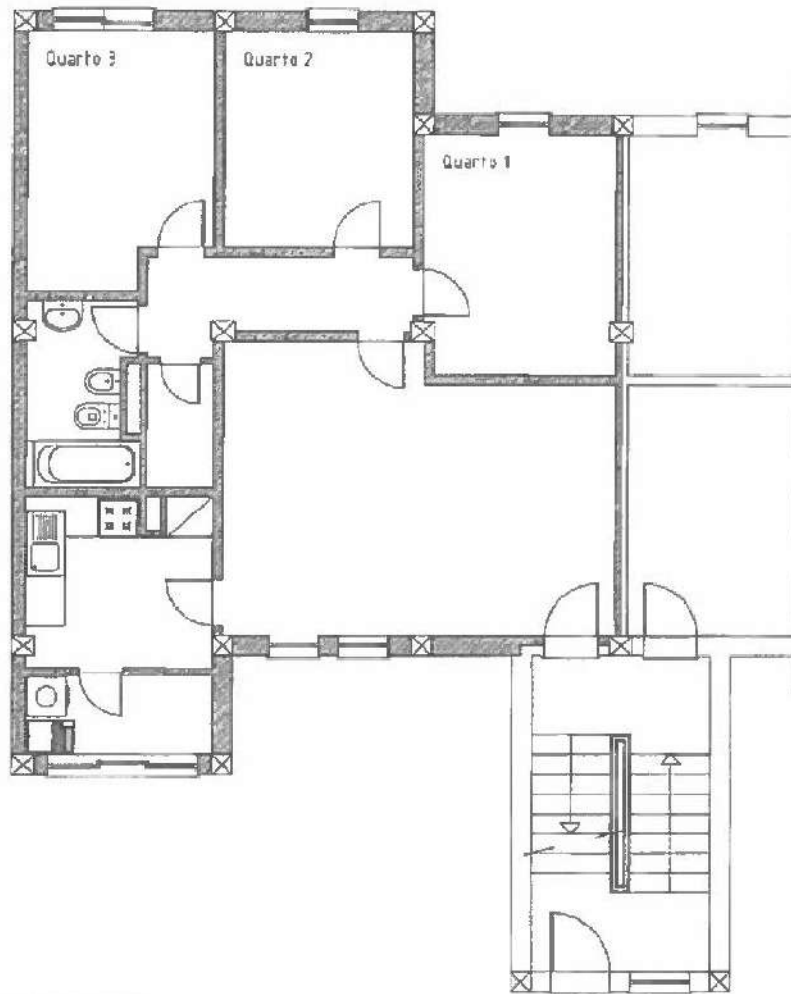
Câmara Municipal  
de Coimbra











**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente Compartimento	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Sala/Entrada	24.39m <sup>2</sup>	46.87m <sup>2</sup>	—	24.39m <sup>2</sup>	17.75ml	0.75mx1.40m 0.75mx2.00m	0.80mx2.00m
Circulação	4.74m <sup>2</sup>	21.31m <sup>2</sup>	—	4.74m <sup>2</sup>	7.25ml	—	0.70mx2.00m
Quarto 1	10.28m <sup>2</sup>	31.29m <sup>2</sup>	—	10.28m <sup>2</sup>	11.70ml	0.75mx2.00m	0.70mx2.00m
Quarto 2	9.12m <sup>2</sup>	29.01m <sup>2</sup>	—	9.12m <sup>2</sup>	11.40ml	0.75mx1.40m	0.70mx2.00m
Quarto 3	10.13m <sup>2</sup>	31.47m <sup>2</sup>	—	10.13m <sup>2</sup>	12.85ml	0.75mx1.05m 0.75mx1.40m	0.70mx2.00m
Armário	1.85m <sup>2</sup>	13.82m <sup>2</sup>	—	1.85m <sup>2</sup>	—	—	0.80mx2.00m
Inst. Sanitária	4.37m <sup>2</sup>	8.91m <sup>2</sup>	18.30m <sup>2</sup>	4.37m <sup>2</sup>	—	—	0.70mx2.00m
Cozinha	7.06m <sup>2</sup>	5.71m <sup>2</sup>	21.35m <sup>2</sup>	7.06m <sup>2</sup>	—	—	0.70mx2.00m
Marquise	3.39m <sup>2</sup>	2.24m <sup>2</sup>	11.90m <sup>2</sup>	3.39m <sup>2</sup>	—	2.25mx1.40m 0.65mx1.00m	0.85mx2.00m

Identificação do fogo: Lote 2 - R/C. Esq. \_\_\_\_\_ Data prevista para o início da obra: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Recebi: \_\_\_\_\_  
(data e assinatura do encarregado) (técnico)  
(encarregado)

Bairro da Rosa

T3 Tipo (Esq.)

Área Útil = 75.33m<sup>2</sup>

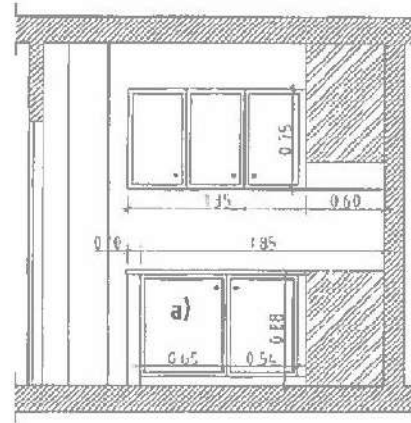
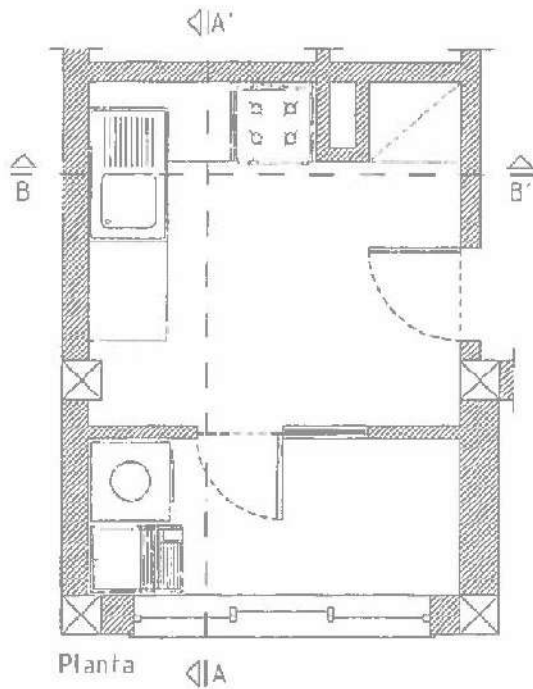
Escala 1/100



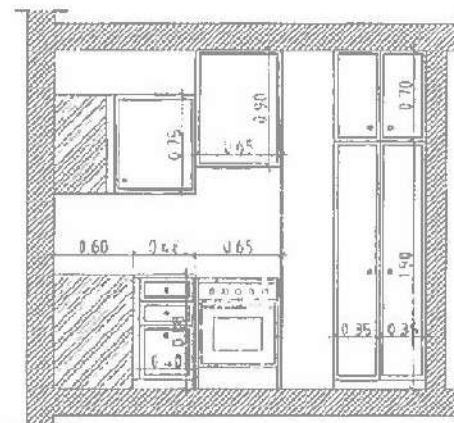
**CÂMARA MUNICIPAL  
DE  
COIMBRA**

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE

COZINHA T3 TIPO (Esq.)



Corte A-A'



Corte B-B'

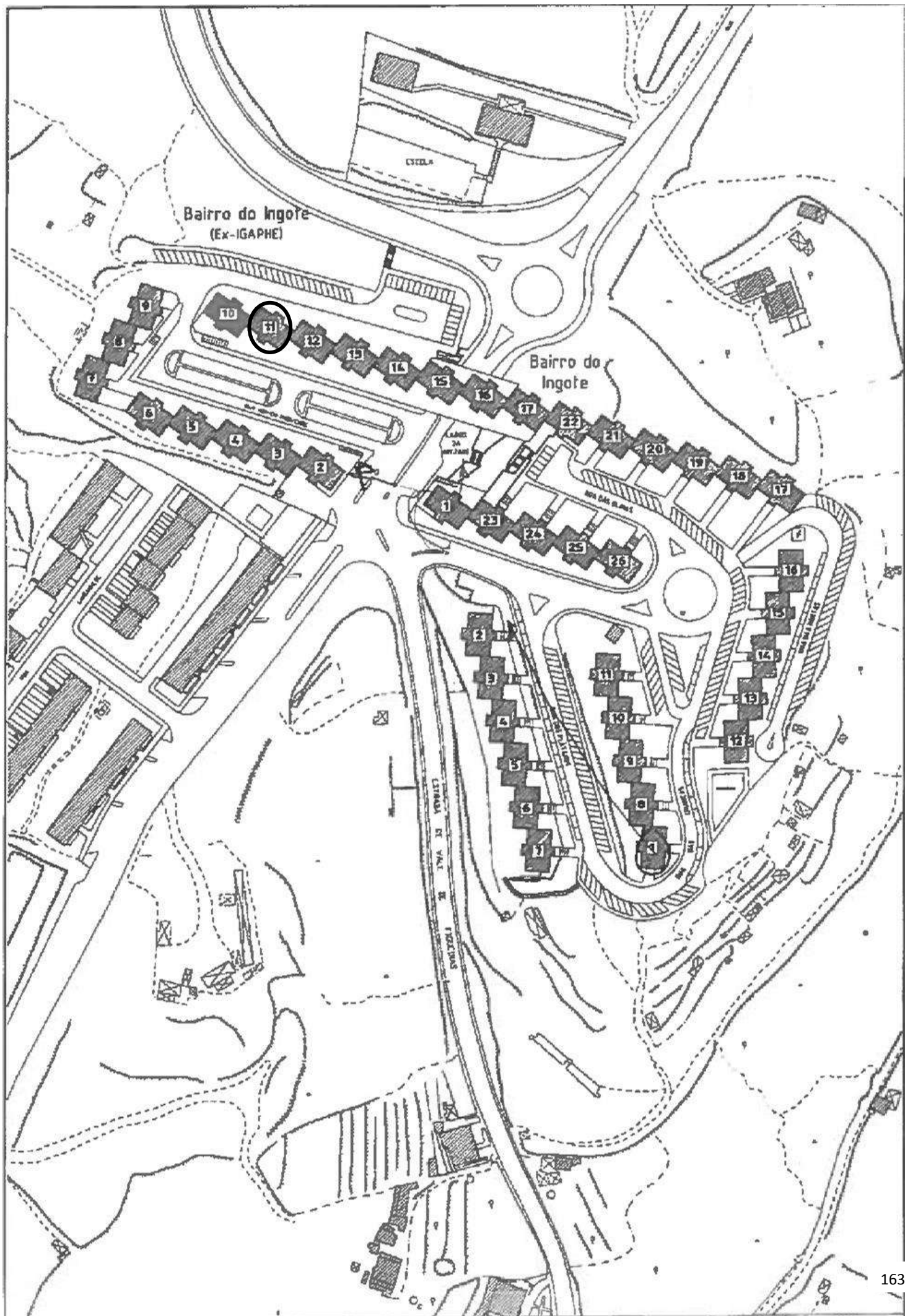
a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.

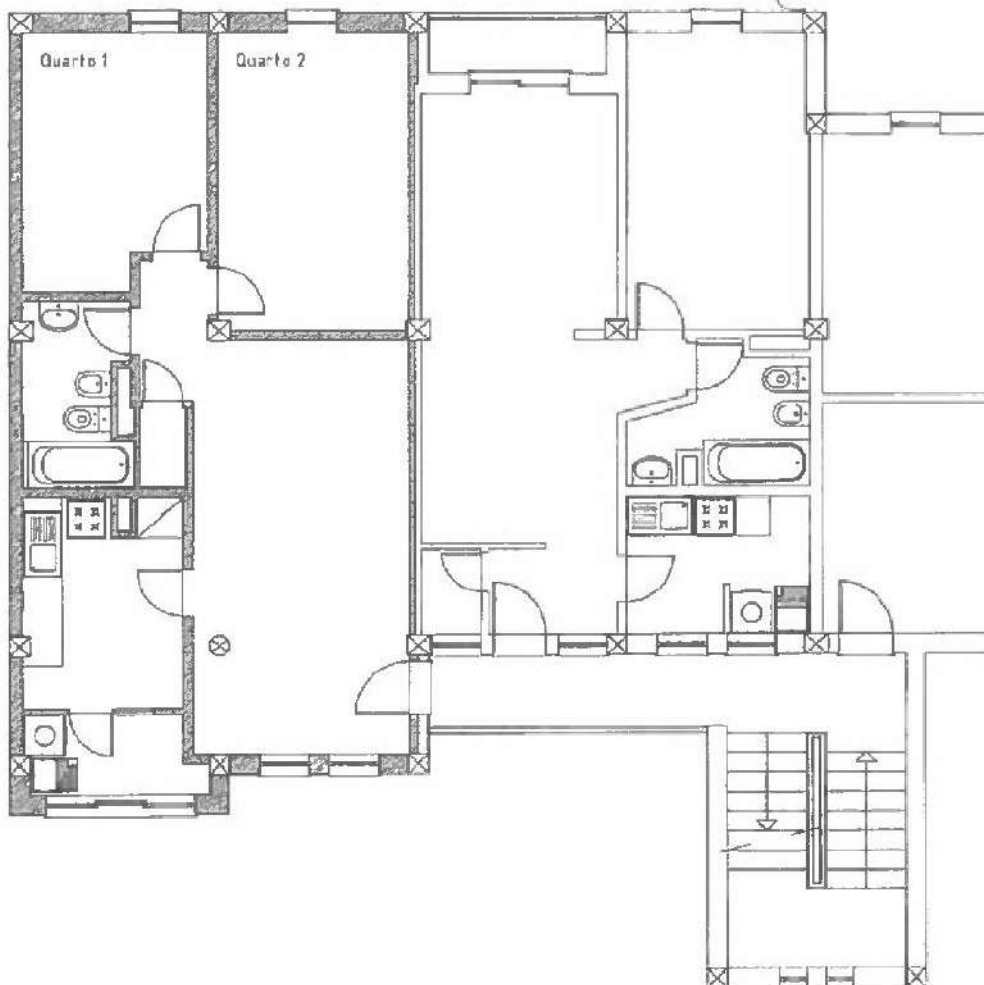
Bairro da Rosa  
Cozinha T3 Tipo (Esq.)  
Escala 1/50



CÂMARA MUNICIPAL  
de  
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE BENSERVILMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE





**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Sala/Entrada	22.26m <sup>2</sup>	51.88m <sup>2</sup>	—	22.26m <sup>2</sup>	18.85ml	0.75m x 1.40m 0.75m x 1.40m	0.80m x 2.00m
Arrumo	0.84m <sup>2</sup>	8.53m <sup>2</sup>	—	0.84m <sup>2</sup>	—	—	0.60m x 2.00m
Quarto 1	10.08m <sup>2</sup>	32.13m <sup>2</sup>	—	10.08m <sup>2</sup>	12.60ml	0.75m x 1.40m	0.70m x 2.00m
Quarto 2	12.76m <sup>2</sup>	35.19m <sup>2</sup>	—	12.76m <sup>2</sup>	13.20ml	0.75m x 2.00m	0.70m x 2.00m
Inst. Sanitária	4.15m <sup>2</sup>	5.91m <sup>2</sup>	18.30m <sup>2</sup>	4.15m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Cozinha	7.49m <sup>2</sup>	6.14m <sup>2</sup>	21.95m <sup>2</sup>	7.49m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Marquise	3.03m <sup>2</sup>	2.46m <sup>2</sup>	11.90m <sup>2</sup>	3.03m <sup>2</sup>	—	2.25m x 1.40m 0.85m x 1.00m	0.65m x 2.00m

Identificação do fogo: Lote 11 - 3.º Esq. Data prevista para o início da obra: 1 / 1

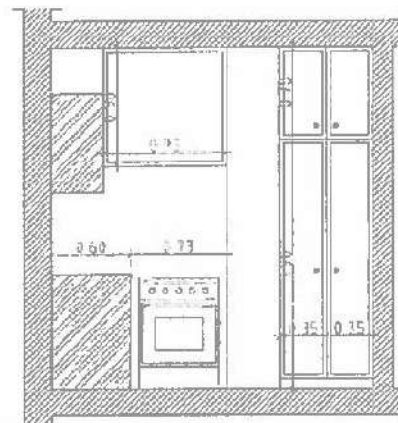
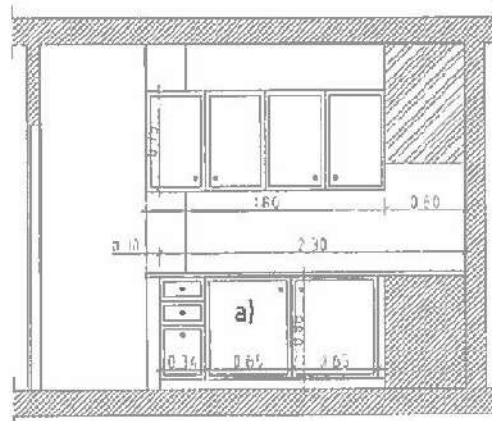
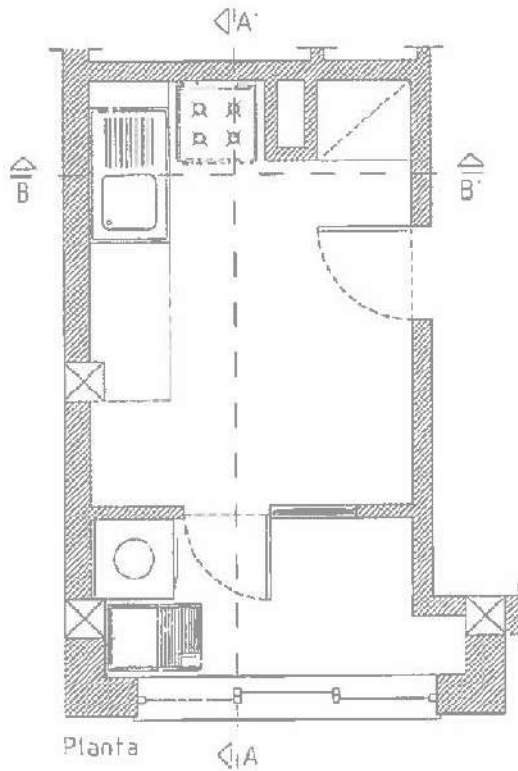
Recebi: \_\_\_\_\_  
(data e assinaturas embaixo) (Métrico)  
(encarregado)

Bairro da Rosa  
 T2 Tipo (Esq.)  
 Área Útil = 60.64m<sup>2</sup>  
 Escala 1/100



**CÂMARA MUNICIPAL  
 COIMBRA**  
 DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
 DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE

### COZINHA T2 TIPO (Esq.)



a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.

Bairro da Rosa

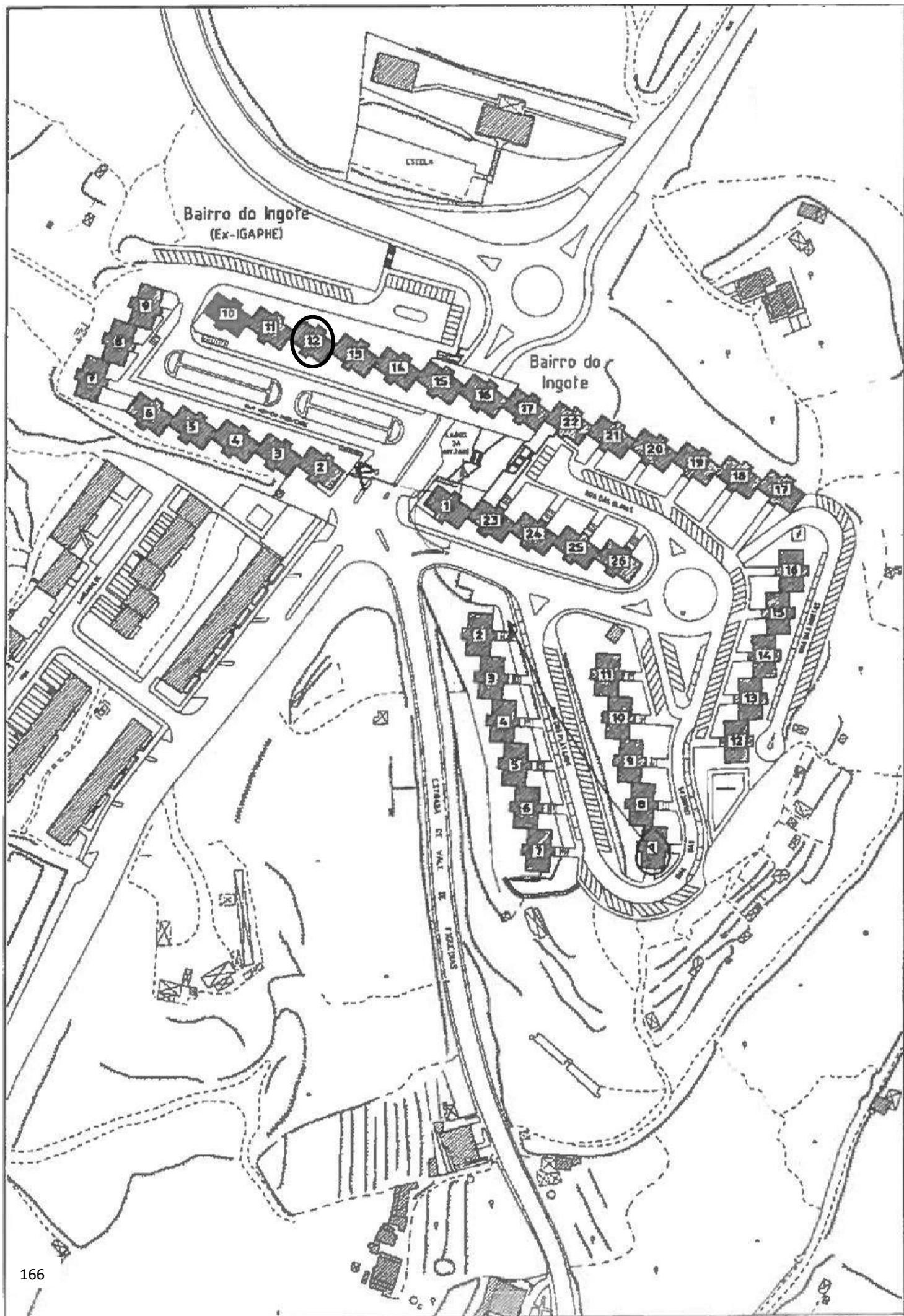
Cozinha T2 Tipo (Esq.)

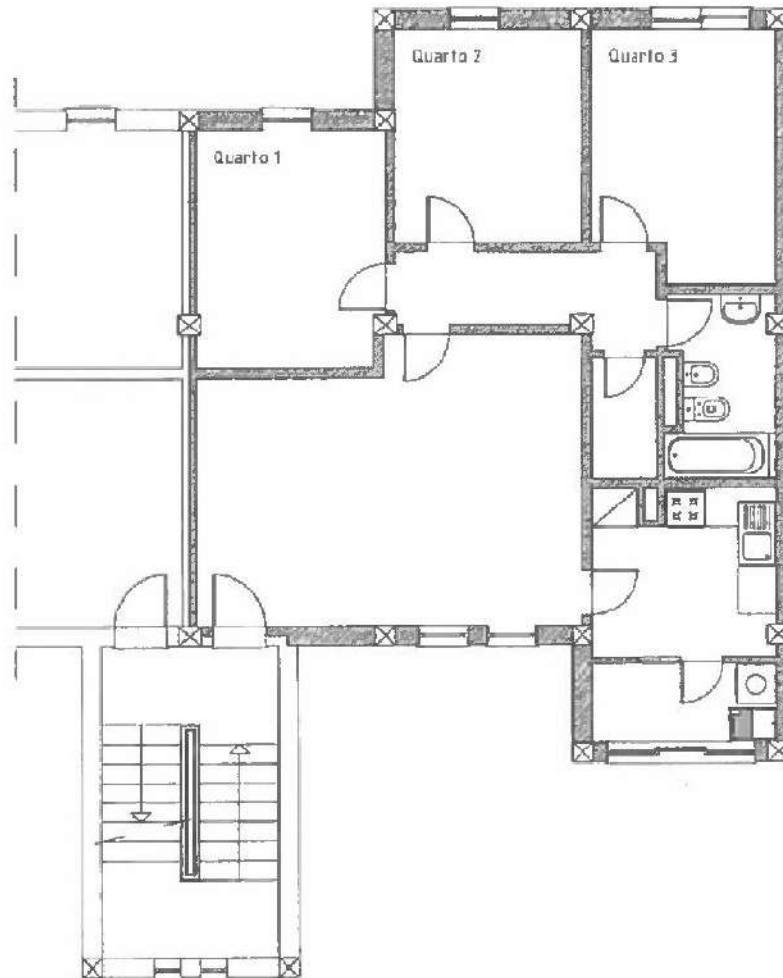
Escala 1/50



CÂMARA MUNICIPAL  
DE  
**COIMBRA**

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE





**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Sala/Entrada	24.39m <sup>2</sup>	46.87m <sup>2</sup>	—	24.39m <sup>2</sup>	17.75m	0.75m x 1.40m 0.75m x 2.00m	0.80m x 2.00m
Circulação	4.74m <sup>2</sup>	21.31m <sup>2</sup>	—	4.74m <sup>2</sup>	7.25m	—	0.70m x 2.00m
Quarto 1	10.28m <sup>2</sup>	31.29m <sup>2</sup>	—	10.28m <sup>2</sup>	11.70m	0.75m x 2.00m	0.70m x 2.00m
Quarto 2	9.12m <sup>2</sup>	29.01m <sup>2</sup>	—	9.12m <sup>2</sup>	11.40m	0.75m x 1.40m	0.70m x 2.00m
Quarto 3	10.13m <sup>2</sup>	31.47m <sup>2</sup>	—	10.13m <sup>2</sup>	12.65m	0.75m x 1.05m 0.75m x 1.40m	0.70m x 2.00m
Arrumo	1.85m <sup>2</sup>	13.62m <sup>2</sup>	—	1.85m <sup>2</sup>	—	—	0.80m x 2.00m
Inst. Sanitária	4.37m <sup>2</sup>	5.91m <sup>2</sup>	18.30m <sup>2</sup>	4.37m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Cozinha	7.06m <sup>2</sup>	5.71m <sup>2</sup>	21.35m <sup>2</sup>	7.06m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Varanda	3.39m <sup>2</sup>	2.24m <sup>2</sup>	11.90m <sup>2</sup>	3.39m <sup>2</sup>	—	2.25m x 1.40m 0.85m x 1.00m	0.85m x 2.00m

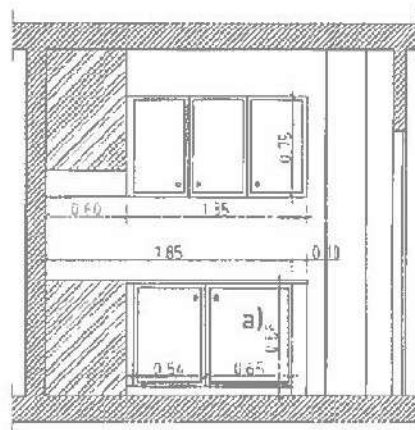
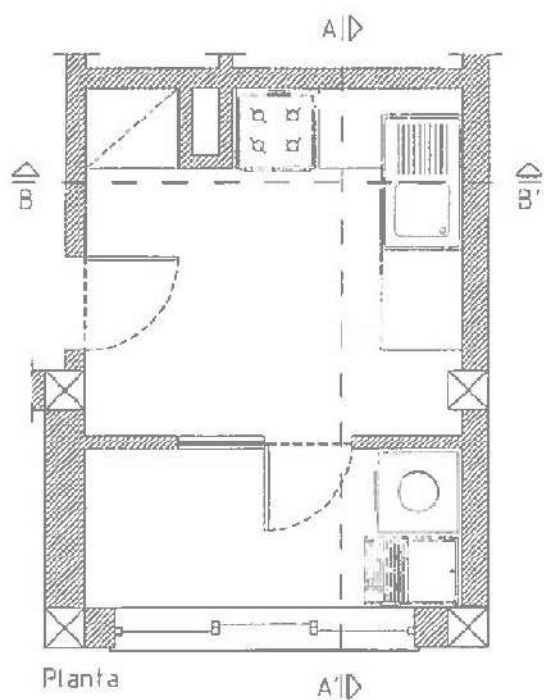
Identificação do fogo: Lote 12 - 1.º Dto. Data prevista para o início da obra:     /     /    

Recebi: \_\_\_\_\_ (data e assinatura do encarregado) \_\_\_\_\_ (nome)  
 \_\_\_\_\_ (encarregado)

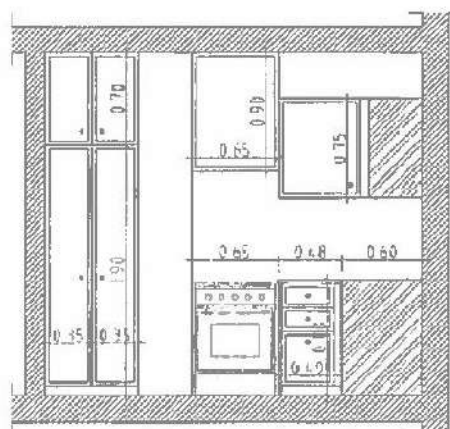
Bairro da Rosa  
 T3 Tipo (Dto.)  
 Área Útil = 75.33m<sup>2</sup>  
 Escala 1/100



COZINHA T3 TIPO (Dfo.)



Corte A-A'



Corte B-B'

a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.

Bairro da Rosa

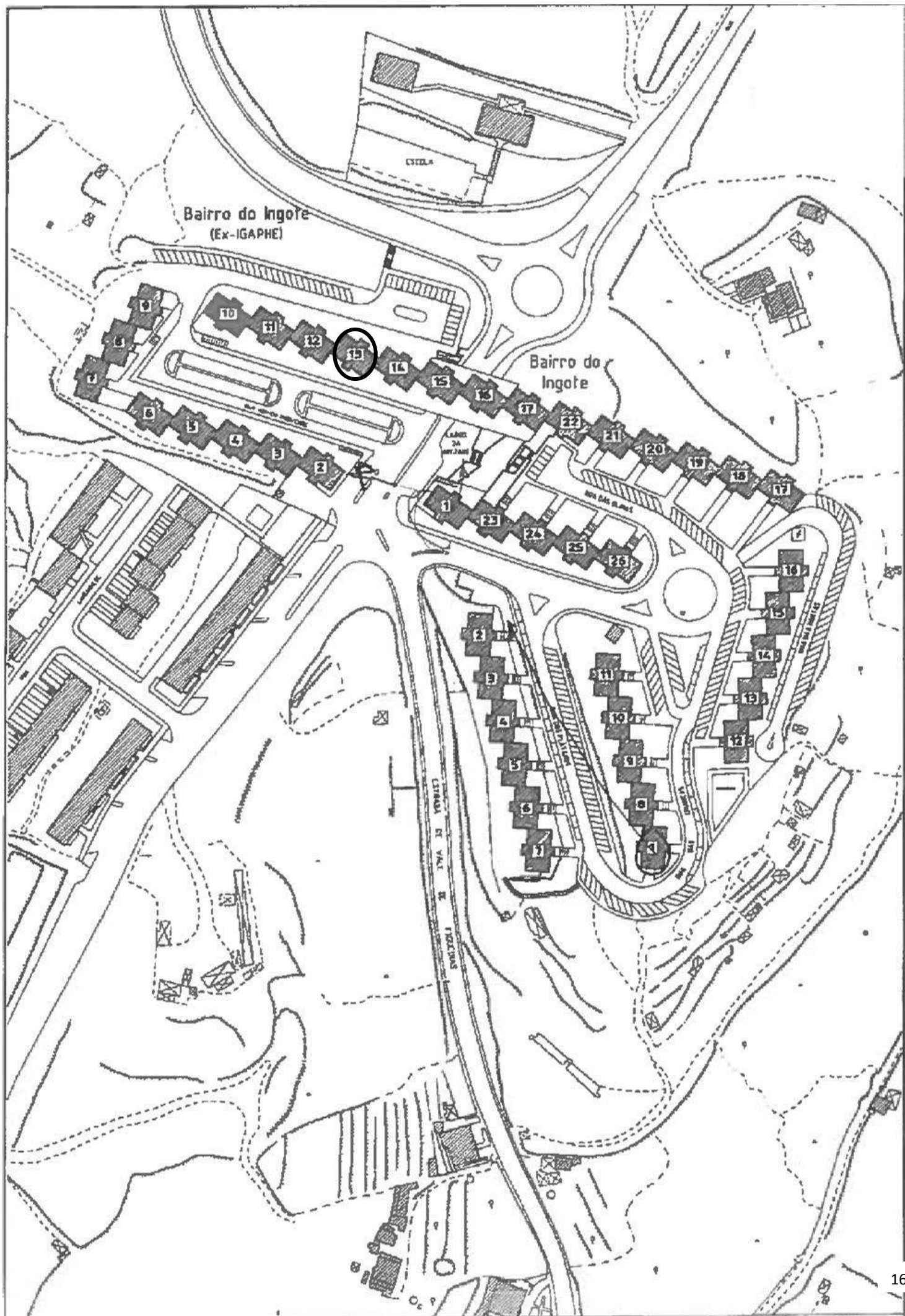
Cozinha T2 Tipo (Dfo.)

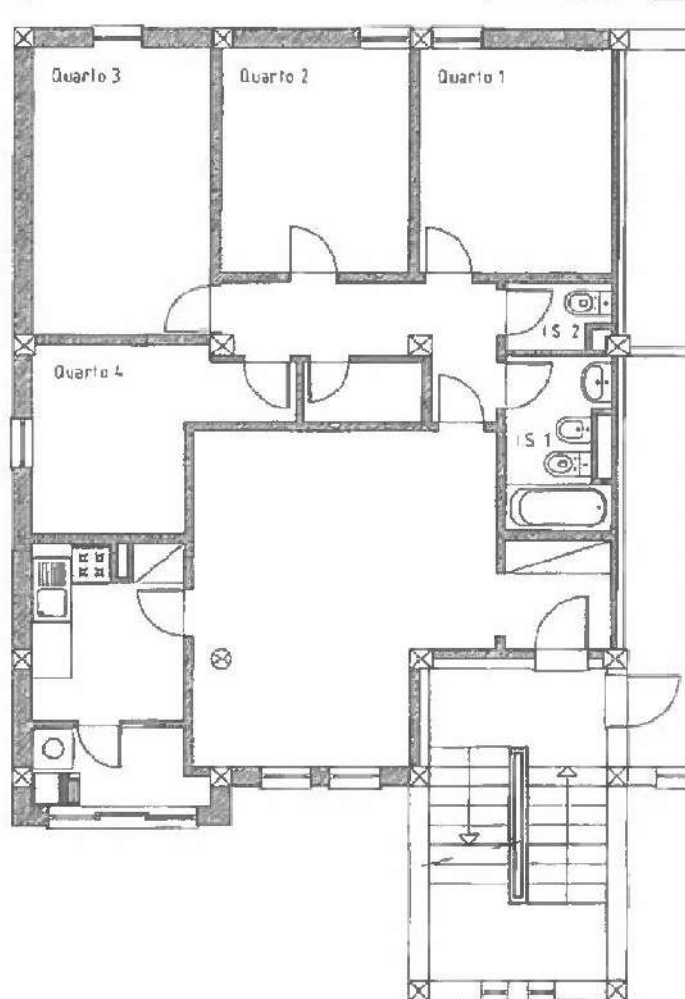
Escala 1/50



CÂMARA MUNICIPAL  
DE  
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE





**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente (Conteúdo)	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Vestibulo/Entrada	2.84m <sup>2</sup>	13.40m <sup>2</sup>	—	2.84m <sup>2</sup>	3.15ml	—	0.80m x 2.00m
Sala	20.99m <sup>2</sup>	45.96m <sup>2</sup>	—	20.99m <sup>2</sup>	17.00ml	0.75m x 1.40m 0.75m x 1.40m	—
Circulação	5.40m <sup>2</sup>	23.18m <sup>2</sup>	—	5.40m <sup>2</sup>	7.65ml	—	0.70m x 2.00m
Inst. Sanitária 1	3.90m <sup>2</sup>	5.48m <sup>2</sup>	16.80m <sup>2</sup>	3.90m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Inst. Sanitária 2	1.44m <sup>2</sup>	3.12m <sup>2</sup>	9.00m <sup>2</sup>	1.44m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Armário	1.62m <sup>2</sup>	12.84m <sup>2</sup>	—	1.62m <sup>2</sup>	—	—	0.60m x 2.00m
Quarto 1	9.80m <sup>2</sup>	30.18m <sup>2</sup>	—	9.80m <sup>2</sup>	11.85ml	0.75m x 1.40m	0.70m x 2.00m
Quarto 2	9.55m <sup>2</sup>	29.76m <sup>2</sup>	—	9.55m <sup>2</sup>	11.70ml	0.75m x 1.40m	0.70m x 2.00m
Quarto 3	11.61m <sup>2</sup>	33.50m <sup>2</sup>	—	11.61m <sup>2</sup>	12.55ml	0.75m x 2.00m	0.70m x 2.00m
Quarto 4	8.18m <sup>2</sup>	33.38m <sup>2</sup>	—	8.18m <sup>2</sup>	13.00ml	0.75m x 1.10m	0.70m x 2.00m
Cocina	6.00m <sup>2</sup>	5.34m <sup>2</sup>	19.05m <sup>2</sup>	6.00m <sup>2</sup>	—	—	0.70m x 2.00m
Marquise	2.95m <sup>2</sup>	2.43m <sup>2</sup>	11.50m <sup>2</sup>	7.85m <sup>2</sup>	—	2.25m x 1.40m 0.65m x 1.00m	0.65m x 2.00m

Identificação do fogo: Lote 13 - 2.º Esq. Data prevista para o início da obra:  / /

Recebi: \_\_\_\_\_ (data e assinatura do encarregado) \_\_\_\_\_ (início)  
 \_\_\_\_\_ (encarregado)

Bairro da Rosa

T4 Tipo (Esq.)

Área Útil = 84.08m<sup>2</sup>

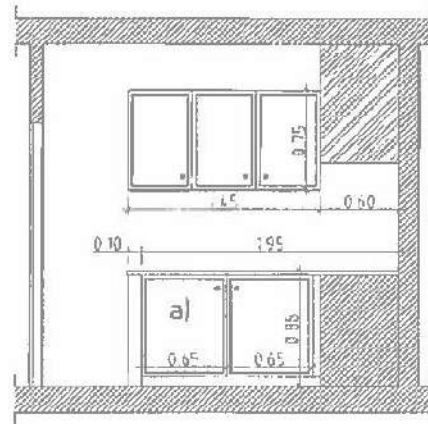
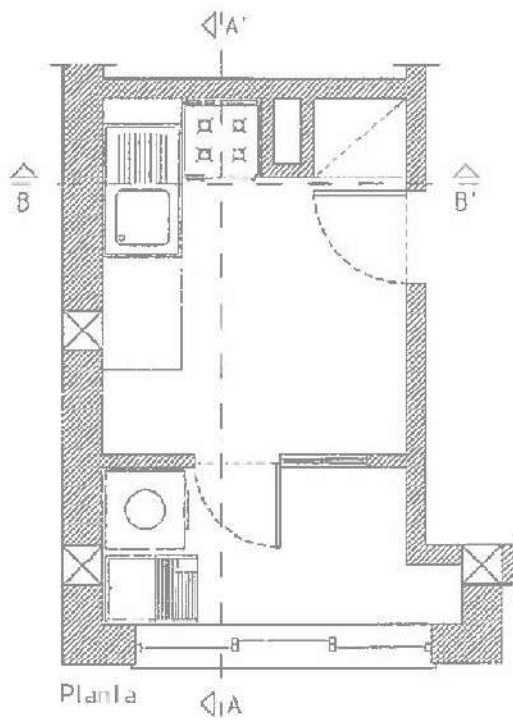
Escala 1/100



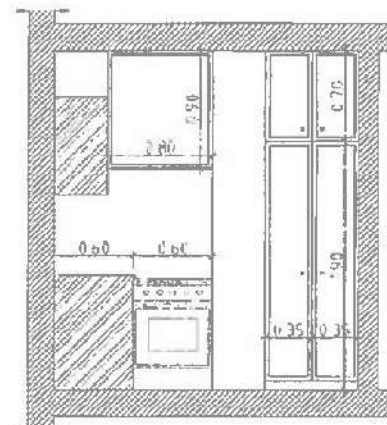
**CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA**

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE

COZINHA T4 TIPO (Esq.)



Corte A-A'



Corte B-B'

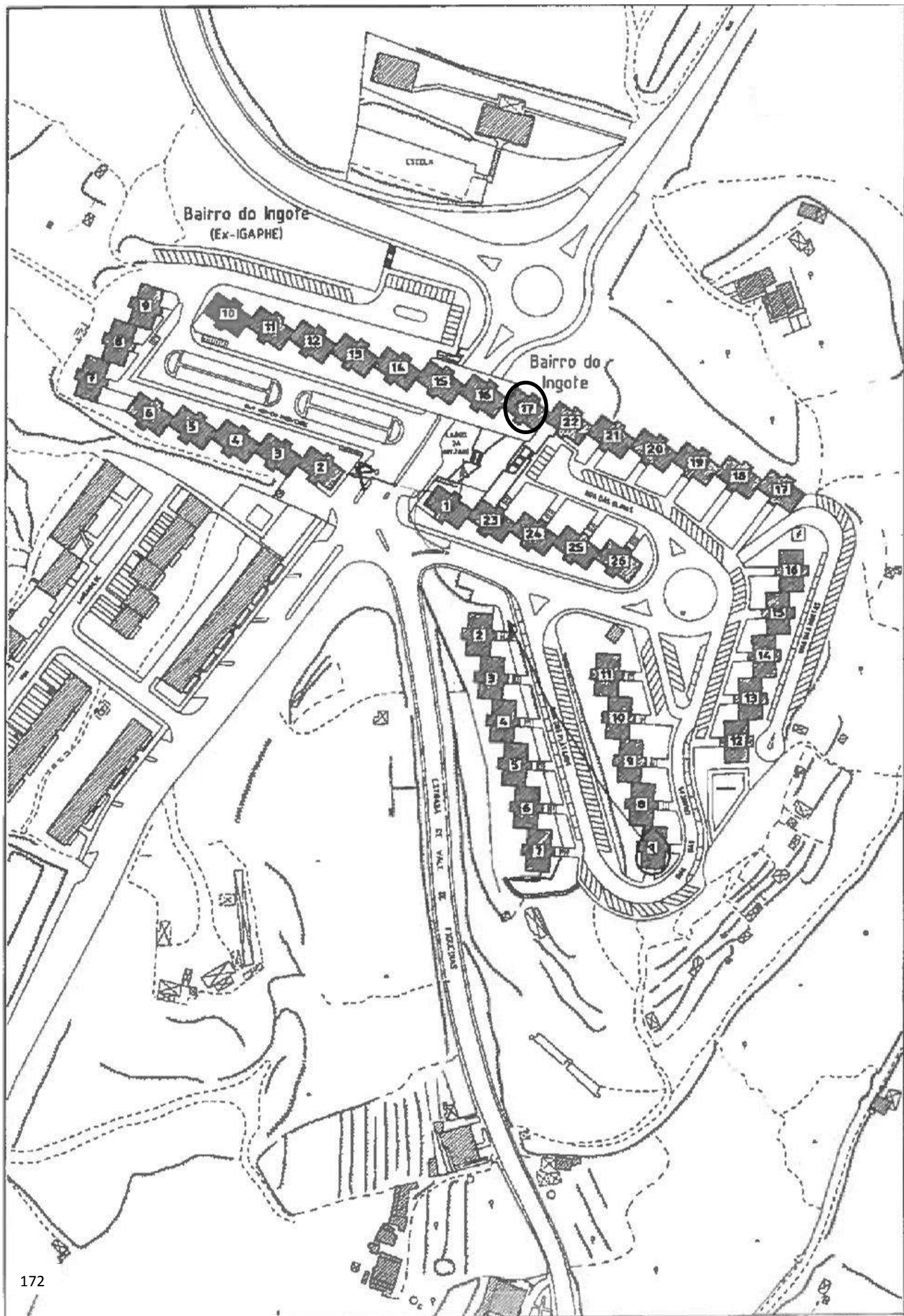
a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.

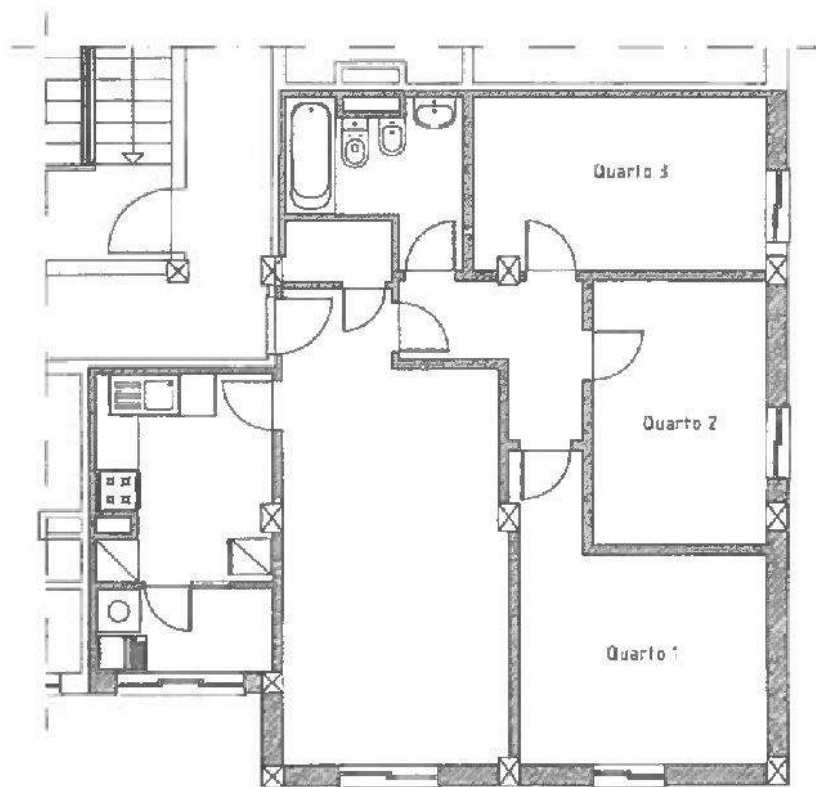
Beirro da Rosa  
Cozinha T4 Tipo (Esq.)  
Escala 1/50



CÂMARA MUNICIPAL  
DE  
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE





**QUADRO DE MEDIÇÕES**

Componente Compartimento	Pavimento	Paredes	Paredes azulejo	Tecto	Rodapé	Janelas	Portas
Sala/Entrada	19.50m <sup>2</sup>	45.44m <sup>2</sup>	—	19.50m <sup>2</sup>	17.20ml	1.40mx1.40m	0.80mx2.00m
Circulação	4.05m <sup>2</sup>	22.47m <sup>2</sup>	—	4.05m <sup>2</sup>	5.30ml	—	0.70mx2.00m
Quarto 1	11.96m <sup>2</sup>	40.80m <sup>2</sup>	—	11.96m <sup>2</sup>	15.60ml	1.00mx1.00m	0.70mx2.00m
Quarto 2	9.19m <sup>2</sup>	30.46m <sup>2</sup>	—	9.19m <sup>2</sup>	11.70ml	1.00mx1.00m	0.70mx2.00m
Quarto 3	10.11m <sup>2</sup>	33.64m <sup>2</sup>	—	10.11m <sup>2</sup>	12.93ml	1.00mx1.00m	0.70mx2.00m
Armário	1.29m <sup>2</sup>	11.52m <sup>2</sup>	—	1.29m <sup>2</sup>	—	—	0.60mx2.00m
Inst. Sanitária	4.55m <sup>2</sup>	6.83m <sup>2</sup>	19.60m <sup>2</sup>	4.55m <sup>2</sup>	—	—	0.70mx2.00m
Cozinha	7.08m <sup>2</sup>	8.06m <sup>2</sup>	21.45m <sup>2</sup>	7.08m <sup>2</sup>	—	—	0.70mx2.00m
Varanda	3.00m <sup>2</sup>	4.81m <sup>2</sup>	9.78m <sup>2</sup>	3.00m <sup>2</sup>	—	1.80mx1.70m 0.85mx1.00m	0.65mx2.00m

Identificação do fogo: Lote 17 - 3.º B \_\_\_\_\_ Data prevista para o início da obra: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

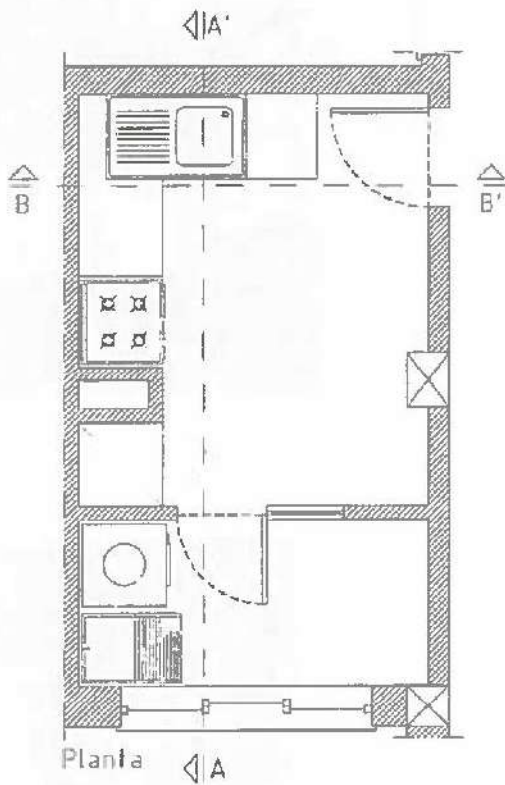
Recebi: \_\_\_\_\_  
(data e assinatura do encarregado) (técnico)  
(encarregado)

Bairro da Rosa  
 Lote 17 - T3  
 Área Útil = 84.08m<sup>2</sup>  
 Escala 1/100

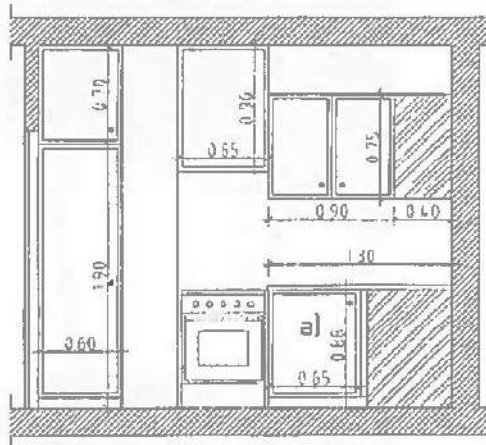


**CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA**  
 DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
 DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE

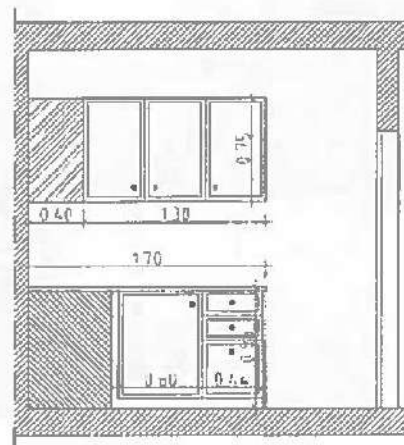
COZINHA TIPO LOTE 17 (PORTA B)



a) Esta porta deve ter largura suficiente para se colocar máquina de lavar louça.



Corte A-A'



Corte B-B'

Bairro da Rosa

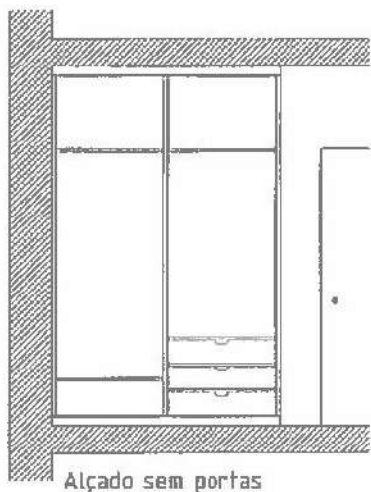
Cozinha Tipo Lote 17 Porta B

Escala 1/50

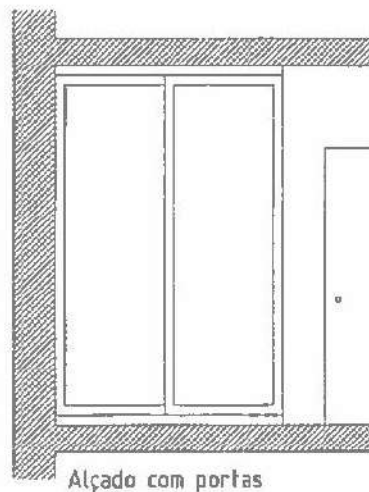


CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA

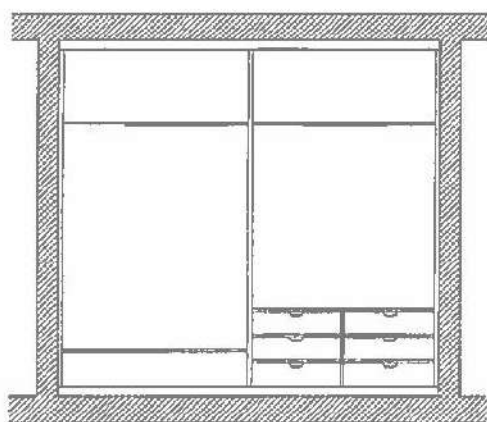
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE



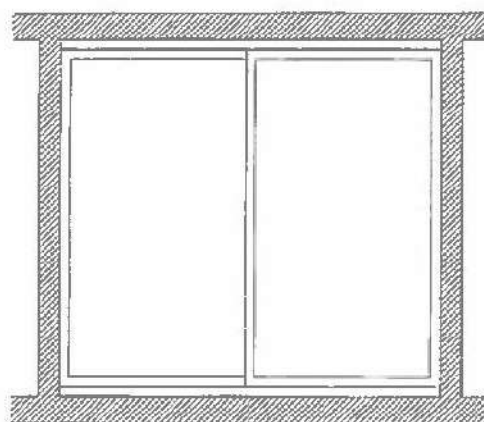
Alçado sem portas



Alçado com portas



Alçado sem portas



Alçado com portas

Bairro da Rosa

Roupeiros Tipo

Escala 1/50



CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AMBIENTE  
DIVISÃO DE PROMOÇÃO DA HABITABILIDADE

